

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

**Semanticização e Sintaticização das Construções de
Dupla Conjunção no Português Brasileiro**

Celso Massato Kobashi

VERSÃO CORRIGIDA PÓS-DEFESA

– São Paulo –

2013

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

**Semanticização e Sintaticização das Construções de
Dupla Conjunção no Português Brasileiro**

Celso Massato Kobashi

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Doutor em Letras.

VERSÃO CORRIGIDA PÓS-DEFESA

Orientadora: Profa. Dra. Angela C. S. Rodrigues

– São Paulo –

2013

RESUMO

Esta tese tem por objetivo analisar os processos de semanticização e sintaticização das construções “de dupla conjunção” no português brasileiro. Tais construções se caracterizam por apresentar uma sequência de elementos conjuncionais sem qualquer intercalação de itens de outra natureza – exemplos: MAS SE, E QUANDO, entre outros. A pesquisa baseia-se na proposta de Castilho (2010), que concebe a língua como um sistema complexo, dividido em quatro subsistemas: Gramática, Semântica, Discurso e Léxico, sem que haja hierarquia ou determinações entre eles.

A análise contempla questões semânticas e sintáticas das construções de dupla conjunção. Na semântica, busca-se a apreensão dos valores que advêm dos pares conjuncionais e o entendimento de como cada um dos conectores contribui na expressão desses valores. Na sintaxe, enfoca-se a natureza e o modo de construção dessas estruturas complexas e suas características sintáticas.

O *corpus* sob análise é constituído de cartas e inquéritos orais populares, divididos em quatro fases: final do século XIX (cartas particulares); início do século XX (cartas particulares); final do século XX (inquéritos orais e cartas particulares) e início do século XXI (inquéritos orais). As cartas e inquéritos têm em comum os traços de espontaneidade e da oralidade conceptual, nos termos de Koch & Oesterreicher (1985, *apud* Simões, 2007).

Palavras-chave: dupla conjunção; semanticização; sintaticização; cartas e língua oral popular; português brasileiro.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the processes of semanticization and sintaticization involving constructions of double conjunctions in Brazilian Portuguese. These constructions are characterized by presenting a sequence of conjunctive elements without any intercalation of items of other nature between them - examples: AS IF, AND WHEN, among others. The research is based on Castilho's proposal (2010), which perceives language as a complex system, divided into four subsystems: Grammar, Semantics, Discourse and Lexicon, having no hierarchy or determination among them.

The analysis includes semantic and syntactic questions regarding double conjunctions' constructions. In Semantics, we seek to infer the values of conjunctive pairs and to understand how each one of the connectors contributes to the expression of these values. In Syntax, we focus on the nature and the way in which these complex structures are constructed, and some of their syntactic features.

The data under analysis is constituted by letters and oral interviews, divided in four phases: end of 19th century (private letters), beginning of 20th century (private letters), end of 20th century (oral interviews and private letters), and beginning of 21th century (oral interviews). The letters and interviews have in common traces of spontaneous speech and conceptual orality, in the terms of Koch & Oesterreicher (1985, *apud* Simões, 2007).

Keywords: double conjunctions; semanticization; sintaticization; letters and oral popular speech; Brazilian Portuguese

DEDICATÓRIA:

À minha Família
pelo imprescindível apoio e incentivo em todos os
momentos.
E à Verena Kewitz, a melhor companhia para a vida e para as alegrias e
dificuldades deste trabalho.

Agradecimentos

A CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

À querida amiga Profa. Dra. Angela Cecília de Souza Rodrigues, pela orientação e por mais essa oportunidade de aprendizado acadêmico e de vida.

Aos queridos Deize, José e Verena, que me ajudaram imensamente na qualificação e revisão deste trabalho. Preciosa também foi a contribuição dos colegas participantes do mui seletto e único Grupo Duvidoso, que além dos três, conta ainda com a Dayane Cristina, a Alessandra Castilho, o Paulo Jeferson e a Steffi Niehoff: a vocês todos, um afetuoso abraço do Estribeiro-Mor!

Procê, minha querida Miguinha – amiga pa todos os momento, irmã pa toda vida –, oito Brações cheios de carinho, afeto, echo e Sliding!

E como a vida, graças a Deus, não é feita só de orações complexas, semântica e sintaxe, agradeço também a Dayane Esteves Nogueira, Joyce Mattos, Flaviana Consentino, Ana Carolina Modena Lacerda, Suzana Triboni, Elaine Onda Rezende, Andrea Y. de Mattos, Andrea Mendes, Carolina Moraes, Denise Batz, Letícia Campos, Carina Dittrich, Tatiani Loro e todas as minhas amigas “alemãs”; Sheila Maki, Ieda Lebensztayn, Fernanda Consoni, Ivanilde da Silva, Lica Hashimoto, Gabriele Schumm, Célia Vettorazzo, Carolina Raizer, Yumi Suzuki e Flávio Morbach.

Muito obrigado!

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1: Abordagem teórica	13
Capítulo 2: Descrição do Objeto e dos processos sob Análise	17
2.1: As construções de dupla conjunção	17
2.2: Os processos de Semanticização e Sintaticização	19
2.2.1: A Semanticização das construções de dupla conjunção	19
2.2.2: A Sintaticização construções de dupla conjunção	20
Capítulo 3: As conjunções	22
3.1 Abordagem histórica	22
3.2 Abordagem tradicional	22
3.3 Estudos descritivos	23
3.4 Abordagem cognitiva	27
Capítulo 4: A Combinação de Orações	29
4.1 Perspectiva histórica	29
4.2 Abordagem tradicional	31
4.3 Estudos descritivos	34
4.4 Visão multissistêmica da língua	44
4.5 A Semântica cognitiva	47
Capítulo 5: Algumas características semânticas e sintáticas das conjunções	50
5.1.1 A coordenação aditiva	50
5.1.2 A coordenação alternativa ou disjuntiva	51
5.1.3 A coordenação adversativa	53
5.2.1 A subordinação temporal	55
5.2.2 A subordinação causal	57
5.2.3 A subordinação condicional	58

Capítulo 6: O corpus e a metodologia de análise dos dados.....	64
Capítulo 7: Semanticização das construções de dupla conjunção	69
7.1 Definição	69
7.2 Construções de dupla conjunção, semântica cognitiva e abordagem multissistêmica da língua.....	70
7.3 Os valores semânticos das construções de dupla conjunção.....	72
7.4 Os eventos cognitivos nas construções de dupla conjunção	89
Capítulo 8: Sintaticização das construções de dupla conjunção	92
8.1 A natureza e a estrutura da construção	92
8.2 O modo de construção	95
8.3 Algumas características sintáticas das construções de dupla conjunção	103
8.3.1 Clivagem	103
8.3.2 Compatibilidade com a negação.....	113
8.3.3 Compatibilidade com elementos de focalização e/ou restrição.....	121
8.3.4 Mudança na ordenação das sentenças	128
Considerações finais	142
Referências bibliográficas.....	146

Índice de quadros

1. Comparação entre a classificação tradicional e a de Perini (1986).....	37
2. Fases do corpus desta pesquisa	64
3. A escala de <i>agregação e integração</i> (adaptado de Raible, 1992; <i>apud</i> Simões, 2007)	93

4. Esquema das construções de dupla conjunção introduzidas por conector coordenado	94
5. Esquema das construções de dupla conjunção introduzidas por conector subordinado.....	95
6. Características sintáticas das construções de dupla conjunção.....	139

Índice de figuras

1. Adaptado de “Hierarchical downgrading” (Lehmann (1988, p. 189)	42
2. adaptado de Syntactic level (Lehmann, 1988, p. 192)	42

Legenda das ocorrências

BD = Inquérito pertencente ao Banco de Dados do Português Popular Falado na Cidade de São Paulo, organizado, pela Profa. Dra. Ângela C. Rodrigues (USP), inédito. A este mesmo acervo pertencem os inquéritos identificados como “**x – 21a**”, “**2 – 2a**” “**BD XIV**” e semelhantes. Parte desses inquéritos está em Rodrigues (no prelo) e a sua maioria é inédita.

CPP = correspondência passiva particular de Verena Kewitz (USP), inédita.

CPWL = Correspondência Passiva de Washington Luiz *corpus* composto por Verena Kewitz (USP), publicado em Simões & Kewitz (2006).

CPWL XX = Correspondência Passiva de Washington Luiz na primeira metade do século XX. (Kewitz, em preparação).

MB = carta de Manuel Bandeira (Cf. Bandeira, 1958)

RMB = Cartas de Mário de Andrade para Rubens De Moraes Barbosa (Cf. De Moraes, 1979)

Introdução

A principal motivação desta pesquisa é dar sequência ao trabalho que desenvolvi na Iniciação Científica (IC) e no Mestrado.

Em IC, trabalhei com as construções condicionais num *corpus* constituído de inquéritos que documentam o português popular falado na cidade de São Paulo. Abordei questões relativas às características básicas das orações condicionais, tais como: 1) as concepções lógico-semântica e pragmática: condicionais reais, irreais e eventuais; implicativas, epistêmicas e de “atos de fala”, com predomínio das construções eventuais de natureza implicativa; 2) a ordenação das orações: condicionais antepostas, que são majoritárias, intercaladas e pospostas e 3) a morfologia de tempos e modos verbais, sendo o esquema de maior frequência “Futuro do Subjuntivo (condicional) / Presente do Indicativo (núcleo)”.

Já no Mestrado (Cf. Kobashi 2004), verifiquei, em um *corpus* de língua oral popular, a relação que se estabelece entre as três ordenações de sentenças possíveis no período condicional – orações antepostas, pospostas e intercaladas – e as nuances semânticas expressas através dessas ordenações. Nas condicionais antepostas (a ordenação predominante), destacam-se os valores semânticos de *implicação* e *habitualidade*¹, expressos na fórmula canônica “Se P, (então) Q”. Nas construções pospostas e intercaladas, predominam a *ressalva* e a *contraposição*.

Além da relação entre a ordenação de sentenças e os valores semânticos expressos, abordei também as possíveis razões que explicam a grande predominância das condicionais antepostas no *corpus* analisado. Observei que alguns parâmetros – tais como: mobilidade das orações, explicitude do sujeito, correspondência de tempos e modos verbais e identidade do sujeito – indicam uma relação entre a ordem e o discurso: as condicionais antepostas atuam na organização do discurso, na medida em que servem de “moldura de referência” a o que é dito na oração nuclear.

Durante o Mestrado, as construções de dupla conjunção (ex: MAS SE,

¹ “Habitualidade” é um tipo de implicação que se caracteriza pela repetição (SE = “toda vez que”)

PORQUE SE, ENTÃO SE, entre outras) me chamaram a atenção, pela peculiaridade de explicitar simultaneamente os dois processos de combinação sentencial, coordenação e subordinação. Resolvi, agora no Doutorado, abordar mais profundamente essas construções.

A presente pesquisa é, ao mesmo tempo, uma sequência e uma ampliação do trabalho que desenvolvi até aqui: sequência, pois trataremos novamente das questões relativas à semântica e à sintaxe das construções complexas, e ampliação, porque o objeto de estudo envolve os dois processos de combinação sentencial, e porque o *corpus* a ser analisado é de tipologia mais variada.

As construções aqui denominadas “de dupla conjunção” ainda não foram objeto de um estudo mais aprofundado. Quando são citadas em gramáticas normativas ou em obras de referência a respeito do português culto falado ou do português escrito, essas construções aparecem de três maneiras: 1) citadas como casos isolados (Cf. Camacho, 1997 – para o E QUANDO); 2) como exemplos ilustrativos (Cf. Neves, 2000 – E COMO, entre outros casos); 3) em seções destinadas a situações não prototípicas envolvendo as conjunções, tais como: “Outros valores de e” (E QUANDO) e “Outras conjunções adversativas” (E NO ENTANTO) (Cf. Pezatti e Longhin-Thomazi, 2008).

Este panorama indica que ainda há uma caracterização a ser realizada. Em outros termos, há um “fio condutor” a ser desvelado e que permite focar essas construções de maneira mais sistemática e rigorosa. A partir dessa premissa (ou hipótese), a minha pesquisa tem como objetivo tratar dessas construções conjuncionais nos domínios da Semântica e da Sintaxe.

Do ponto de vista semântico, as principais questões que se colocam são:

- 1) quais os valores semânticos expressos nessas construções?
- 2) Como são obtidos esses valores, levando-se em conta cada elemento do par conjuncional?

No plano sintático, a questão primordial diz respeito à natureza da construção: o que são esses períodos de dupla conjunção? A partir dessa, desdobram-se outras perguntas: 1) Como são estruturadas essas construções e 2) Quais as características sintáticas dessas construções?

Este trabalho insere-se dentro da abordagem funcionalista, pois, a partir dos dados extraídos da língua em uso nos últimos dois séculos, procuro as explicações para os fatos gramaticais, tendo como base o contexto ou a situação de comunicação.

A metodologia empregada constituiu na recolha e posterior análise dos dados, tendo como base os critérios mostrados no capítulo 6 deste trabalho.

O trabalho está dividido em oito capítulos. No primeiro, farei breves considerações sobre as teorias que fundamentam o meu trabalho: o funcionalismo, a linguística cognitiva e a visão multissistêmica da língua.

No segundo capítulo, abordo as construções de dupla conjunção e os processos de semanticização e sintaticização.

No terceiro capítulo, trato das conjunções, segundo as seguintes perspectivas: 1) abordagem histórica; 2) gramática tradicional; 3) estudos descritivos, 4) visão multissistêmica da língua e 5) semântica cognitiva.

Também sob essas mesmas perspectivas, trato, no capítulo quatro, da combinação de orações, sobretudo das orações coordenadas e das subordinadas adverbiais.

No quinto capítulo, faço uma rápida descrição das características semânticas e sintáticas de três conjunções coordenadas (*e, ou, mas*) e outras três subordinadas (*quando, porque/como, se*).

O sexto capítulo é reservado às considerações de ordem metodológica, no que diz respeito à natureza do *corpus* sob análise, aos critérios utilizados para a seleção dos dados e às questões pertinentes em análise nesta pesquisa.

Os capítulos seguintes trazem a análise dos dados, no que concerne aos processos de semanticização (sétimo capítulo) e sintaticização (oitavo) das construções de dupla conjunção.

Nas considerações finais, retomo os resultados mais importantes da pesquisa, visando responder, se possível, às questões centrais deste trabalho expostas acima.

Capítulo 1 – Abordagem teórica

Este trabalho insere-se dentro da teoria funcionalista da linguagem. Uma abordagem funcionalista é aquela que procura estabelecer alguns princípios gerais de como a língua é utilizada pelos falantes. Esta corrente teórica examina a “competência comunicativa” dos falantes. E, tendo como base a noção essencial de que a língua é um *instrumento de comunicação*, oferece um tratamento *funcional* da organização interna da linguagem.

Neves (1997) assinala que o primeiro postulado do funcionalismo é o da *não autonomia* da língua (e da gramática). A língua não pode ser descrita como um sistema autônomo, pois a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como “cognição”, “comunicação” e “interação social”. Assim sendo, a gramática funcional integra a sistematicidade e a funcionalidade da língua. Sua hipótese fundamental é a existência de uma relação não arbitrária entre a gramática e o uso da língua. Ela não confere à sentença uma estrutura inequívoca: a simples descrição estrutural da sentença não é suficiente; a descrição completa deve fazer referência ao falante e ao ouvinte e aos seus papéis na interação verbal.

Além da perspectiva funcionalista, o outro aporte teórico deste trabalho é a Linguística Cognitiva. Sob essa denominação, abrigam-se diversas teorias cognitivas da linguagem. Salomão [2006] *apud* Kewitz (2007), afirma que, apesar de heterogêneas, essas teorias possuem uma unidade essencial, que se baseia em três postulados:

(i) A cognição linguística é contínua aos demais sistemas cognitivos; portanto a linguagem não é um sistema cognitivo autônomo.

(ii) A gramática é uma grande rede de construções.

(iii) Todo processo de significação precede pela projeção entre domínios cognitivos; portanto, a semântica cognitivista tem um viés inferencialista.

Eis alguns campos de investigação da Linguística Cognitiva: Teoria do Caso/Frame Semantics/Gramática de Construções, Teoria dos Protótipos, Teoria da Metáfora, Teoria dos Espaços Mentais, Gramática Cognitiva e Semântica Cognitiva. Nesta pesquisa, me vali apenas desta última teoria.

Os estudos na área de Semântica Cognitiva encontram maior representação nos trabalhos de Talmy, que se concentra nos padrões e nos processos que organizam os conceitos na língua. Para ele, a relação entre uma expressão linguística e as coisas no mundo não pode ser direta, mas deve passar pela mente dos usuários da língua, que devem reconhecer tal expressão. Dessa forma, uma expressão linguística evoca um conceito na mente desse usuário pelo sistema cognitivo. Esse conceito é, em seguida, relacionado a outros conceitos em sua mente, inclusive aqueles referentes ao mundo à sua volta. De acordo com o autor, a língua constitui-se de dois subsistemas: o Léxico e a Gramática. No primeiro subsistema, incluem-se os itens de classes abertas, portadoras de conteúdo. Na gramática, inserem-se os itens de classes fechadas, que estruturam a conceitualização. O foco de Talmy recai sobre os itens de classes fechadas, especialmente as preposições e as conjunções, sobretudo as do inglês.

O terceiro pilar teórico desta pesquisa é a abordagem da língua como um conjunto multissistêmico, proposta elaborada por Castilho (2007, 2010), na qual estão presentes a **Semanticização** e a **Sintaticização**, que são processos de criação e mudança linguísticas.

O autor postula que a língua pode ser vista como um sistema composto de produtos e processos. Os produtos têm suas propriedades dispostas nos subsistemas da Gramática, do Léxico, da Semântica e do Discurso, e os processos dividem-se entre gramaticalização, lexicalização, semanticização e discursivização. Os produtos e os processos baseiam-se em princípios sociocognitivos: *cognitivos*, porque envolvem categorias cognitivas de visão, espaço, movimento etc, e *sociais* por se basearem nas situações do ato de fala. Eles se articulam simultaneamente, multilinearmente e dinamicamente pelos princípios sociocognitivos de ativação, reativação e desativação de suas propriedades.

O princípio de ativação refere-se ao movimento mental em que propriedades lexicais, gramaticais, semânticas e discursivas são selecionadas. A reativação é a retomada dessas propriedades, e a desativação corresponde ao 'silêncio' ou abandono de propriedades previamente ativadas. Todos esses princípios atuam simultaneamente na mente humana por acúmulo de impulsos. A língua é, portanto, um processo contínuo de perdas e ganhos, de ativações,

reativações e desativações. Tudo isso corresponde a uma espécie de negociação entre os interlocutores, entendendo-os aqui não apenas entre duas ou mais pessoas, mas também com nosso próprio “eu”, uma vez que o ser humano está constantemente “conversando” consigo mesmo.

Nessa proposta, os quatro subsistemas operam independentemente entre si, ou seja, o Discurso não determina a criação de sentidos ou de categorias gramaticais, a Gramática não estipula a criação de elementos discursivos, e assim por diante.

Dessa maneira, a abordagem da língua como um sistema complexo diferencia-se das demais teorias de mudança linguística: nesta proposta, a gramaticalização é vista como um dos processos (e não o único) a promover alterações nas línguas. Cada um dos subsistemas apresenta o seu próprio processo de mudança linguística, e, portanto, é possível analisar um item linguístico em quatro perspectivas distintas.

Em última análise, a proposta de Castilho centra-se na independência, simultaneidade e dinamismo entre os quatro domínios da linguagem. Para fins de análise linguística, cada domínio é abordado de modo separado, o que, a meu ver, é metodologicamente pertinente, pois permite ver cada processo com mais detalhes e evita-se a criação de regras de determinação e dependência entre os subsistemas.

No caso das construções de dupla conjunção, pode-se entrever que há uma atuação paralela e simultânea em pelo menos três domínios da linguagem: a semântica, a sintaxe e o discurso. Por razões de recorte metodológico, abordarei apenas os dois primeiros, mas não desconheço que o processo de Discursivização é também um campo bastante profícuo para essas construções, principalmente no que tange às questões relacionadas à correção e/ou reformulação dos enunciados e aos marcadores discursivos.

Da exposição desses três aportes teóricos, nota-se que há um princípio fundamental entre eles, o da não autonomia da língua (e da gramática): ela só pode ser entendida a partir de uma rede integrada de relações.

Meu trabalho se ampara nesses três pilares pelo meu interesse em trabalhar com dados da língua em uso, com a finalidade de analisar a sucessão de eventos que se articulam numa construção complexa e de caracterizar essas construções, nos domínios da semântica e da sintaxe.

CAPÍTULO 2 – Descrição do objeto e dos processos sob análise

2.1 As construções de dupla conjunção

Nesta pesquisa, analiso, no que tange aos aspectos semânticos e sintáticos, construções como as seguintes:

- (1) eu nunca ultrapassu essi limiti **purque si** eu ultrapassá essi limiti você podi tê uma decepção... i você vai sofrê... nê? (X – 21a)
- (2) **Inf.** é pra todos... **p'que quando** deus mandá chuva ele mande pra todos né... só espero que um dia há de melhorá né (**BD XIV**)
- (3) Acho, aqui na minha opinião, que a Vida sem a Morte não faz sentido. Eu não sei explicar o porquê, **mas quando** descobrir, eu te avisarei. (**CPP**, 17/Abr/1991)
- (4) Elle ja viu a fazenda, **e como** tem com migo interesse na porcentagem *muito* custamos arranjar comprador. (**CPWL**, 1896, p.30)
- (5) Ora numa revista de vanguarda, como Terra Roxa importa que demos sempre o melhor de nós mesmos. **Porque quando** se cai na vanguarda, o resto da tropa passa por cima... (**MB**, p. 1395)

As construções aqui denominadas “de dupla conjunção” se caracterizam por serem “formações em que há uma sucessão de elementos conjuncionais, sem qualquer intercalação de itens de natureza diferente, seja relacional, seja lexical.” (Cristiano & Silva, no prelo).

Bechara (2009) observa que algumas palavras tradicionalmente classificadas como conjunções (POIS, LOGO, PORTANTO, ENTÃO, entre outras) não são de fato conectores sentencias, mas sim advérbios que exercem funções textuais. Na mesma linha seguem Pezatti e Longhin-Thomazi (2008). Tratando das adversativas, as autoras mencionam “elementos e sintagmas de classificação fluida – *contudo, todavia, no entanto, entretanto, porém* –, que tangenciam as categorias de advérbio e conjunção.” (p. 929).

Nesta pesquisa serão consideradas ocorrências em que aparecem essas “conjunções fluidas”, como nos exemplos:

(6) é... fechadinho é... **intão si** si uma criança grita (num nivel) mais altu... du otu ladu iscuta tudu. (D – 10b)

Eis uma definição mais objetiva desse tipo de construção complexa: são formulações marcadas, que se caracterizam pela sequência de pelo menos duas conjunções. Tal construção ocorre pelo deslocamento à esquerda de uma oração circunstancial:

Ordem não marcada:

(1a) eu nunca ultrapassu essi limiti **porque** você podi tê uma decepção... i você vai sofrê **si** ultrapassá essi limiti... nê?

Construção de dupla conjunção:

(1) eu nunca ultrapassu essi limiti **porque si** eu ultrapassá essi limiti você podi tê uma decepção... i você vai sofrê... nê?

Ordem não marcada:

(3a) Acho, aqui na minha opinião, que a Vida sem a Morte não faz sentido. Eu não sei explicar o porquê, **mas** eu te avisarei **quando** descobrir.

Construção de dupla conjunção:

(3) Acho, aqui na minha opinião, que a Vida sem a Morte não faz sentido. Eu não sei explicar o porquê, **mas quando** descobrir, eu te avisarei.

Ordem não marcada:

*(4a) Elle ja viu a fazenda, **e muito** custamos arranjar comprador, **como** tem com migo interesse na porcentagem

(4b) Elle ja viu a fazenda, **e muito** custamos arranjar comprador, **porque/já que** tem com migo interesse na porcentagem

Construção de dupla conjunção:

(4) Elle ja viu a fazenda, **e como** tem com migo interesse na porcentagem *muito* custamos arranjar comprador.

Ordem não marcada:

(5a) Ora numa revista de vanguarda, como Terra Roxa importa que demos sempre o melhor de nós mesmos. **Porque** o resto da tropa passa por cima **quando** se cai na vanguarda.

Construção de dupla conjunção:

(5) Ora numa revista de vanguarda, como Terra Roxa importa que demos sempre o melhor de nós mesmos. **Porque quando** se cai na vanguarda, o resto da tropa passa por cima...

Pelos exemplos acima, é possível assinalar duas características dessas construções:

a) a mobilidade das orações;

b) o escopo das conjunções: cada conjunção tem por escopo uma oração, como pode ser notado em (5a) acima.

2.2 Os processos de Semanticização e Sintaticização

2.2.1 Semanticização das construções de dupla conjunção

Conforme Castilho (2010, p. 122): “A Semanticização é o processo de criação dos sentidos, administrado pelo dispositivo sociocognitivo.” Ainda

segundo ele, a criação dos sentidos requer a utilização de diversas estratégias cognitivas, tais como: (i) emoldurar os participantes via criação de *frames* e cenários, (ii) estabelecer uma hierarquia dos participantes ou dos eventos, (iii) incluir, excluir ou focalizar os participantes ou os eventos, (iv) movimentar os participantes, real ou ficticiamente, (v) mudar a nossa perspectiva sobre os participantes e os eventos, via metáfora, metonímia, especialização, generalização.

No caso do período complexo, esse processo se caracteriza da seguinte forma: é a sequencia de enunciados sentenciais que permite a interpretação que um período é coordenado e/ou subordinado; é aditivo, adversativo, causal, condicional, temporal, entre outros. Cada sentença é um evento e a hierarquia entre eles se estabelece a partir da articulação entre “Figura” e “Fundo” – “Figure” e “Ground”, nos termos de Talmy (2000) –, que será mostrada mais adiante².

2.2.2 Sintaticização das construções de dupla conjunção

Na proposta de Castilho (2007) a atuação da **Gramaticalização** “circunscreve-se às alterações da estrutura fonológica das palavras (fonologização), às alterações que afetam a estrutura da palavra, seu radical e seus afixos (morfologização) e às alterações que afetam a estrutura da sentença, sua reanálise e seus arranjos sintagmáticos e funcionais (sintaticização).” E será a sintaticização o foco da minha pesquisa, por razões de ordem metodológica e de interesse científico, conforme foi mencionado no capítulo anterior.

No que tange às construções de dupla conjunção, a sintaticização diz respeito à disposição das orações no período complexo e às características sintáticas dessas construções. Tais características serão depreendidas através de testes como clivagem, focalização, negação e outros.

² Cf. pp. 47-49 deste trabalho.

A seguir trato dos elementos constituintes dessas construções: as conjunções e os processos de combinação de orações.

Capítulo 3 – As Conjunções

Neste capítulo, abordo as conjunções, segundo quatro perspectivas, a saber: a histórica, a tradicional, a descritiva e a cognitiva.

3.1. Abordagem histórica

Coutinho (2011) observa que o português herdou poucas conjunções do latim. Para suprir essa carência, a língua recorreu a outras classes de palavras, principalmente aos advérbios e às preposições, originando formas como: *todavia*, *também*, *para que*, *depois que*, entre outras.

Dividem-se as conjunções em coordenativas e subordinativas.

Coordenativas: **e** < *et*; **ora** < **aora* < *ad* + *ora*; **mas**, mais < *magis*; **porende** < **por/pro* + *inde* < *porém*; **ou** < *aut*; *vel* < *vel* (arcaico); **nem** < *nec*; **ergo** < *ergo* (arcaico), entre outras.

Subordinativas: **que** < *quid*; **se** < *si*; **ca** < *quam* (arcaico, comparativa); **como** < *quomo*; **quando** < *quando*.

3.2. Abordagem tradicional

Defino como “tradicional” as gramáticas de cunho normativo e descritivo/normativo, que preconizam as regras de como escrever e falar corretamente o nosso idioma.

Conforme Silveira Bueno (1944)³, as conjunções são conectivos que ligam dois termos que exercem a mesma função [no período lógico]. Tais termos podem ser orações completas ou apenas elementos de uma oração. No exemplo “Comprei um livro e vendi um caderno” – “a conjunção e liga duas orações de igual função no período, isto é, são coordenadas, sem intrínseca

³ A obra de Silveira Bueno é bem anterior ao surgimento da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), estabelecida em 1959. Este autor e Said Ali, que são dois historiadores da língua portuguesa, contribuíram para esta pesquisa com suas obras de cunho normativo.

dependência mútua, não se podendo, portanto, dizer qual seja a principal”. (p. 429)

Já em “O berço e o túmulo são os polos da humanidade” (p. 429), e liga apenas dois termos que exercem a função de sujeito, sem que possa se desdobrar a oração em duas.

Por fim, Silveira Bueno trata de “algumas conjunções”, tais como: *mas*, *porém*, *nem*, *senão*, *logo*, *pois* e *que*, mostrando o itinerário histórico e as particularidades no emprego dessas formas.

Said Ali (1964, p. 103) afirma que a conjunção é a palavra ou locução “que se costuma por no início de uma oração relacionada à outra, a fim de mostrar a natureza da relação”. O autor menciona várias dessas conjunções, sem, no entanto realizar uma categorização sistemática dessas estruturas. São citadas: a conjunção integrante (*que*), a temporal (*quando*), a aditiva (*e*), a adversativa (*mas*), a concessiva (*ainda que*), a causal (*porque*) e a alternativa (*ou*), além das conclusivas, consecutivas, finais e comparativas.

Para Cunha & Cintra (2008), conjunções são vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes de uma mesma oração. As relações podem ser de dois tipos:

- coordenação: as conjunções coordenativas relacionam termos ou orações de igual função gramatical;
- subordinação: as conjunções subordinativas ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido de outra.

3.3. Estudos descritivos

Chamo de estudos descritivos aqueles trabalhos que têm por objetivo a descrição detalhada do sistema linguístico, sem a preocupação, típica das gramáticas de cunho normativo, de expor regras de bom uso da língua.

Diz Bechara (2009) que as conjunções são unidades que têm por missão reunir orações no mesmo enunciado. São divididas em dois grupos: as coordenadas (conectores), que ligam orações de mesmo estatuto sintático e

são ditas independentes e as subordinadas (transpositores), que indicam que a oração é parte de um período complexo.

Mira Mateus *et al* (2003) rotula de conjunções apenas as estruturas de coordenação, cuja função é explicitar o nexo entre os termos coordenados. As conjunções são termos morfológicamente não flexionáveis e que expressam prototipicamente os valores de adição, alternância ou contraste.

As conjunções distinguem-se dos “Complementadores” (tradicionalmente conhecidos como “conjunções subordinadas”) não só pelos valores que veiculam, mas também porque as conjunções podem ocorrer quando há uma coordenação de duas sentenças subordinadas, como no exemplo das autoras:

Porque já acabei o trabalho e porque está bom tempo, vamos passear esta tarde.

Dado que duas conjunções ou dois complementadores não podem concorrer para a mesma posição sintática, a boa formação do exemplo acima demonstra que as conjunções e os complementadores são classes lexicais distintas⁴.

Para o debate teórico, acho pertinente essa distinção realizada pelas autoras, pois há uma clara distinção entre os dois tipos de conectores. No entanto, mantereí nesta pesquisa a nomenclatura tradicional, que divide as conjunções em coordenadas e subordinadas⁵.

Ilari (2008) realiza um minucioso estudo sobre as conjunções, abordando as muitas dificuldades existentes na caracterização coerente dessa

⁴ As autoras dizem que a função da conjunção é “explicitar o nexo entre os termos coordenados”. No exemplo acima, só há uma posição sintática para essa função. No entanto, há dois elementos tradicionalmente rotulados como “conjunção”: E e PORQUE. Ora, se esses dois elementos fossem da mesma classe lexical, eles não poderiam aparecer na construção acima, pois seriam concorrentes. Se aparecem, é porque, na verdade, são de classes distintas.

⁵ Adotar a distinção tradicional ou a proposta por Mira Mateus *et al* em nada modifica os resultados do meu trabalho. Por essa razão, decidi pela primeira alternativa.

classe de palavras. Tais dificuldades são sobretudo de natureza funcional e semântica.

Do ponto de vista funcional, as características comumente atribuídas às conjunções pela tradição gramatical são as seguintes:

1) As conjunções possuem função conectiva: ligam sentenças e essa característica as diferencia das preposições, que sempre se aplicam a termos da mesma oração. Ilari observa que as preposições também podem conectar sentenças, como no exemplo: “Vamos tentar reconstruir o modo de vida desse povo para depois entender como surgiu a arte.”

2) Uma conjunção é sempre externa às orações que conecta: essa propriedade não se aplica: a) aos pronomes relativos, que, além de conectar constituintes, desempenham papéis argumentais ou adjuntos no interior da sentença; e b) às conjunções que participam das construções correlatas.

3) Uma conjunção está sempre entre duas orações. Sendo assim, é possível derivar a principal subdivisão das conjunções, a partir da relação que se estabelece entre ambas: coordenativas e subordinativas. A esse respeito, Ilari pondera que a expressão de causalidade, por exemplo, independe do uso de conjunções. Essa nuance pode ser expressa por:

- um complemento interno da sentença (“A arte surge **pela** necessidade de eu assegurar a caça”);

- através de verbos como “causar” e “provocar” e sinônimos (“O estilo **mudava com** a mudança de vida.”);

- pela retomada por meio de anafóricos (“Não é uma história ligadinha (...) muitas vezes a gente supõe que as coisas tenham ocorrido assim... e **por isso** que eu vou precisar que vocês usem a imaginação”);

- por substantivos que indiquem causa ou motivo (“Outras vezes, em vez da representação da flechas (...) nós íamos encontrar marcas aqui de que flechas reais foram atiradas... então esta seria uma das **razões**.”);

- por implicitação⁶ (“Somos estritamente racionalistas e temos um aparelho conceitual altamente desenvolvido; **[por isso]** é muito difícil para nós desenhar estritamente aquilo que vemos.”)

No campo semântico, há uma reconhecida dificuldade em recobrir todos os valores expressos pelas conjunções, pois muitas vezes, esses valores se imbricam mutuamente, como é o caso, por exemplo, das causais, temporais e condicionais.

Ao longo do texto, ele demonstra a insuficiência das postulações oferecidas não só pela gramática tradicional, mas também por outras teorias – como a do “cálculo sentencial”, baseado na lógica de Frege, a “gramática de categorias” de Montague e a “semântica argumentativa” de Ducrot.

Diante da dificuldade em encontrar “a grade classificatória de base semântica” das conjunções a partir de um princípio teórico geral, Ilari lança mão de “testes operacionais”, a fim de encontrar tal classificação no cruzamento de diversas propriedades.

São dez testes na forma de resposta a perguntas, tais como: [a conjunção] aceita clivagem?; aceita negação?; aceita restrição?; exprime argumentatividade?; aceita alteração na ordem?, entre outras⁷.

Ao final dos testes foi possível detectar que a grade classificatória separa “com alguma nitidez” pelo menos três grupos de conjunções: as integrantes (se, que, como), as circunstanciais (porque, quando, enquanto) e um grupo em que a característica comum é a argumentatividade (mas, embora, pois). Os demais grupos ainda devem ser melhor caracterizados. O que se obteve, ao final do estudo, foi um esboço de agrupamento das conjunções, a partir de características semânticas.

⁶ Exemplos adaptados de Ilari (2008, p. 819-825)

⁷ Ver testes completos em Ilari (2008), p. 845-860.

3.4. Abordagem cognitiva

Do ponto de vista cognitivo, há duas abordagens a considerar: a da semântica cognitiva, de Talmy (2000) e a visão multissistêmica da língua (Castilho, 2007, 2010).

Para Talmy, o uso das conjunções são um dos três modos de conectar sentenças, ao lado da utilização dos pronomes relativos e das formas não finitas (gerundivas e infinitivo). A conexão conjuncional se dá através das conjunções coordenadas e subordinadas.

Na abordagem da língua como um multissistema, Castilho (2010) afirma que as conjunções estão na encruzilhada: semântica, gramática, discurso.

No domínio da semântica, o autor cita Bazzanella, que oferece a seguinte caracterização das conjunções:

1. Expressam relações entre fatos denotados, não figuram no início da sentença, não são seguidas de pausa e não têm um contorno entonacional específico. Exemplo: tínhamos o evangelho, **mas** ninguém lia.⁸
2. Ligam núcleos proposicionais no interior do mesmo ato linguístico. Ex. À certa altura não vêm mais, **então** voltamos para dentro.
3. Permanecem invariáveis no discurso indireto. Ex. E **portanto** do período de Augusto.
4. Podem ser modificadas por advérbios e expressões modais.
5. São recuperáveis pelo contexto.

⁸ Exemplos traduzidos do italiano por Castilho. Não há exemplos para os itens 4 e 5.

Essa caracterização, principalmente em seu primeiro item, me parece bastante controversa. Aplica-se, talvez, para o exemplo citado, mas não para todas as conjunções.

No domínio da gramática, destaca-se o processo de gramaticalização das conjunções, que não será abordado aqui, e suas características sintáticas: a conexão de sintagmas e sentenças, o caráter externo da conjunção e a subdivisão em coordenadas e subordinadas, fatos já abordados por Ilari (2008) e retomados por Castilho de forma mais concisa.

Finalmente, no campo do discurso, as conjunções atuam como marcadores discursivos.

Capítulo 4 – A Combinação de Orações

Neste capítulo, abordo os processos de combinação das orações, segundo diversas perspectivas, a saber: a histórica, a da gramática tradicional, a dos estudos descritivos, e a da abordagem cognitiva. Vou centrar a minha atenção apenas nas orações coordenadas e nas subordinadas adverbiais, pois essas são as estruturas pertinentes às construções de dupla conjunção. As subordinadas substantivas e adjetivas serão apenas mencionadas sem maiores detalhes.

4.1 Perspectiva histórica

Mattos e Silva (2006) descreve os processos de subordinação e coordenação no período do português arcaico.

De acordo com ela a coordenação por excelência é aquela que se efetiva através da conjunção aditiva *e*, que pode funcionar como conectivo de sentenças, coordenador de termos oracionais e até mesmo como encadeador discursivo. No exemplo abaixo, o primeiro conectivo funciona como sequenciador discursivo e o segundo coordena orações:

- ide-vos a boa ventura, ca non ei mester cavalo. E eles deceron das bestas e poseron-no contra as voontade em cima de seu cavalo de que primeiramente derribaron. (Diálogos de São Gregório)⁹

A disjunção ocorre com *ou... ou*, *quer... quer*, *nem... nem* e eventualmente com a conjunção *vel*:

Que Romeu em Salas vel a santos seus altares hia oferenda desse (Cantiga de Santa Maria)

A oposição, ou contraste, é expressa por conjunções adversativas, tais como *mais – mas* (grafia menos frequente); *Pero – però* e *porende*, essas duas

⁹ Todos os exemplos citados são dessa mesma fonte, exceto quando houver outra indicação.

últimas etimologicamente tem valor explicativo [= por isso]), entre outras.

Exemplos:

Achô-os andar na fogueira e non queimou o fogo seus corpos e pero porque os achou andando e ante foron legados, entendemos que o fogo queimou aquelas cousas (= por isso)

- ide e por amor de Deusdade-lhi que cómia e que beva, pero sabe Deus que morto He (= “mas”)

E porque se non achegou a seu marido senon come a outro homem qualquer, porende caeu em pecado mortal (= “por isso”)

Entre as coordenadas conclusivas, destacam-se *portanto* e *ergo/erga* (= se não) e *onde*. Exemplos:

E pois o Padre e o Filho e o Spiritu Santo son huu Deus e hua sustança. Ergo porque o filho de Deus disse que verriã eles o Espirito Santo?

Onde pelas razões que de suso ditas son entendermos que...

Por fim, as coordenadas explicativas tinham como conjunções de maior destaque *ca* e *pois*:

E o soia a trager mal porende ca dizia que non era guizado que, pois ele pobre era, as vestiduras que tragia desse a outros pobres e ficasse desnudo.

A subordinação adverbial tem como conector primário o *que*, tal como ocorre entre as subordinadas substantivas e adjetivas. Nas adverbiais, esse conector está na base de diversas locuções conjuntivas, além de atuar como conector simples, como nesse exemplo, em que expressa valor causal:

Dereito juízo de Deus foi que aquela podesse mais que mais amou

Com relação à vasta tipologia das conjunções adverbiais, a autora afirma que as temporais apresentam o maior número de conjunções e locuções conjuntivas: *quando, des que, des quando, d’hu, ante que, mentre* e variantes, *enquanto, sol que, logo que, toste que, tanto que, cada, que, pois, pois que, depois que*, entre outras.

Entre as causais, *porque* é a mais usual, havendo ainda *a par de, já que* e *porquanto*.

As finais são frequentemente expressas apenas pelo *que*:

Deron-lhi seus filhos que os curasse pera serviço de Deus.

Outras conjunções de finalidade: *por que, per que, por tal que*.

São conjunções modais: *assi como(e), como, assi que, segundo como, en guisa que, en tal que*:

Caeu com el e logo lhi quebrou a perna en guisa que o osso se partiu

As consecutivas geralmente são introduzidas por *que*:

A fraquesa era tamanha que ja non podia mais andar.

Nas condicionais, além do conector prototípico *se*, ocorrem *com esta condição que, como e como se*.

Finalmente, nas concessivas, as locuções mais frequentes são *ainda que* e *como quer que*. A conjunção *embora*, que talvez seja atualmente a concessiva mais usual não está documentada no período arcaico.

4.2 Abordagem tradicional

Silveira Bueno (1944) diz que a conjunção é a palavra invariável que liga duas orações, indicando as relações existentes entre elas. Ele estabelece a seguinte distinção entre coordenação e subordinação: quando ambas as

orações exercem a mesma função no período, de tal modo que uma pode ser separada da outra, mantendo a sua total significação, serão coordenadas, e a conjunção, que entre elas estabelece o nexos, será coordenativa.

Por outro lado, se no período lógico, uma oração não pode ser separada de outra, porque ficará incompleta em sua significação, haverá orações subordinadas e a conjunção que as ligar será chamada subordinativa.

Quanto à classificação das coordenativas, elas podem ser: aproximativas (*e, nem, então*), continuativas (*pois, no entanto, portanto, entretanto*), alternativas, adversativas, conclusivas e explicativas.

As subordinativas podem ser: temporais, condicionais, causais, finais, modais, concessivas, consecutivas, correlativas (*tal... qual, assim... como, tanto... quanto*), comparativas e integrantes.

Nota-se que a maioria das denominações citadas por Silveira Bueno foi, cerca de quinze anos depois, adotada pela Nomenclatura Gramatical Brasileira. Entre as poucas exceções estão as “aproximativas” (são as “aditivas”) e as “continuativas”, denominação não existente na NGB.

Finalmente, o autor menciona as locuções conjuntivas (ou “conjunções compostas”), que ocorrem quando uma palavra se une a uma conjunção e ambas passam a funcionar como nexos ou ligação de orações – exemplos: logo que, antes que, de maneira que, entre outras.

Said Ali (1964) observa que as conjunções coordenadas estabelecem paralelismo sintático entre duas orações e as subordinadas, por sua vez, apresentam uma oração como elemento integrante (substantiva) ou modificador (adverbial) de outra. No entanto, a “linha demarcatória” entre coordenadas e subordinadas adverbiais não é bastante clara, dado que *porque* pode figurar como elemento de coordenação e de subordinação.

Luft (1978) estuda a sintaxe da língua portuguesa a partir da concepção gerativista, adaptando-a à Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).

No período composto, há dois tipos de oração: as coordenadas, que possuem a mesma função e são ligadas entre si por meio de conjunções coordenativas ou por justaposição. E as subordinadas, que, por outro lado, são dependentes de suas orações principais – são regidas por estas ou por um de seus termos.

O autor observa, com propriedade, que a classificação da NGB é heterogênea, na medida em que é parte baseada na natureza das orações (principal, subordinada), parte na ligação entre elas (coordenadas).

Cunha e Cintra (2008) caracterizam os dois processos de combinação de orações como segue.

Na **coordenação**, a oração coordenada nunca é termo de uma outra oração nem a ela se refere; pode relacionar-se com outra coordenada, mas em sua integridade, o que significa que as duas orações possuem o mesmo status sintático.

Três são os tipos de coordenadas: a) as justapostas, em que as orações estão colocadas uma ao lado da outra, sem o uso de conjunções; b) as assindéticas, que não são introduzidas por uma conjunção e c) as sindéticas, que vêm precedidas de um conector e são classificadas de acordo com o valor semântico expresso por ele (conjunções aditivas, adversativas, alternativas, explicativas e conclusivas).

Na **subordinação**, a oração subordinada desempenha sempre uma função sintática em outra oração – a principal –, pois que é dela um termo ou parte de um termo. A classificação das subordinadas dá-se de acordo com esta função que ela exerce. Há três grandes grupos de orações subordinadas: as substantivas, as adjetivas e as adverbiais, cujas funções são compatíveis com aquelas executadas pelos substantivos, adjetivos e pelos advérbios.

Pertencem às subordinadas substantivas as orações subjetivas (sujeito), objetivas diretas e indiretas, completivas nominais, predicativas, apositivas (aposto) e agentes da passiva.

As orações adjetivas podem ser explicativas ou restritivas.

As subordinadas adverbiais são classificadas de acordo com a circunstância que expressam: tempo, causa, condição, finalidade, comparação, concessão, consequência, conformidade e proporcionalidade.

Por fim, os autores mencionam as “orações reduzidas”, que se enquadram entre as subordinadas e se caracterizam por não serem precedidas por um conector e por apresentar seu verbo em uma das formas nominais: particípio, gerúndio e infinitivo.

4.3. Estudos descritivos

Para Bechara (2009), a denominação “período composto” somente se aplica às orações coordenadas, que são sintaticamente independentes e formam grupos oracionais.

Elas são ligadas por conectores, que expressam o tipo de relação semântica que há entre as orações (adição, adversidade, alternância). Além dessas três noções, a tradição gramatical encampa entre as coordenadas as nuances de conclusão e explicação. O autor ressalta que tais nuances ultrapassam as fronteiras da coordenação de orações, uma vez que elas atuam no nível textual. Não são portanto conjunções coordenadas propriamente ditas.

As construções subordinadas são marcadas pela presença de “orações complexas”. De acordo com o autor, o processo de subordinação ocorre como no seguinte exemplo:

O caçador percebeu que a noite chegou.

Nessa construção, observa-se:

- a) A noite chegou (oração independente)
- b) O caçador percebeu que a noite chegou (O. S. S. Objetiva Direta) – oração complexa.
- c) ... que a noite chegou: oração transposta, que é um termo sintático (objeto direto) da oração complexa.
- d) Que: conjunção integrante, indicativa de que a oração antes independente passou pelo processo de subordinação.

O exemplo ilustra o conceito de *oração transposta*: aquela que pelo processo de hipotaxe (subordinação) perde a sua independência e passa a

fazer parte de uma estrutura maior, complexa¹⁰. A oração transposta exerce funções que são próprias dos substantivos, adjetivos e advérbios, razão pela qual são assim classificadas.

Além dos processos de coordenação e subordinação, Bechara trata separadamente da “justaposição” – que encampa as orações justapostas e as intercaladas -, e das orações reduzidas.

As orações justapostas aproximam-se das coordenadas pela independência sintática e “estrito relacionamento semântico” (p. 479).

As intercaladas se caracterizam por estar separadas do grupo oracional a que pertencem por meio de pausas e um contorno melódico particular. Na escrita, essas pausas são marcadas por vírgulas, travessão ou parênteses. Quanto ao conteúdo, as intercaladas podem expressar: citação, advertência, opinião, desejo, escusa, permissão e ressalva.

Quanto às orações reduzidas, Bechara opta por dar um estatuto à parte a essas orações com qualquer forma nominal de verbo, “desde que tenham autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com o verbo de forma finita, as desenvolvidas” (p. 514).

Mira Mateus *et al* (2003) distinguem três formas de combinar orações: a coordenação, a subordinação e a aposição.

A **coordenação** é o processo que resulta na formação de unidades complexas. Caracteriza-se por combinar constituintes de mesmo nível categorial – sintagmas ou frases –, que desempenham as mesmas funções sintáticas e semânticas.

Exemplos das autoras:

- Eles estavam com ou contra os manifestantes. – coordenação de núcleos do sintagma preposicionado

- O Pedro e a Ana vêm nos visitar. – coordenação de sintagmas nominais.

¹⁰ Oração complexa é aquela que tem um ou mais de seus termos sintáticos sob a forma de oração subordinada.

- Acho que ele participou do concurso, mas não ganhou a viagem à Madeira. –
coordenação de frases.

São três os tipos de orações: as aditivas (copulativas), as alternativas (disjuntivas) e as adversativas (contrajuntivas). As autoras, assim como Bechara (2009), não incluem entre as orações coordenadas as “conclusivas” e as “explicativas”.

A **subordinação** também possui a propriedade de formar unidades complexas. Porém, diferentemente da coordenação, ela atua somente sobre unidades oracionais. Além disso, a oração subordinada sempre exerce uma função sintática na oração subordinante (sujeito, objeto direto e indireto, adjunto adnominal, adjunto adverbial, entre outros). No complexo subordinado, as duas orações têm, portanto, estatutos sintáticos distintos.

Há quatro tipos de construções subordinadas: as completivas (similares às orações substantivas), as relativas (restritivas, explicativas e relativas livres), as adverbiais (condicionais, causais, finais, concessivas e temporais) e as construções de graduação e comparação (comparativas, conformativas e consecutivas).

Finalmente, a **aposição** consiste em justapor sintagmas ou frases, materializando-se essa conexão através de pausas e de uma entonação específica. Exemplos:

- O João, um amigo nosso, participou dessa expedição à Amazônia.

Perini (1996) destaca-se sobretudo por suas considerações polêmicas a respeito dos processos de coordenação e subordinação. No primeiro, tem-se orações completas, em igualdade, sintaticamente equivalentes. No último, uma oração faz parte de um termo de outra. Sejam esses exemplos do autor:

Titia disse que *nós desarrumamos a casa* (Subordinada)

Titia fez a salada e mamãe fritou os pastéis. (coordenada)

De acordo com ele, no período subordinado, a oração principal abrange os dois constituintes, e não apenas “Titia disse” como seria a classificação tradicional. A subordinada é a parte destacada em itálico.

No período coordenado, não há duas, mas sim três orações: as duas destacadas em negrito e uma terceira, formada por elas mais a conjunção e.

O quadro a seguir destaca as diferenças entre a classificação tradicional e a proposta por Perini:

	Gramática Tradicional	Perini (1986)
Período Coordenado	<p>1ª. oração: Titia fez a salada</p> <p>2ª. oração: e mamãe fritou os pastéis</p>	<p>1ª. oração: Titia fez a salada</p> <p>2ª. oração: mamãe fritou os pastéis</p> <p>3ª. oração: Titia fez a salada e mamãe fritou os pastéis</p>
Período Subordinado	<p>Oração principal: Titia disse</p> <p>Oração subordinada: que nós desarrumamos a casa</p>	<p>Oração principal: Titia disse que nós desarrumamos a casa</p> <p>Oração subordinada: nós desarrumamos a casa</p>

Quadro 1: comparação entre a classificação tradicional e a de Perini (1986)

Nota-se que Perini oferece uma visão bem distinta da classificação normativa. Não cabe, nos limites dessa abordagem teórica, uma discussão a respeito das possíveis vantagens dessa proposta inovadora.

A respeito da tipologia de orações, o autor abre mão da classificação das adverbiais em temporais, condicionais, concessivas, etc, pois esta tem bases semânticas (sua análise pretende ser estritamente sintática) e é “pobre” para dar conta das várias nuances que envolvem tais orações.

Em seu texto de caráter histórico-comparativo, Moraes (1972-73) aborda alguns tipos de orações subordinadas que, embora presentes nas gramáticas de outras línguas neolatinas, não são contempladas nas Nomenclaturas

Brasileira e Portuguesa. No entanto, o ponto de interesse para essa pesquisa são as considerações do autor acerca dos mecanismos de combinação sentencial. Ele prefere não falar em “processos” de coordenação e subordinação, pois isso dá a entender que esses dois tipos sejam modalidades afins, o que, na sua visão, não é verdade. A coordenação é tão somente um processo formal de ligação de orações que não interfere na natureza das cláusulas ligadas. A subordinação, por outro lado, se refere, ela sim, à natureza das orações. Tanto que duas orações subordinadas podem estar coordenadas entre si e, nem por isso, deixam de ser dependentes da oração principal. Assim sendo, o melhor seria afirmar que o período composto pode ser formado por orações independentes ou por orações principais e subordinadas.

Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) afirmam que a construção coordenada consiste em dois ou mais membros funcionalmente equivalentes, combinados no mesmo nível estrutural por meio de mecanismos de ligação. Disso resulta que nenhum membro de uma construção coordenada é subordinado aos demais ou dependente em relação a eles. Se os membros são funcionalmente equivalentes, isso implica que eles devem ter as mesmas funções semântica, sintática e pragmática.

Outra propriedade da coordenação diz respeito à visibilidade dos mecanismos de coordenação: explícita (com a presença de conectivos) ou em justaposição.

A coordenação pode ser:

- Simples: ocorre quando um constituinte (sentenças, termos, predicados) é “multiplicado” n vezes:

(a1) “Eles pescam muito peixe do rio e usam na alimentação” – sentenças independentes

(a2) “naquela época o que existia eram os bisontes e os mamutes também” – coordenação de termos

(a3) “qual seria o motivo que naquela época eles começaram a pintar ou a esculpir” – coordenação de predicados.

- Múltipla: ocorre quando várias posições na estrutura da sentença são multiplicadas independentemente, ou seja, a coordenação se aplica a diferentes constituintes dentro da mesma sentença:

(a4) “e que o estilo e a arte sempre vão refletir uma maneira de considerar o mundo e a natureza”

- Simultânea: quando duas ou mais posições da sentença são multiplicadas simultaneamente:

(a5) “esta região está limitada para adiante... pelo esterno... para trás... pela coluna dorsal... e para o lado pela mediastínica direita e esquerda”

As relações semânticas expressas nas construções coordenadas são: adição (e), disjunção (ou) e adversidade (mas)

Neves *et al* (2008) dizem que as orações subordinadas hipotáticas (tradicionalmente denominadas “adverbiais”) se caracterizam por apresentarem os traços [- encaixamento] e [+ dependência], e assim se distinguem das coordenadas, que apresentam [- encaixamento] e [- dependência] e das subordinadas substantivas e adjetivas, marcadas pelos traços [+ encaixamento] e [+ dependência].

No rol das construções hipotáticas figuram as orações temporais, causais, condicionais, concessivas e comparativas¹¹.

Na caracterização tradicional, as orações hipotáticas exercem a função sintática de adjunto adverbial da oração principal e são classificadas conforme o valor semântico do conector que as introduz. As autoras afirmam que uma análise mais completa dessas construções deve levar em conta, de um lado, o grau de interdependência em relação a sentença núcleo a qual se vinculam e de outro, o tipo de relação lógico-semântica que expressam.

¹¹ As autoras não incluem entre as hipotáticas as orações conformativas, consecutivas, finais e proporcionais, que constam na gramática tradicional. Não há uma explicação para esse fato.

Até aqui, expus uma visão panorâmica de diversos trabalhos de cunho descritivo que tratam da combinação de orações a partir dos processos de coordenação e subordinação. Os dois estudos a seguir abordados diferenciam-se dos demais, pois propõem parâmetros e/ou técnicas de ligação sentencial que se baseiam em critérios sintáticos, e não levam em consideração as nuances semânticas que permeiam as classificações mais amplamente difundidas (Cf. coordenadas aditivas, subordinadas adverbiais causais, entre tantos outros exemplos.)

Lehmann (1988) propõe seis parâmetros para o estabelecimento de uma tipologia da combinação de orações, dispostos da seguinte forma¹²:

¹² Adaptação da Figura 6: “Parallelism of clause linkage continua”, apresentado em Lehmann (1988, p. 217)

elaboration ←----- → **compression**

Downgrading of subordinate clause

weak parataxis ←----- → strong embedding

Syntactic level

high sentence ←----- → low word

Dessetentialization

weak clause ←----- → strong noun

Grammaticalization of main predicate

weak lexical verb ←----- → strong grammatical affix

Interlacing

weak clauses disjunctic ←----- → strong clauses overlapping

Explicitness of linking

maximal syndesis ←----- → minimal asyndesis

Nota-se que todos os parâmetros estão dispostos em contínuos paralelos que partem do polo de maior elaboração (onde há o grau máximo de propriedades gramaticais e de informação) até o de maior compressão (onde gramática e informação estão em seu menor grau).

Os seguintes parâmetros são importantes para o entendimento das orações subordinadas adverbiais:

a) A *hierarquia gradual das orações*¹³ parte da parataxe e termina no encaixamento. Uma das questões relativas à hierarquia gradual é a da posição

¹³Na tradução de Lima-Hernandez (1998, p. 38) para este e os demais parâmetros (em itálico) apresentados em Lehmann (1988, p. 217)

das orações. Nesse item, as orações adverbiais ocupam uma espécie de “segunda posição” (rotulada como “cláusula adjunta”), após as orações paratáticas.

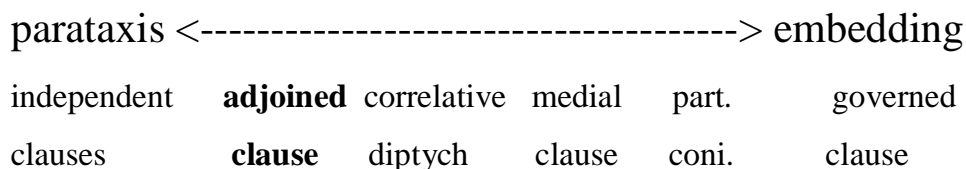


Figura 1: adaptado de “Hierarchical downgrading” (Lehmann (1988, p. 189)

Eis um exemplo de clausulas adjuntas citado pelo autor (minha tradução):

“Eu estava aparando um bumerangue quando você veio.”

b) A ideia que guia o segundo parâmetro – o do *nível sintático* do constituinte a que a oração subordinada se liga – é a de que quanto mais baixo for esse nível¹⁴, mais forte será a integração deste constituinte subordinado com (ou na) oração principal. Neste parâmetro, as orações adverbiais ocupem também a segunda posição, a das cláusulas que se colocam à margem da oração principal:

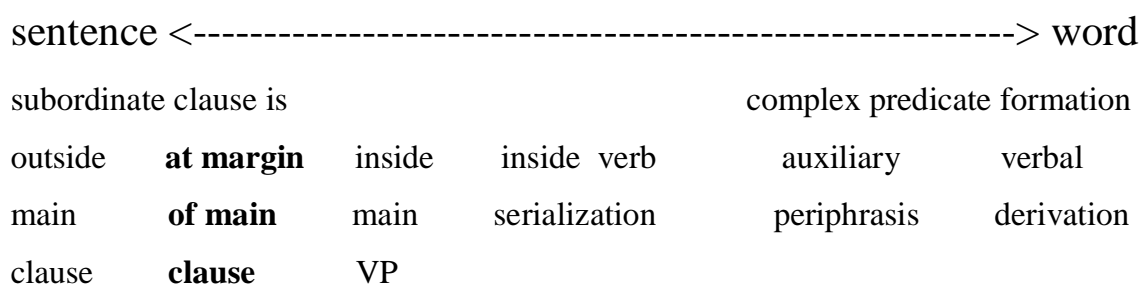


Figura 2: adaptado de Syntactic level (Lehmann, 1988, p. 192)

Com esses seis parâmetros e seus contínuos, Lehmann demonstra,

¹⁴ Nota-se que o nível sintático diminui à medida em que se caminha para a direita na escala.

afinal, que duas forças opostas atuam na ligação de orações. Entre os dois extremos se situam as várias combinações possíveis.

Outro modelo significativo a respeito das relações sentenciais é o de *Junktion* de Raible. Simões (2007, p. 226-7) explica que “Este autor dispõe uma escala de técnicas de junção organizada verticalmente. No nível mais superior encontra-se o polo da agregação [*Aggregation*], no nível mais inferior o polo da integração [*Integration*]”. Entre o polo da *agregação* para a *integração*, Raible identifica oito segmentos distintos, que correspondem a determinadas técnicas de junção:

(I) simples justaposição de orações sem juntores (parataxe assindética);

Ex. Não podemos ficar; seu pai tem compromissos¹⁵.

(II) junção através de retomada correferencial de um item da oração anterior;

Ex. Já eu puxo de você, papai. **Por isso** é que sou feio.

(III) ligação de orações principais através de juntores explícitos (parataxe sindética);

- És silencioso como um vigário em caminho, **mas** no silêncio que inspiras (...) ergue-se um canto misterioso.

(IV) ligação de orações através de conjunções subordinativas;

- É verdade que se fariam grandes torturas, **se** se pusesse em prática a marcha de um regimento inteiro (...)

(V) ligação de orações através de construções gerundiais e participiais;

- **Passando o rio Tietê**, fomos pousar neste dia junto ao mato de Jundiáí.

(VI) junção de relações através de construções com grupos preposicionais (locuções prepositivas);

- **No fim destes cinco dias** chegamos ao rio das Velhas.

(VII) junção de relações através de preposições e/ou morfemas de caso,

- A tudo se descuida o referido administrador desta aldeia, não sei se **por pobre ou menos advertido**.

¹⁵ Este e os demais exemplos adaptados de Simões (2007, p. 228). O item VIII não foi exemplificado pelo autor.

(VIII) junção através de morfemas marcadores de caso ou papel temático.

Os itens III e IV são de especial interesse para esta pesquisa. É neles que se concentram as construções de dupla conjunção.

4.4. Visão multissistêmica da língua

Castilho (2010, p. 346-7) elenca algumas características que diferenciam os processos de coordenação e de subordinação. São elas:

1) Na coordenação, as sentenças são [sintaticamente] idênticas ou equivalentes; na subordinação, elas não se equivalem. Na coordenação, a função do elemento acrescentado é idêntica a dos elementos preexistentes. Já na subordinação a oração subordinada tem natureza sintática distinta da oração principal, a qual modifica semanticamente.

2) As sentenças coordenadas não podem ser focalizadas, pois não funcionam como constituintes de outra sentença, como ocorre com as subordinadas. Exemplos do autor:

Clara encontrou Mario e saiu com ele (coordenada)

*Clara encontrou Mario é e que saiu com ele

Se eu quiser, eu saio. (subordinada)

É se eu quiser que eu saio.

3) As coordenadas apresentam simetria semântica; as subordinadas são semanticamente assimétricas. Na semântica, um elemento coordenado não modifica o outro, e portanto, não lhe dá qualquer contribuição de sentido. Na subordinação, como visto no item 1 acima, a sentença principal é modificada semanticamente pela sua subordinada.

4) As relações de coordenação e subordinação ocorrem no processo de derivação morfológica: no português brasileiro, não há marcação morfológica para as coordenadas. Elas são expressas através da justaposição ou pela presença de um conectivo. Já a subordinação, além das conjunções, considera-se também o esquema modo-temporal dos verbos do período complexo.

Conforme a tradição gramatical, cinco são os tipos de conjunções coordenadas: aditivas, adversativas, alternativas, explicativas e conclusivas. Castilho (2010) observa, no entanto, que apenas as duas primeiras possuem propriedades típicas dessas conjunções. Para ele, as alternativas melhor se enquadram entre as conjunções correlatas. As explicativas e as conclusivas se integram no grupo das subordinadas causais, como também observaram Mira Mateus *et al* (2003) e Bechara (2009).

As orações subordinadas possuem os seguintes mecanismos de realização gramatical: a) por operadores (as conjunções), como nas orações adverbiais, b) por morfemas do modo subjuntivo e das formas nominais de verbos, como é o caso das orações reduzidas; c) pela gramaticalização dos verbos evidenciais, seguidos da conjunção *que* (“Acho que ele saiu de casa”).

São três os tipos de construções subordinadas: substantivas, adjetivas e adverbiais.

Do ponto de vista gramatical, as SUBSTANTIVAS podem ser conjuncionais, com o verbo no indicativo ou no subjuntivo ou não conjuncionais, com o verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio. Elas desempenham as funções sintáticas de sujeito, objeto direto, complemento oblíquo do verbo da sentença matriz (oração núcleo), complemento oblíquo do substantivo contido na sentença matriz.

Na semântica, a oração núcleo expressa uma avaliação do conteúdo proposicional da subordinada substantiva, que é asseverado, posto em dúvida ou considerado como uma ordem.

As orações ADJETIVAS são sentenças encaixadas num sintagma nominal, estabelecendo um relacionamento entre dois sintagmas nominais correferenciais:

[O aluno atento] passa de ano.

[O aluno estudioso] passa de ano.

O aluno atento [**que é estudioso**] passa de ano.

No campo sintático, quatro são as formas de utilização dessas orações:

- a) Adjetiva padrão: O livro que estou lendo é de história.
- b) Adjetiva copiadora: O livro de história que a capa dele está rasgada.
- c) Adjetiva cortadora: O livro de história que a capa está rasgada merece ser encadernado.
- d) Adjetiva livre: Quem foi a Portugal perdeu o lugar.

Semanticamente, as adjetivas podem ser explicativas ou restritivas. Neste último grupo, incluem-se as restritivas finais (“Mandou retirarem os seus sapatos enlameados, que não sujassem a sala.”) e causais (“O cão, que é amigo fiel, vigiou a casa durante toda a noite.”)

As subordinadas ADVERBIAIS expressam informações adicionais, acréscimos à informação central, que está contida no verbo e na sua estrutura argumental. As adverbiais funcionam em adjunção ao verbo da sentença matriz, predicando ou verificando o seu escopo.

É largamente conhecido o rol de circunstâncias semânticas, que serve de base para a classificação das orações adverbiais: causal, condicional, temporal, final, concessiva, comparativa, consecutiva, conformativa, proporcional.

A respeito das propriedades semânticas e sintáticas das adverbiais, Castilho sintetiza:

1) Há três grandes tipos: causalidade *latu sensu*: causais, condicionais, concessivas e explicativas ou conclusivas; temporalidade : temporais, proporcionais; finalidade .

2) Quando comparadas às orações substantivas e às adjetivas, constata-se que as adverbiais apresentam uma ligação mais frágil com a sentença matriz. Autores como Neves *et al* (2008) propõem um estatuto próprio para as adverbiais, situando-as a meio termo entre as coordenadas e as subordinadas.

3) As adverbiais são um caso de “combinação de cláusulas”: elas podem se combinar mais do que as adjetivas e substantivas, distinguindo-se, assim, das orações encaixadas. Ao contrário destas últimas, as adverbiais combinam-se entre si (orações concorrentes, causais, temporais e condicionais, por exemplo) e também com as coordenadas, possibilitando a sequência de dupla conjunção.

4.5 A Semântica Cognitiva

Talmy (2000) apresenta um detalhado estudo a respeito das relações entre os eventos representados em uma construção complexa. De acordo com o autor, um *evento* se caracteriza como: “A set of conceptual elements and interrelationships that in this way are evoked together or co-evoked each other” (p. 259).

Ainda segundo Talmy, os constituintes (ou participantes) de um evento despertam diferentes graus de atenção (e/ou interesse) no falante.

Sendo assim, baseando-se na *Gestalt* (a “psicologia da forma”), e na maneira como a língua estrutura a categoria de ESPAÇO, Talmy define os conceitos de FIGURA (F) e FUNDO (G)¹⁶, que indicam os diferentes níveis de interesse do falante.

A FIGURA é a entidade/conceito onde se localiza o nosso interesse principal em uma determinada cena; o FUNDO é a entidade/conceito que serve de referência para a localização da FIGURA na cena descrita.

Exemplo: O **carro (F)** está parado em frente à *casa (G)*.

¹⁶ G = *Ground*. Há também outros termos usados para essas duas categorias: “trajector / landmark” (termos criados por Langacker, 1987) “Figura e Ponto de Referência”, etc.

O carro é entidade principal na cena e a casa é a entidade de referência para a sua localização.

Talmy observa que a articulação entre F e G não serve apenas para localizar os objetos no espaço de uma cena ou de um evento, mas também propicia a localização dos eventos no eixo temporal:

As part of the system of spatiotemporal homology that is found in language (...), the reference of Figure and Ground to the relative location of objects in space can be generalized to the relative location of events in time (p. 320)

A partir da perspectiva temporal, os conceitos de FIGURA e FUNDO são assim definidos pelo autor:

The Figure is an event whose location in time is conceived as a variable the particular value of which is the relevant issue.

The Ground is a reference event, one that has a stationary setting relative to a reference frame (...) with respect to which the Figure's temporal location is characterized (p. 320)

No exemplo “Eu me assustei (F) quando ele chegou (G)”, a primeira oração traz o evento principal e a segunda, o evento de referência.

Talmy afirma que, nas construções temporais, o evento que ocorre primeiro (no caso, “ele chegou”) funciona como referência para o evento seguinte (no caso, “eu me assustei”); o evento-figura vem expresso na oração principal e o evento-fundo, na oração subordinada.

Situação semelhante ocorre nas construções do tipo “causa/efeito”, “causa/consequência”, “condição/consequência”, nas quais a causa/condição é o evento de referência (FUNDO) e a consequência, o evento principal (FIGURA).

Exs: Eu me vesti (F) porque senti frio (G) / Se eu sinto frio (G), eu me visto (F)

Com a articulação Figura/Fundo, é possível depreender uma série de valores semânticos advindos das combinações de sentenças, tais como

causa/explicação, concessão, anterioridade, posterioridade, concomitância, condicionalidade, entre outros. Além disso, fica evidente que há uma hierarquia entre os eventos expressos nas orações, conforme já mencionado por Castilho (2007, 2010) na sua caracterização do processo de Semanticização.

Capítulo 5 – Algumas características semânticas e sintáticas das conjunções

Neste capítulo, apresento algumas características semânticas e sintáticas das principais conjunções coordenadas e subordinadas adverbiais. Restringirei a minha descrição apenas às questões pertinentes ao processo de combinação de orações, que é o foco central da minha pesquisa. Serão mencionados os seguintes conectivos: *e*, *ou*, *mas*; *quando*, *porque*, *como* e *se*, que são os prototípicos entre as conjunções coordenadas e subordinadas.

5.1.1 A coordenação aditiva

Do ponto de vista semântico, o conector *e* marca uma relação de *adição* entre dois seguimentos coordenados, como no exemplo citado em Neves (2000, p.739):

Eu e meu marido fizemos os exames necessários e constatamos que o problema era meu.

Além do valor aditivo o *e* pode expressar outros significados, como os seguintes, citados por Cunha e Cintra (2008, p. 597-98):

- Adversativo/concessivo:

Tanto tenho aprendido e nada sei (Florbela Espanca)

- Causa e consequência:

Estou sonhando, e não quero que me acordem (C. Castelo Branco)

- Finalidade

la decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. (Graciliano Ramos)

É discutível a interpretação de que a conjunção aditiva expressa esses valores semânticos citados. Tais valores parecem advir não da conjunção em si, mas sim das orações coordenadas por ela.

Na sintaxe, as orações introduzidas pelo conector aditivo podem ser:

- Simétricas: são aquelas em que uma mudança na ordem dos constituintes não altera o sentido do todo, como nesse exemplo de Pezatti e Longhin-Thomazi (2008, p. 889):

(a1) João fritou o bife, Maria temperou a salada e Antonio refogou a couve.

(a2) Maria temperou a salada, João fritou o bife e Antonio refogou a couve.

(a3) Antonio refogou a couve, João fritou o bife e Maria temperou a salada.

- Assimétricas: são aquelas que não permitem a mudança na ordenação:

(b1) em função da necessidade de eu assegurar a caça e continuar podendo comer.

*(b2) continuar podendo comer e em função da necessidade de eu assegurar a caça.

(c1) Suspirou e morreu.

*(c2) Morreu e suspirou.

Neves (2000) observa que as construções assimétricas ocorrem quando são adicionados elementos que devem ser considerados numa “ordem necessária”, como é o caso do exemplo (c), citado por ela, no qual é preciso que haja uma sequência lógica de eventos.

5.1.2 A coordenação alternativa ou disjuntiva

Conforme Neves (2000), a conjunção *ou* marca a disjunção ou alternância entre o elemento no qual ocorre e o elemento anterior. Essa disjunção pode ser inclusiva ou exclusiva.

a) inclusiva: os elementos coordenados se somam, como nesse exemplo citado por Pezatti e Longhin-Thomazi (2008, p. 899).

não tem importância que a gente chama de análise ou chama de interpretação o importante é que o processo se realize

b) exclusiva: os elementos coordenados se excluem, como no exemplo de NEVES (2000, p. 771):

posso esperar ou falar depois.

Há três tipos básicos de alternância expressas por *ou*:

- alternância entre um fato e uma alteração desse fato:

É, eu sabia de tudo ou quase tudo que se passava entre mulher e homem. (Neves, 2000, p. 777)

- alternância entre um fato e uma eventualidade:

Como um refúgio, como uma academia ou, quem sabe, como um ninho de amor. (Neves, 2000, p. 777)

- alternância entre duas eventualidades:

Abram ou tocamos fogo em tudo [= Se não abrirem, tocamos fogo] (Neves, 2000, p. 781)

No que se refere à ordenação das orações alternativas, elas podem ser:

- simétricas: permitem a mudança na ordem das sentenças¹⁷, como nesses exemplos de Neves (2000, p. 782):

(a1) A resistência pode ser simples ou múltipla

(a2) A resistência pode múltipla ou simples

- assimétricas, nas quais não é possível alterar a ordenação (meus exemplos):

(b1) chegue logo ou eu perco a aposta.

*(b2) eu perco a aposta ou chegue logo.

5.1.3 A coordenação adversativa

Mas é o conector adversativo prototípico. Ele liga dois termos ou duas orações de igual função, estabelecendo um contraste entre eles.

Pezatti e Longhin-Thomazi, (2008) estabelecem a seguinte divisão semântico-pragmática das adversativas:

a) Adversativas “de conteúdo”, que explicitam mais concretamente a oposição entre dois elementos:

Com uns tapas às vezes ela se coloca [no lugar dela] (...) mas com palavras ela não se coloca (exemplo adaptado, p. 920)

b) adversativas epistêmicas: aqui, não se nega o conteúdo da oração anterior, mas sim a pressuposição, ou melhor, a expectativa criada por ele.

A única função dela é me ajudar com eles... mas eles não aceitam (p. 923)

¹⁷ Assim como ocorre entre as aditivas, a mudança de ordem não invalida a construção, mas o efeito comunicativo (ou “efeito de sentido”) pode sofrer alteração. No caso do exemplo com “resistência múltipla ou simples”, além da ordenação, outros fatores como contexto e entonação são pertinentes para detectar uma possível preferência por parte do falante.

c) adversativas de “ato de fala”, usadas como estratégia discursiva de proteção à face, como um mecanismo de atenuação:

Não quero ser indelicada, mas você me deve alguns reais. (p. 926)

Cunha e Cintra (p. 598-99) citam outros usos particulares dessa conjunção¹⁸:

- restrição:

Vai se quiseres, disse me este, mas temporariamente. (Machado de Assis)

- retificação:

Tenho, filho, não de hoje, mas de há muito tempo. (Lima Barreto)

- atenuação:

Uma luz bruxuleante, mas teimosa continuava a brilhar nos olhos dela (Miguel Torga)

Nota-se que neste exemplo, a atenuação é um recurso semântico, ao passo que o outro caso citado mais acima, ela é sobretudo uma estratégia discursiva.

- adição:

Era bela, mas principalmente rara. (Machado de Assis)

¹⁸ Esses valores particulares parecem advir não da conjunção, mas sim das orações que ela coordena.

5.2.1 A Subordinação temporal

As construções temporais expressam um tempo anterior, simultâneo, posterior ou progressivo ao da sentença principal:

- a) trabalhei enquanto você dormia. - simultâneo
- b) Quando você acordou, eu já tinha terminado o serviço. - anterior
- c) quando você chegar, já terei terminado o serviço. - posterior
- d) À medida que eu fazia o serviço, eu notava a tarde esfriar. - proporcional

Outros valores semânticos expressos nas temporais, segundo Neves (2010, p. 797-800):

- Causa:

Mudou de conversa quando alguém perguntou pelas dicas.

- Condição:

Esta é a história de um soldado que se sentia em casa somente quando vadiava pelas cidades

- Concessão:

Essa mulher procura um trabalho quando [= embora/ainda que] centenas de outros abandonam seus trabalhos.

- Adversidade:

Enquanto uma lê a Bíblia e se preocupa com o espírito, a outra admira a força física e o vigor corporal, faz desportos.

Neves *et al* (2008) elencam as principais características formais das sentenças de tempo no português oral culto:

1) São quase exclusivamente introduzidas por *quando*;

2) Apresenta tendência em ter o sujeito expresso por anáfora pronominal, como em:

(d1) Ela come peixe fresco, *quando eu* levo¹⁹

3) o esquema modo-temporal mais produtivo é aquele que apresenta o presente do indicativo nas duas sentenças (a temporal e a nuclear), como é o caso do exemplo acima. Outras combinações:

- sentença temporal + sentença núcleo, ambas no imperfeito do indicativo:

(d2) Ou se ele *tava* em solidão quando *estava* no meio da sociedade

- sentença temporal + sentença núcleo, ambas no pretérito perfeito do indicativo:

(d3) Faz tempo que eu assisti... *logo que* começou eu fui

- sentença temporal no perfeito do indicativo + sentença núcleo no imperfeito do indicativo:

(d4) *Quando* ele chegou em casa e começou a tirar aquelas galinhas, era só galinha morta que saía.

4) A ordem não marcada nas construções temporais é a anteposição da sentença temporal à oração nuclear, como nos exemplos (d1), (d3) e (d4). Ocorrem ainda a posposição, como em (d2) e a construção intercalada, como nesse exemplo de Neves (2000, p. 778):

Vala quando não se tapa, cresce, sabe?

¹⁹ Os exemplos (d1 a d4) foram adaptados por mim, a partir de Neves *et al* (2008, p. 939-43)

De acordo com as autoras, quando antepostas, as sentenças temporais, servem como moldura de referência ao que será veiculado na sentença nuclear. Quando pospostas, elas restringem, atenuam o que foi dito na oração anterior.

5.2.2 A Subordinação causal

Neves *et al* (2008) caracterizam as construções causais como a junção de dois eventos que têm entre si uma relação de causa e efeito ou causa e consequência. Assim sendo, observam-se duas implicações: a) uma sequencia temporal entre os eventos, na qual o segundo é previsível a partir do primeiro; e b) um componente condicional: satisfeita a condição do primeiro, ocorre o segundo.

Três são tipos semântico-pragmáticos de construções causais:

a) causais “de conteúdo”: quando há uma relação de causalidade entre dois estados de coisas (eventos):

Então eles pegaram os pássaros que não podiam voar porque estavam com as penas grudadas no petróleo. (Neves *et al*, 2008, p. 949)

b) causais epistêmicas: nelas, há uma relação entre uma conclusão e as causas e motivos que levaram a ela:

Agora nesse mês, como a UPC não aumentou e como diminuíram o número de UPCs [= causas]... o que vai acontecer é que eu vou pagar um pouquinho menos [=conclusão] (Neves *et al*, 2008, p. 949)

c) causais de atos de fala: um ato de fala se relaciona com os motivos que levaram a sua realização, como nesse exemplo de

Ande! Que já tocou o primeiro sinal (Neves 2000, p.805)

Quanto à ordenação das orações nas construções causais, há duas situações:

- as orações introduzidas por *como* ocorrem antepostas à sentença-núcleo, expressando uma informação compartilhada pelos interlocutores:

Agora nesse mês, como a UPC não aumentou e como diminuíram o número de UPCs ... o que vai acontecer é que eu vou pagar um pouquinho menos

- As orações iniciadas com porque são geralmente pospostas à oração núcleo e tendem a expressar uma informação “nova”:

Eu tenho ido pouco ao cinema porque o pessoal que vai diz que “ah, tal filme não é bom” (...) eu prefiro ficar em casa (Neves *et al*, 2008, p. 953)

Por fim, a correlação modo-temporal entre as construções, causais: Neves *et al* (2008) indicam que no português oral culto, o esquema predominante (60% das ocorrências analisadas) é o que conjuga o presente do indicativo nas duas orações, como em:

Eu tenho ido pouco ao cinema *porque* o pessoal que vai diz que “ah, tal filme não é bom”

5.2.3 A Subordinação condicional

Os trabalhos de Neves (1999, 2000) mostram que em uma construção condicional a “proposição” subordinada é chamada prótase (entidade p) e a principal, apódose (entidade q). Diz-se que tal construção apoia-se numa hipótese, daí a denominação período hipotético. A relação que se instaura entre os conteúdos da prótase e da apódose é uma relação do tipo “condição para realização - consequência/resultado da resolução da condição enunciada.” O resultado se resolve em realização, ou não realização, ou eventual realização. Assim sendo, nota-se a formação de três tipos de construções condicionais, a saber:

- a) Reais – dada a realização, a verdade da prótase, segue-se, necessariamente, a verdade da proposição contida na apódose:
- b) Irrerais – dada a não realização, a falsidade de p, segue-se, necessariamente, a não realização, a falsidade de q:
- c) Eventuais – dada a potencialidade de p, segue-se a eventualidade de q.

A existência dos três grandes grupos nos quais se distribuem as orações condicionais não é suficiente para a compreensão mais profunda do período hipotético, visto que, como ressalta Neves, o uso linguístico efetivo dessas construções não reflete pura e simplesmente a noção de “condição-consequência”, expressa na fórmula lógica “se... então”.

Sweetser (*apud* Neves, 1999) destaca três tipos de construções condicionais: as “de conteúdo” ou implicativas, as epistêmicas e as “de ato de fala”. As duas primeiras expressam relações lógico-semânticas e a última pertence ao campo pragmático.

- a) As condicionais de conteúdo: são construções que abrigam a noção de “realização no mundo real”, na apódose, dependente de uma “condição suficiente” na prótase. Nesse tipo de construção, existe mais concretamente uma relação causal. Aqui, relacionam-se dois eventos: um evento motiva a realização de outro²⁰:

Se eu comer muito na hora do café eu não vou ter vontade de almoçar... (p. 498)

- b) As condicionais epistêmicas expressam uma relação entre proposições: o que está expresso na apódose é uma conclusão a que levou a proposição expressa na prótase. Pode ser resumida na fórmula “SE p, eu concludo q”:

(4) Se ela for uma criança tímida, eu vou ter que botar num colégio menor (p. 499)

²⁰ Todos os exemplos citados são de Neves (1999).

c) As condicionais de ato de fala: nessas construções, o que está expresso na prótase influencia, possibilita ou causa a realização de um ato de fala, que vai expresso na apódose. Podem ser parafraseadas como “SE p, eu afirmo/declaro/pergunto q”:

a partir disto olha nós vamos poder entender... qual o tipo de arte que se desenvolveu... porque se eu quero criar uma réplica da realidade... um Duplo do animal que eu quero caçar qual é o único estilo que eu posso usar? (p. 500)

Os subgrupos de construções condicionais

1) Condicionais reais/factuais

As construções reais ou factuais são aquelas que repousam sobre a realidade. O enunciado da prótase é concebido como real, e, então, o enunciado da apódose é concebido como uma consequência necessária, e, portanto, também real:

porém se há persistência do nódulo ... *é porque* aquele nódulo é patogênico (p.513)

Com relação à ordem em que as orações aparecem dispostas no período condicional, o maior número de ocorrências indicou “prótase + apódose” Parece ser possível invocar uma motivação icônica para ordem nessas frases:

1) enuncia-se a ocorrência de um estado de coisas como preenchimento de uma condição (prótase);

2) a partir daí, enuncia-se um estado de coisas como real/uma proposição como factual (apódose), em consequência do preenchimento daquela condição.

2) Condicionais irreais/contrafactuais

As condicionais contrafactuais ou irreais são aquelas que repousam sobre a não realidade, apresentando estados de coisas como não existentes, tanto na prótase como na apódose.

A relação mais ampla que se expressa nas construções irreais é a de implicação:

a imagem que eu fazia era a seguinte *se o Japão fosse uma Birmânia*, por exemplo que é um dos países atrasados as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra não teriam ajudado o Japão, quer dizer de outra maneira, *se o Japão fosse uma Birmânia né?* (p. 524)

A respeito da ordem em que as orações aparecem dispostas no período condicional, o maior número de ocorrências indicou, como nas reais, “prótase + apódose” Parece ser possível invocar uma motivação icônica para ordem nessas frases:

1.º) enuncia-se como não existente um estado de coisas: o Japão *não é* uma Birmânia (prótase);

2.º) a partir daí, enuncia-se como *consequentemente* não existente outro estado de coisas que dele dependia: as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra *ajudaram* o Japão (apódose).

3) Condicionais eventuais/potenciais

Nas construções condicionais eventuais a prótase repousa sobre a eventualidade. O enunciado da apódose é tido como certo, desde que eventualmente satisfeita a condição enunciada.

A ordem prototípica das orações nas construções eventuais é, assim como entre as reais e as irreais, “prótase + apódose”:

eu acho que **se** sair antes da seis horas da manhã sai melhor (p.527)

No entanto, a construção “apódose + prótase” não deve ser vista como “desvio da norma”: as peculiaridades das condicionais eventuais, como se verá a seguir, justificam essa construção.

Outras relações semânticas nas construções condicionais

- Habitualidade (Se = Quando/todas as vezes que):

é inclusive se há alguma coisa quebrada por exemplo eu chego ... foi um dos dois (...) (p. 522)

- Ressalva:

(...) vou ter que dormir em Conquista ou na divisa ou em Teófilo Otoni, **se** o tempo der. (p. 533) – condicional eventual posposta

você **se** quiser vá à pé, a Universidade é no centro da cidade (p. 533) – condicional eventual intercalada

- Condição necessária e suficiente (*somente se*)

(...) eu volto/ *somente se* alguém tiver alguma pergunta (= se ninguém tiver pergunta, eu não volto) (p. 533)

- Contraste/concessão (“se, por um lado, *p*, por outro lado, ainda, *q*”):

(a1) quanto à coleta se eles dependiam da ... colheita ... de ... frutos ... raízes ... que eles NÃO plantavam ... que estava á disposição deles na natureza ... eles *também* tinham que obedecer o ciclo :: ... vegetativo ... (p. 522).

(a2) se (por um lado) eles tinham que obedecer o ciclo vegetativo, (por outro) eles dependiam da colheita de frutos... raízes que eles não plantavam. (contraposição)

(a3) *mesmo* dependendo da colheita de frutos... raízes que eles não plantavam, *ainda assim* eles tinham que obedecer o ciclo vegetativo. (concessão)

O esquema modo-temporal nas construções factuais/reais

- Nas condicionais **reais**, predomina presente do indicativo nas duas orações:

Não Ed. mas se pode não precisa essa auto-análise você pode fazer tudo sem ter pressa... (p. 517)

- nas condicionais **irreais**: imperfeito do subjuntivo + Futuro do Pretérito do indicativo:

mastectomia ... infelizmente ...a glândulas mamarias é sede de tumores ... se [fossem] benignos só seria bom ... mas ... infelizmente é a sede de muitos tumores malignos... (p.525)

- Alguns esquemas modo-temporais servem especialmente à expressão da **eventualidade** na construção condicional. São elas

a) prótase: futuro do subjuntivo + apódose: presente do indicativo = misto de futuridade.

eu acho que **se** sair antes da seis horas da manhã sai melhor

b) prótase: futuro do subjuntivo + apódose: presente do indicativo = misto de futuridade.

Se eu comer muito na hora do café eu não vou ter vontade de almoçar...

Capítulo 6 - O corpus e a metodologia de análise dos dados

Para o estabelecimento do corpus desta pesquisa, serão considerados quatro momentos na história do Português Brasileiro, conforme a tabela abaixo:

Fase 1	Final do século XIX
Fase 2	Início do século XX
Fase 3	Final do século XX
Fase 4	Início do século XXI

Quadro 2: fases do corpus desta pesquisa.

Para cada uma das fases, serão considerados os seguintes conjuntos de documentos:

Fase 1: Correspondência Passiva de Washington Luiz (CPWL) – Como parte do corpus editado para o “Projeto História do Português Paulista” (doravante PHPP), esse conjunto refere-se à correspondência recebida por Washington Luiz em fins do século XIX, quando era estudante de direito e iniciava sua carreira pública. São 20 cartas redigidas por pessoas da família de sua esposa, Sophia de Oliveira Barros, todos paulistas, e 59 cartas escritas por amigos e familiares fluminenses. O conteúdo das cartas é diverso, ainda que alguns missivistas tratem sempre do mesmo assunto em quase todas as cartas. O grau de simetria entre remetente e destinatário é, na maioria das cartas, horizontal, e o grau de planejamento do texto apresenta-se de forma mais livre, podendo-se entrever fórmulas apenas no início e final da carta, seguindo a tradição discursiva desse gênero textual. (Cf. Simões & Kewitz 2006, 2009)²¹. Total de 3 ocorrências.

Fase 2: inicialmente, foram recortados de maneira aleatória (no que se refere às datas e ao conteúdo) os seguintes conjuntos de cartas:

²¹ As transcrições desses manuscritos se deram de acordo com as normas estabelecidas no âmbito do PHPB. O mesmo vale para os inquéritos que documentam o português popular, cujas normas foram estabelecidas no Projeto Caipira.

- **Correspondência Passiva de Washington Luiz (CPWL XX)** - Trata-se da correspondência recebida por Washington Luiz na primeira metade do século XX. Os remetentes são todos parentes por parte de sua esposa Sophia Oliveira de Barros, de família tradicional de cafeicultores desde o século XIX. (Kewitz, em preparação). Total de 11 ocorrências.

- **Cartas de Manuel Bandeira (MB)** – Trata-se de correspondência enviada pelo autor recifense a diversos destinatários, entre os anos de 1924 e 1934 (Bandeira, 1958). Totalizou 12 ocorrências.

- **Cartas de Mario de Andrade a Manuel Bandeira (MA)** – Composto por correspondências que abrangem o período de 1932 a 1935 (Andrade, 1958). Totalizou 2 ocorrências

- **Cartas de Mario de Andrade a Rubens Borba de Moraes (RMB)** – conjunto de sete cartas enviadas por Mario de Andrade entre 1938 e 1940 (De Moraes, 1979). Totalizou 5 ocorrências.

Fase 3: abrangendo os seguintes documentos:

- **corpus do Português Popular falado na cidade de São Paulo (“x – 21a” e semelhantes)** - organizado por Rodrigues (1987). Este se constitui de inquéritos de falantes adultos de ambos os sexos, analfabetos ou semiescolarizados, na sua grande maioria migrantes da zona rural do Estado de São Paulo e de outras regiões brasileiras, que moram em favelas e conjuntos habitacionais populares da periferia da cidade de São Paulo. Os inquéritos abrangem o período de 1986/1987. Totalizou cerca de 137 ocorrências.

- **Correspondência Passiva Particular (CPP)** – Conjunto de cartas inéditas e parcialmente transcritas, recebidas por Verena Kewitz (USP) entre 1987 e 1997. Apresentam núcleo temático fixado, "uma vez que a troca de cartas surgiu a partir do anúncio de um fã-clubes de um grupo musical inglês publicado

em 1987, numa revista especializada em música na década de 80" (Kewitz 2007: 18). As cartas foram escritas por diversas pessoas de localidades diversas, em idade entre 16 e 22 anos. Ainda que os interlocutores não se conhecessem pessoalmente, é possível entrever baixo grau de planejamento do texto, estimulado sobretudo pelo núcleo temático fixado (música e assuntos relacionados)²². Totalizou 11 ocorrências.

Fase 4: *corpus* do Português Popular falado na cidade de São Paulo ("BD XII" e semelhantes) - composto por inquéritos inéditos gravados em 2002. Totalizou cerca de 18 ocorrências.

A utilização desses documentos de tipologia diferente (cartas particulares e inquéritos orais) justifica-se por terem em comum o traço de espontaneidade e da oralidade conceptual, nos termos de Koch & Oesterreicher (1985, *apud* Simões, 2007). No entanto, na amostragem coletada para esta pesquisa, pude observar que esse fenômeno é mais recorrente em textos falados ou de concepção oral²³. Tal recorrência não significa necessariamente que se trata de um fenômeno novo. É preciso atentar para a história dos textos, paralelamente à história da língua (Cf. Simões & Kewitz 2009).²⁴

A análise dos dados coletados será qualitativa, com base nos princípios teóricos apontados na seção anterior. Para a análise, estabelecemos os seguintes passos:

²² As cartas serão editadas em breve. A coleta dos dados foi realizada nos originais.

²³ Trata-se de uma informação genérica: à medida que coletávamos os dados, observamos que a quantidade desse tipo de construção era maior nos inquéritos orais. Para esta constatação, não foi necessário nenhum tratamento estatístico dos dados.

²⁴ A minha intenção inicial era realizar um trabalho diacrônico e quantitativo. Porém, não encontrei um número de dados suficientes para uma caracterização das construções de dupla conjunção em cada um dos quatro períodos citados. Assim sendo, mudei o enfoque para uma abordagem qualitativa dos dados, mantendo o caráter diacrônico do corpus a ser analisado.

1) Recolhimento exaustivo das ocorrências: serão coletados todos os dados de um determinado documento. Desse modo, não haverá nenhuma limitação (tais como número de páginas ou tamanho do documento);

2) Agrupamento dos dados coletados, de acordo com critérios qualitativos, a saber: 1) valor semântico e 2) estrutura sintática.

3) Depreensão das características semânticas e sintáticas de cada ocorrência.

4) Na recolha das ocorrências, desconsidere por vezes a pontuação em casos como:

(a1) Não tenho mais nada com a Literatura, que nem olho mais. **Se, porém**, você e o poeta quiserem aparecer no quinzenário, mandarei a colaboração ao Schmidt. (**MB**, p. 1406)

Considero essa uma construção de dupla conjunção, pois, ainda que estejam separadas pela pontuação, continuam sendo uma sequência de conectivos. Além disso, levei em conta que o próprio autor não mantém o mesmo padrão em casos semelhantes, como:

(a2) De uma vez que marquei encontro com o Guimarães na Livraria Católica, ele custou a dar as caras **e como** eu tivesse encontro combinado em outro lugar, deixei o vale com o Schmidt. (**MB**, p. 1402)

que também poderia ser pontuado:

(a3) De uma vez que marquei encontro com o Guimarães na Livraria Católica, ele custou a dar as caras **e, como** eu tivesse encontro combinado em outro lugar, deixei o vale com o Schmidt. (**MB**, p. 1402)

Além disso, há outros dois fatores a considerar:

a) a maior parte das ocorrências provém de inquéritos orais, que não são pautados pela pontuação formal;

b) as cartas que utilizei devem refletir uma “oralidade conceptual”, como foi dito um pouco mais acima.

A partir dos pressupostos teóricos e da metodologia expostos acima esta pesquisa apresenta os seguintes objetivos:

A. Relativos à semanticização:

(i) verificar quais os valores semânticos expressos nas construções de dupla conjunção;

(ii) estabelecer como são obtidos esses valores, levando-se em conta cada elemento do par conjuncional;

B. Relativos à sintaticização:

(i) compreender qual é a natureza das construções de dupla conjunção;

(ii) verificar algumas das características sintáticas dessas construções.

Capítulo 7 – Semanticização das construções de dupla conjunção

7.1. Definição

Na abordagem da semântica cognitiva, as construções de dupla conjunção podem ser entendidas como a relação de dois “eventos”, no sentido Talmyano, que despertam diferentes níveis de atenção no falante: o “evento-figura” (F), que contém o seu principal foco de interesse e o “evento-fundo” (G), que serve de referência ao que é dito em F. O evento G funciona como uma espécie de “baliza” para F, localizando-o no tempo e/ou no espaço, ou acrescentando informações sobre ele:

- G acrescentando uma informação/circunstância:

(7) Conforme telegrama junto, os homens vem amanha , e se tiveres
bôa vontade (G) é negocio feito (F). (CPWL XX – 1914)

- Localização temporal de F:

(8)

Inf aí dipois põe na for:ma... i corta

Doc i corta

Inf é i quandu eu era soltera (G) meu serviçu era essi eu fazia farinha (F)

Outro modo de depreender os valores dessas construções, sobretudo aquelas que envolvem condicionais e causais, é o modelo de análise proposto por Neves (1999):

(9) num dianta... u cara trabaia pra aposentá () porque fica pió: du qui tava... porque num tem: regalia **porque si...** si elis dessi um meiu di vida um saláriu mais ou menu... pa pessoa num pricisá mais trabalhá nós num ia pra rua né? (E – 11a)

Esse enunciado se conduz da seguinte forma:

- a) *Porque* se eles dessem um meio de vida, um salário mais ou menos – dado um estado de coisas que se verifica (tópico) ;
- b) *então* (*daí, em consequência*): nós não iríamos para a rua trabalhar – verifica-se outro estado de coisas (foco).

Há confluências nas propostas de Talmy e de Neves: as análises mostram uma sucessão de eventos (ou estados de coisa) e a relação semântica existente entre eles. Além disso, Neves observa que é possível conceber as construções condicionais, a partir da articulação entre “tópico” e “foco” (que são expressos na oração subordinada e na oração núcleo, respectivamente), numa visão bastante similar ao de Figura e Fundo, de Talmy²⁵.

Nesta pesquisa, adoto esses modelos, e procuro mostrar quais os valores semânticos que advêm da presença das duas conjunções numa construção complexa.

Em última análise, essas construções se caracterizam como uma sequência de eventos semanticamente inter-relacionados através de valores como adição, adversidade, tempo, causa, condição, entre outros.

7.2. Construções de dupla conjunção, semântica cognitiva e abordagem multissistêmica da língua

Após a apresentação desses dois modelos de análise, é relevante retomar a minha definição das construções de dupla conjunção:

“São formulações marcadas, que se caracterizam pela sequência de pelo menos duas conjunções. Tal construção ocorre pelo deslocamento à esquerda de uma oração circunstancial”

²⁵ Apesar dessa similitude, cabe destacar que a distinção entre tópico e foco de Neves se aplica ao discurso.

Eis como a dicotomia “Figura/ Fundo” se aplica nessa definição:

Ordem não marcada:

(7a) Conforme telegrama junto, os homens vem amanha, e é negocio feito (F), se tiveres bôa vontade (G)

Construção de dupla conjunção:

(7) Conforme telegrama junto , os homens vem amanha , e se tiveres bôa vontade (G) é negocio feito (F).

O deslocamento para a esquerda joga algum realce numa circunstância que estava destinada a ficar literalmente “na margem”. Apesar disso, ela permanece sendo uma “informação de fundo (G)”. Ou seja: houve uma mudança sintática que não alterou, em essência, o significado semântico da construção, o que corrobora a independência dos subsistemas da linguagem postulada por Castilho (2007, 2010).

Esse realce está relacionado ao que Talmy (2000) denomina “windowing of attention”, fenômeno que diz respeito à capacidade do falante em selecionar partes específicas de um evento e direcionar uma maior atenção a elas, deixando outras partes em segundo plano (*apud* Kewitz, 2007). Nos exemplos abaixo, a diferença entre as ordenações está na localização da “janela de atenção”:

(5) Ora numa revista de vanguarda, como Terra Roxa importa que demos sempre o melhor de nós mesmos. Porque quando se cai na vanguarda, o resto da tropa passa por cima...

(5a) Ora numa revista de vanguarda, como Terra Roxa importa que demos sempre o melhor de nós mesmos. Porque o resto da tropa passa por cima quando se cai na vanguarda

(7a) Conforme telegrama junto, os homens vem amanha, **e** é negocio feito, **se tiveres bôa vontade**

(7) Conforme telegrama junto , os homens vem amanha , **e se tiveres bôa vontade** é negocio feito.

7.3. Os valores semânticos das construções de dupla conjunção

Tendo como base sempre o primeiro elemento do par conjuncional, eis os valores semânticos encontrados no corpus sob análise nesta pesquisa:

1. ADIÇÃO

1A) Adição e causalidade

(10) Recebi sua carta de hoje **e como** você nella pede resposta passo a dal-a (CPWL XX – 1907)

(11) Mas a Rede Sul-Mineira está muito escangalhada com as chuvas, os trens andam com um atraso danado **e como** o Couto precisa estar infalivelmente em Rezende no dia 9, resolvemos antecipar a partida para o dia 8. (MB, p. 1393)

(12) Bem, os meus cabelos estão negrinhos! É isso aí! Tomei coragem e taquei Biocolor no danado! E 'preto-azulado' ainda! Ficou o maior barato! **E como** eu ando sempre de preto e saiu essa meleca dessa novela "Vamp", eu passo c/ o pessoal na rua e a baianada 'natasha!!!' (CPP, 01/Ago/1991)

Em (10-12), tem-se o **E** aditivo, um acréscimo de informação ao enunciado anterior, seguido de uma construção causal "de conteúdo" (do tipo "causa e consequência") Parafrazeiam-se:

(10a) Recebi sua carta de hoje **E JÁ QUE** você nella pede resposta (F) passo a dal-a (G)

(11a) Mas a Rede Sul-Mineira está muito escangalhada com as chuvas, os trens andam com um atraso danado E PORQUE o Couto precisa estar infalivelmente em Rezende no dia 9, resolvemos antecipar a partida para o dia 8

(12a) meus cabelos estão negrinhos... E PORQUE eu ando sempre de preto e saiu a novela, me chamam de “Natasha”

1B) Adição e comparação

(13) i achei que Eli istava atrasadu nu tempu... né? atrasadu na manera deli di pensá...
i comu Eli [pensa] devi tê muita genti qui faiz assim pur issu qui a pessoa si senti rebaxada... intão si um dia uma impregada doméstica chegá... a ovi u... u qui eu tô diZenu... num si invergonha nunca di sê UMA impregada doméstica...(X – 21 a)

Na construção acima, o E introduz uma informação de caráter comparativo e repetitivo. A conjunção **como** enuncia a “comparação enfática”:
 Lê-se:

(13a) i achei que Eli istava atrasadu nu tempu... né? atrasadu na manera deli di pensá... E DA MESMA FORMA QUE Eli [pensa] devi tê muita genti qui faiz assim

(13b) i achei que Eli istava atrasadu nu tempu... né? atrasadu na manera deli di pensá... E comu eli [pensa](G) devi tê muita genti qui faiz assim (F)

1C) Adição e concessividade

(14) Apesar das promessas que os homens da Municipalidade fizeram ao Pedro **e apesar do** grande numero de vagas que se tem dado n’aquella repartição e que tem sido preenchidas, nada arranjei e creio que nada arranjarei por este lado. (CPWL - 1899, p. 53)

(14a) **e apesar do** grande numero de vagas que se tem dado n’aquella repartição e que tem sido preenchidas (G), nada arranjei e creio que nada arranjarei por este lado.
 (F)

Valor semântico: o conector aditivo acresce uma segunda oração concessiva, que reforça a descrença do falante: “Apesar disso e apesar daquilo, nada arranjarei”.

1D) Adição e tempo

(15) **Inf.** é... Jesus chegô primero **e quando** ele chega só chega pra ganhá... ô glória... e eu tô boa agora glória glória de Jesus (**BD XIII**)

(16) Ora pois, dadas semelhantes e angustiosas circunstancias, o God Almighty da caatinga não tem residerncia fixa **e quando** a conferencia da baixada fluminense não rende nada, come barata em hoteisinhos da Estação Pedro II. **e quando** rende se manda com barriga, bigode e gênio pro Palece Hotel ou pra Copacabana, mas só com 10% de cuidadosas gorgetas (RJ, 21/10/39 – **RMB**, p. 33.)

(17) Eu sempre no começo do programa presto atenção nas bandas que o locutor anuncia que vai tocar. **E qdo** é “Echo live”, sai da frente que eu quero gravar! (**CPP**, 15/Dez/1990)

(18) Divirta-se **e qdo.** der me ligue! (**CPP**, 12/Mar/1997)

(18a) Divirta-se **e qdo.** der (G) me ligue! (F)

Valores semânticos: quatro ocorrências de dupla conjunção do tipo **aditivo/temporal**, que se diferenciam entre si. Em (14-16), QUANDO tem valor iterativo, repetitivo (= todas as vezes que):

(15^a) é... Jesus chegô primero **e todas as vezes que** ele chega só chega pra ganhá... ô glória... e eu tô boa agora glória glória de Jesus

(16a) Ora pois, dadas semelhantes e angustiosas circunstancias, o God Almighty da caatinga não tem residerncia fixa **e todas as vezes que** a conferencia da baixada fluminense não rende nada, come barata em hoteisinhos da Estação Pedro II. **e todas as vezes que** rende se manda com barriga, bigode e gênio pro Palece Hotel ou pra Copacabana, mas só com 10% de cuidadosas gorgetas

(17a) Eu sempre no começo do programa presto atenção nas bandas que o locutor anuncia que vai tocar. **E todas as vezes que** é “Echo live”, sai da frente que eu quero gravar!

Já em (18), o conector aditivo promove a ligação de duas orações de caráter imperativo, sendo que o “impacto” da segunda oração é atenuado pela nuance temporal.

(19) Com os balanços do carro a Menina, xentes! embriuiu o estômago **e quando** chegou à estação gumitou, gumitou que não foi vida. (MB, p. 1393)

Neves (2000) aponta que uma das especificidades semânticas do conector aditivo é o de promover a ligações entre situações de causa e efeito, como é o caso que ocorre em (19).

1E) Adição e condicionalidade

(20) tava calor si nós colocassi um shorti... nem qui sessi () aqui:... eli já mandava a genti tirá qui tava iscandalosu... **i si** a genti saíssi pa rua um poquinho ficassi nu portão um poquinho já mandava pra dentru... (4 – 4a)

(21) u qui a professora mandá você fazê cê faiz... **i si** você fizé coisa errada... a professora vai mandá um bilheti pra mim”... entendeu? (O -16b)

(21a) u qui a professora mandá você fazê cê faiz... **i si** você fizé coisa errada... (G) a professora vai mandá um bilheti pra mim”... entendeu? (F)

(22) elis robava i vendia ainda pra... vizinhu mais... vendia i num tava nem aí... **i si** a genti fossi fazê reclamação né? ia puxá revolve ... pu maridu da genti... (O -16b)

Valor semântico: dupla conjunção **aditiva/condicional**. Ao acréscimo de informação segue-se uma oração condicional de caráter iterativo:

(20a) E toda vez que a gente saía na rua...

(21a) E toda vez que você fizer coisa errada...

(22a) E toda vez que a gente fosse reclamar...

1F) Adição e conclusão

(23) É uma técnica do aporrinhado, de quem não quer fazer as coisas, mas é obrigado a fazê-las **e então** faz com uma má vontade exata e sincera. (MB, p. 1402)

(23a) É uma técnica do aporrinhado, de quem não quer fazer as coisas, mas é obrigado a fazê-las **e então** [assim sendo] (G) faz com uma má vontade exata e sincera. (F)

Valor semântico: em (23) Há uma relação de causa/efeito entre as orações, sendo este último introduzido por uma conjunção conclusiva, indicando uma consequência lógica:

(23b) É uma técnica do aporrinhado, de quem não quer fazer as coisas, mas é obrigado a fazê-las [= causa] **e então** [logicamente, como consequência] faz com uma má vontade exata e sincera.

2. DISJUNÇÃO OU ALTERNÂNCIA

Pouquíssimos casos de disjunção aparecem no corpus desta pesquisa, todos eles introduzidos pelo conector OU.

2A) Disjunção e condicionalidade negativa

(24-25)

não... tem ônibus aqui im cima... às vezi eu desçu na casa da minha vó pa dexá u nenê lá né?... dexá cum a minha irmã **ou sinão** cum a minha vó... dexu lá... pegu um dus meus irmão **ou sinão** us dois piquenu... levu meu otru mininu... (4 – 4a)

Nessas ocorrências, a conjunção disjuntiva de exclusão estabelece a relação entre um fato (deixar o nenê com a minha irmã) e a sua alteração (ou com a minha vó) a associação do conector disjuntivo com uma condicional de caráter negativo (se não) realça ainda mais o caráter excludente dessas duas possibilidades enunciadas.

(26) além du trombadinha é um lugar qui a genti num::... conformi u: lugar qui a genti vai ou vem du serviçu assim... num sabi u qui si tá si passandu na sua casa... intão as vezis aconteci di quandu cê chega im casa já tá tudu robadu... **ou sinão** já entraru prejudicô sua patroa prejudicô us filhu intão num tem um si/ num tem uma sigurança (b – 23b)

Nesse caso, a conjunção inclusiva relaciona um fato e uma eventualidade: os assaltos constantes e a possibilidasde dos familiares passarem por sofrimentos físicos. A condicional negativa reforça qual é a pior das opções, como se lê na paráfrase:

(26a) ... intão as vezis aconteci di quandu cê chega im casa já tá tudu robadu... ou PIOR AINDA já entraru prejudicô sua patroa prejudicô us filhu intão num tem um si/ num tem uma sigurança

(26b) ... intão as vezis aconteci di quandu cê chega im casa já tá tudu robadu... ou si não [tiver roubado] (G) já entraru prejudicô sua patroa prejudicô us filhu (F) intão num tem um si/ num tem uma sigurança

2B) Disjunção e finalidade

(27) ieu eu num via nada mais ó... eu pensava qui elis tava mi dandu água di açúca pra mim **ou intão** chá pra eu tomá qui eu dueci di novu... (K -14b)

Aqui, há uma escolha indiferente para a mesma finalidade:

(27a) tanto faz se me davam água com açúcar ou chá para eu tomar

3. ADVERSIDADE

No *corpus* desta pesquisa, nuance semântica de adversidade aparece expressa de três formas distintas: através da sua conjunção prototípica *mas*; por meio da conjunção *e*; através da locução *só que*.

3A) Adversidade e causalidade/explicação

(28) Titia recebeu a tua carta, **mas como** tem passado mal e não pode escrever agora, pede que eu o faça. (CPWL, p. 22)

(28a) Titia recebeu a tua carta, **mas como** tem passado mal e não pode escrever agora (G), pede que eu o faça. (F)

(29) eu tava pensando em mandar uma carta p/ a gravadora pedindo p/ eles entregarem uma carta nossa nas mãos do Ian, que tal? **Mas como** tem que escrever em 'english' e eu sou péssima no tal, sobrou p/ Verê Vereninha bolar a carta, ok? (CPP, 01/Ago/1991)

(28-29) apresentam dupla conjunção **adversativa/causal**. MAS introduz uma oração adversativa. Na sequência, tem-se a causa, o motivo dessa adversidade.

(4) Elle ja viu a fazenda, **e como** tem commigo interesse na porcentagem *muito* custamos arranjar comprador. (CPWL - 1896, p.30)

(30) O meu desejo éra ir pessoalmente lhe agradecer, mas infelizmente estou com gripe, e de cama, **e como** quero que o *senhor* saiba o quanto lhe sou grata, escrevo-lhe esta carta. Ella dirá bem os meus sentimentos de gratidão e amizade. (CPWL XX - 1923)

Em (4) e (30), o E introduz uma adversidade em relação ao enunciado anterior. Na sequência, COMO indica a causa, o motivo dessa adversidade. São, portanto, estruturas bastantes similares ao par (28-29).

3B) Adversidade e condição

(31) agora eu digu a senhora eu ainda tô aqui nessi bairru porque eu num tenho condição di pagá um aluguel fora... **mais si** eu tivessi condições di pagá um aluguel (tinha) eu já tinha saídu daqui (S – 18b)

(32) Na versão em cd, tem duas faixas inéditas em cada um c/ o lan e o menino que tem elas ta gravando pra mim. O nome delas eu ã lembro, **mas se** é do lan, é lindo maravilhoso etc etc etc... (CPP, 11/Fev/1992)

(32a) O nome delas eu ã lembro, mas se é do lan (G), é lindo maravilhoso (F)

Eis dois casos distintos de **adversativa/condicional**. Em (31), um MAS “inclusivo” introduz o contraste entre a realidade do falante e a situação ideal desejada por ele; a sentença condicional implicativa funciona com um acréscimo, indicando uma certeza de atitude do falante, se a situação fosse outra. Paráfrases:

(31a) eu não tenho condição de pagar aluguel e acrescento: se eu tivesse condições de pagar, é claro que eu não estaria mais morando aqui.

Em (32), as duas conjunções apresentam valores não prototípicos (MAS inclusivo e SE do tipo “habitual” [= todas as vezes que], que podem ser compreendidos na seguinte paráfrase:

(32b) Não sei o nome das músicas, mas isso não importa [porque]: se são do lan, são lindas, maravilhosas.

(33) eli chegô u rapaiz tava vendenu limão discarregô um revorvi im cima du rapaiz qui tava vendenu limão... Dlzem qui foi pur causa di negóciu di venda di maconha... qué dizê qui mora lá nu prédiu... **agora si** fossi aqui vai dizê “não... porque mora im barracu... porque é issu porque é aquilu” (E-11a)

Este exemplo traz o “agora” (normalmente um advérbio temporal) como uma conjunção adversativa.

3C) Adversidade e tempo

(34) Acho, aqui na minha opinião, que a Vida sem a Morte não faz sentido. Eu não sei explicar o porquê, **mas quando** descobrir, eu te avisarei. (CPP, 17/Abr/1991)

(34a) Eu não sei explicar o porquê, mas quando descobrir (G), eu te avisarei (F).

Em (34), MAS indica contraste entre duas situações e QUANDO indica o momento temporal em que a segunda situação pode ocorrer. O conector adversativo é “inclusivo” e a conjunção temporal realça esse aspecto.

(35) podi vim di carru por lá pelu paulistanu podi podi vim pur aqui podi vim pur aqui... certu?... **mais quandu** eli vai chegá aqui nessi pedacinhu aqui elis num passa... si elis passá elis fica... aí na frenti dessa viela aqui (D – 24b)

(36) O som é ‘Echo’ puro, **só que qdo.** entra o vocal, o transe acaba... (CPP, 15Dez/1990)

(35-36) são ocorrências nas quais o MAS e a locução adversativa SÓ QUE estão em seus valores prototípicos, ao passo que a conjunção temporal apresenta um carácter iterativo, parafraseado por:

(35a) Mais **toda vez que** ele vai chegá aqui nesse pedacinho, ele não passa.

(36a) O som é ‘Echo’ puro **só que toda vez que.** entra o vocal, o transe acaba

3D) Adversidade e concessão

(37) A censura obrigou o pessoal a se vestir mais, **mas apesar disso** um grupo de sujeitos da Liga pela Moralidade vaiou lá uma artista que eles consideraram indecente. (MB, p. 1392)

(37a) **mas apesar disso** (G) um grupo de sujeitos da Liga pela Moralidade vaiou lá uma artista que eles consideraram indecente. (F)

(38) Mais ou menos imagino quem são os grãfiníssimos da intelligencia, **mas embora** a sua (de você) idoneidade seja mais que suficiente, fica besta esse segredo pra um participante moral da coisa. Desembuche que ainda sei guardar segredo. (RMB, RJ, 21/10/39 –, p. 32.)

Há nessas construções do tipo **adversativa/concessiva** uma dupla contraposição, já que a oração concessiva também expressa uma contrariedade. Assim essa “soma de adversidades” resulta em um reforço no valor de contraste nesse período complexo.

3E) Dupla adversidade

(39)

Doc falô di forró... cê lembra di festa di são juão?

Inf [na minha terra tinha né? **mais só qui** num ia (O -16b)

A ocorrência acima mostra uma sequência de duas estruturas adversativas: o conector prototípico e a locução *só que*. Como resultado, há uma intensificação no valor de contraposição.

4. COMPARAÇÃO

4A) Comparação e condicionalidade

(40-41) “a sinhora num DExa ela num/ela saí cum ninGUÉm vai **comu si** fossi sua filha” i di FA:tu ela mi tratô **comu si** fossi minha filha (X – 21a)

(40b) vai (F) **comu si** fossi sua filha (G)

Essas ocorrências se situam na fronteira entre as orações *comparativas* e as condicionais. Construções como essas geram diferentes posicionamentos por parte dos estudiosos.

Mira Mateus *et al.* (2003) propõem a seguinte leitura para as sentenças de *como se*:

(40b-41a) “vai, *como iria* [= comparação] *se fosse* [= condição irreal] a sua filha e de fato ela me tratou *da mesma forma que trataria* se fosse minha filha”

Leão (1961) é frontalmente contrária à reconstituição do verbo supostamente elíptico. Diz ela que “o indivíduo que usa tais construções não tem sentimento da ausência de um verbo: a forma reduzida parece-lhe perfeitamente natural” (p. 109). Para ela, a locução *como se* possui “unidade semântica, para exprimir uma comparação não quantitativa, sob forma hipotética, com implicação de irrealidade”. (p. 110). Concordo com este posicionamento.

5. CAUSA

5A) Causalidade e tempo

(42) **Como quando** me destes ordem para comprar as acções não me disseste que tinhas pressa, e sendo opinião geral que as acções deviam baixar, deixei de comprar, mesmo também quando quiz comprar não achei um lote de 17 acções pois que um lote pequeno e de numero impar nem sempre se obtem. (CPWL - 1900, p.12)

(42a) **Como quando** me destes ordem para comprar as acções não me disseste que tinhas pressa, e sendo opinião geral que as acções deviam baixar (G), deixei de comprar (F)

Nesta ocorrência, COMO introduz uma informação compartilhada pelos interlocutores (tópico ou “fundo”, nos termos de Talmy), e QUANDO refere-se ao exato momento em que o fato (“me destes ordem para comprar as ações”) ocorreu.

(43) não foi pra mim não foi difícil **por causa que quando** no dia que eu cheguei... parece mentira mais é verdade no dia que eu cheguei eu arrumei serviço então qué

dizê eu cheguei hoje com a.... à tarde memo à noite eu já tinha lá a minha prima que já tava trabaiano aqui (**BD XIV**)

Os conectores (locução conjuntiva causal + conjunção temporal) estão em seus valores prototípicos. A locução introduz a causa para a afirmação anterior do falante, enquanto QUANDO situa esse acontecimento no tempo.

(44)

Doc. é... comu é qui é a iscola ondi sua menina vai? ela tá achandu que tá boa?

Inf . eu achu qui sim **porque quando** ela tava nu prezim lá imbaxu ela... ela mais brincava

Na ocorrência acima, PORQUE indica a situação causal, enquanto a oração temporal traz a causa propriamente dita, localizando-a no tempo. Lê-se: **PORQUE quando [= por essa causa].**

5B) Causa e condicionalidade

(45) elis fica cunversanu aí a genti num vai muito pra num atrapalhá eli **porque si** eli num fô nu otu dia eli perdi a genti não né? (E -11a)

(45a) elis fica cunversanu aí a genti num vai muito pra num atrapalhá eli **porque si** eli num fô nu otu dia (G) eli perdi a genti não né? (F)

(46) eu toda vida si eu tenhu qui fazê uma assim... nu intervalu du dia eu levantu cedu pra mim fazê cedu **que si** u sol isquentá depois si comprica pra genti né? (2 – 2 a)

(47) “e vão-se embora depressa **porque sinão** tornamos a atirar” foi a resposta dos soldados. (**MA**, p. 311-12)

(48) ... intão eu ia buscá todú dia pa bebê pa cuzinhá essas coisa... i pa lavá ropa i pa banhu a genti si valia daqueli tambô... ainda economizandu ainda **porque sinão** num dava

Nessas construções, PORQUE indica a situação causal, enquanto a oração condicional (introduzida por SE) traz a causa propriamente dita. Lê-se:

PORQUE se [= por essa causa]. As ocorrências (47-48) apresentam “condicionalidade negativa” (“sinão” = se não)

5C) Dupla causalidade

(49) não... eu fiz e quando chegô a carta aqui pra mim... nossa... fiquei toda feliz... pensando que era um pouquinho mais né pa ajudá... **p’que... já que** eu tô parada e tal né... aí quando eu vejo... veio Bolsa-Escola né... mais é tão poquinho viu.. o governo podia... esticá ((ri)) (BD XV)

Este exemplo apresenta conjunção + locução conjuntiva, ambas causais. Há, portanto, um reforço desse significado.

5D) Causalidade e adversidade

(50) A sua bôa saude, é o que primeiro desejo sinceramente.

Já ha muito tempo desde que recebi uma carta de meu padrinho, *Doutor* Ricardo Heyse, e a cujo respeito escrevo-lhe esta, a qual tenho vindo dia a dia retardando, por não querer, de qualquer modo, ir encommodar a Senhora.

Como porem, a pessoa de quem tracto é não só meu Padrinho, como ainda foi um dos maiores amigos de Papae, - não me é possível, por mais que isto me pese, deixar de levar-lhe este pedido, entre as tantas importunações que se costumam receber no Palacio do Governo. (CPWL XX – 1921)

(50a) Como porem, a pessoa de quem tracto é não só meu Padrinho, como ainda foi um dos maiores amigos de Papae, (G) - não me é possível, por mais que isto me pese, deixar de levar-lhe este pedido (F)

Neste exemplo, o conector explicativo COMO remete à porção anterior do texto, ao passo que o elemento adversativo PORÉM “prenuncia” que o destinatário da carta será importunado com uma solicitação.

6. EXPLICAÇÃO

6A) Explicação e condicionalidade

(51) Dirijo-me ao *Senhor*, porque a sua opinião pela justiça de que se reveste e pelo prestígio que o *Senhor*, goza na família é a que predomina. Não allego minha situação ainda financeiramente incerta nem o facto de Vóvó ter me dito que não cobraria a lettra e com ella me presentearia no meu anniversario mas, antes de me dirigir aos outros herdeiros quero que o *Senhor*, se pronuncie **pois, caso** ache que eu deva pagar eu o farei sem ouvir os outros (CPWL XX - 1927)

(51a) antes de me dirigir aos outros herdeiros quero que o *Senhor*, se pronuncie **pois, caso** ache que eu deva pagar (G) eu o farei sem ouvir os outros (F)

Em (51), não há propriamente uma relação de causa/efeito e sim uma justificativa/explicação, a qual se segue uma formulação condicional, que contém, ela sim, o motivo do pedido de pronunciamento.

6B) Explicação e concessividade

(52) Confórme você resolver com os homens, elles seguirão terça-feira para liquidar o negocio em Londres, assim sendo mais uma vez peço providenciar sobre os documentos, **pois mesmo que** não se faça servirão para quando fizéres. (CPWL XX – 1914)

(52a) assim sendo mais uma vez peço providenciar sobre os documentos, **pois mesmo que** não se faça (G) servirão para quando fizéres. (F)

Nesta ocorrência, o POIS é um elemento explicativo, seguido de uma oração concessiva, que alerta para a utilidade futura em se atender ao pedido formulado (“mais uma vez peço providenciar sobre os documentos”)

6C) Explicação, concessividade e condição

(53) achu qui é uma facilidadi qui eli faiz... nu meu modu di pensá... achu qui é facilitadu **porque: mesmu qui si** é pela prefeitura é controladu pelu governu (b -23b)

(53a) achu qui é uma facilidade qui eli faiz... nu meu modu di pensá... achu qui é facilitadu **porque: mesmu qui si** é pela prefeitura (G) é controladu pelu guvernu (F)

Há neste exemplo uma sequência de três conjunções: o PORQUE claramente explicativo; acompanhado de um elemento concessivo e de outro condicional. Parafraseando:

(53b) ... achu qui é facilitadu **explico: mesmu qui seja** pela prefeitura, é controladu pelu guvernu

(53c) achu qui é facilitadu **explico: mesmu qui... si é** pela prefeitura, é controladu pelu guvernu

7) CONDICIONALIDADE

7A) Condicionalidade e adversidade

(54) Mas sim. Não tenho mais nada com a Literatura, que nem olho mais. **Se, porém,** você e o poeta quiserem aparecer no quinzenário, mandarei a colaboração ao Schmidt. (MB, p. 1406)

(54a) Mas sim. Não tenho mais nada com a Literatura, que nem olho mais. **Se, porém,** você e o poeta quiserem aparecer no quinzenário (G), mandarei a colaboração ao Schmidt. (F)

Em (54), SE indica uma relação de contraste com o enunciado anterior, que é ratificada pela conjunção adversativa que lhe segue. Lê-se:

(54b) Mas sim. Não tenho mais nada com a Literatura, que nem olho mais. **Se, mesmo assim,** você e o poeta quiserem aparecer no quinzenário, mandarei a colaboração ao Schmidt

7B) Dupla condicionalidade

(55) Inf já volta junto i vem fazendu assistênciã nu carru **si casu** dé um detalhi nu caminhu... intão a veiz (b – 23b)

(55a) Inf já volta junto i vem fazendu assistênciã nu carru (F) si casu dé um detalhi nu caminhu... (G)

Este exemplo mostra uma sequência de duas conjunções condicionais pospostas, indicando uma ressalva.

8. CONCLUSÃO

8A) Conclusão e condicionalidade

(56) u meu pai falô dissí assim “comu é qui é... você num vai istudá mais ?” eu dissí assim “não sinhô... num vô mais não”... assim... “ah **intão si** num vai istudá... intão cê vai pa roça trabaiá” “tudu bem” (V – 20a)

(56a) “ah intão si num vai istudá... (G) intão cê vai pa roça trabaiá (F)”

O conector ENTÃO introduz uma conclusão, que é enunciada na forma de uma condicional do tipo implicativo (= causa/efeito). Paráfrase:

(56b) conclusão: se (= já que) você não vai estudar, então vai pra roça trabalhar

8B) Conclusão e causalidade

(57) TOdu anu a gentí tem qui gastá um dinherão cum material né?... lápi cadernu é borracha é apontador... tudu... **intão... já qui** vão na iscola i num tão aprendenu nada issu aí tá é um dinheru jogadu fora... num é? (P-17a)

(57a) TOdu anu a genti tem qui gastá um dinherão cum material né?... lápi cadernu é borracha é apontador... tudu... intão... já qui vão na iscola i num tão aprendenu nada (G) issu aí tá é um dinheru jogadu fora... (F)

Nesta ocorrência, a conjunção indica uma conclusão por parte do falante e a locução conjuntiva epistêmica traz a causa, o motivo que levou a essa conclusão.

8C) Conclusão e tempo

(58) falava “você vai apanhá dobradu porque você correu... eu sô seu pai NE?... eu sô seu pai ((fala da criança)) **intão quando** eu falá pra você que eu vô ti batê você tem qui obedecê entendeu?” (5 – 4b)

(58a) “você vai apanhá dobradu porque você correu... eu sô seu pai NE?... eu sô seu pai **intão quando** eu falá pra você que eu vô ti batê (G) você tem qui obedecê entendeu?” (F)

Em (58), a conclusão possui um caráter iterativo e genérico, como uma lei:

(58b) **Conclusão: toda vez que** eu falá pra você que eu vô ti batê você tem qui obedecê entendeu?”

9. CONSEQUÊNCIA

9A) Consequência e condição

(59) u professor dissí “bom... si você quisé um dia fazê uma facuDAdi... seria bom você fazê:... a:: u colegial... NE di contabiliDAdi NE?”... intão NE foi na casa NE i NE feiz três anu di contabilidadadi qui é equivalenti ao colegial NE?... **di manera qui si** amanhã o dipois NE quisé prestá uma facudadi NE podi NE?... (X – 21a)

(59a) i NE feiz três anu di contabilidadi qui é equivalenti ao colegial NE?... **di manera qui si** amanhã o dipois NE quisé prestá uma facudadi NE (G) podi NE?... (F)

Nesta ocorrência, a locução concecutiva, atua como uma espécie de “elemento resumidor” da longa porção anterior do texto e também aponta para situação hipotética (expressa na oração de SE), que certamente poderá ser concretizada no futuro.

7.4 Os eventos cognitivos nas construções de dupla conjunção

Para cada uma das combinações semânticas encontradas na minha pesquisa, mostrei a articulação dos eventos cognitivos, com a indicação de que que as sentenças conjuncionais expressam sempre o “evento-fundo”, ao passo que a oração seguinte contém o “evento-figura”. Este fato deixa entrever a atuação paralela e simultânea de três domínios do conjunto multissistêmico:

- a) Na semântica, as orações conjuncionais expressam o evento de referência...
- b) ... ao mesmo tempo que, no discurso, elas contém a informação de tópico...
- c) ... e na sintaxe, as construções são formadas por três orações (cf. seção 8.2, a seguir):

“Oração 1+ Dupla conjunção + Oração subordinada + oração núcleo”

Nesta configuração, a oração nucleo contém o evento de maior interesse (no campo semântico) e a informação nova (no discurso), restando à oração subordinada expressar o evento de referência. (fundo ou tópico).

A partir da interrelação existente entre a semântica e a sintaxe, é possível diferenciar pelo menos dois tipos de estruturas de dupla conjunção, a saber²⁶:

a) **Conjunções contiguas**, que não formam um pareamento de função e/ou significado: são os casos dos períodos complexos nos quais os conectores se diferenciam entre si pelo valor semântico que expressam e pelo nível sintático a que pertencem. Exemplos:

(3) Acho, aqui na minha opinião, que a Vida sem a Morte não faz sentido. Eu não sei explicar o porquê, **mas quando** descobrir, eu te avisarei.

(4) Elle ja viu a fazenda, **e como** tem com migo interesse na porcentagem *muito* custamos arranjar comprador.

(5) Ora numa revista de vanguarda, como Terra Roxa importa que demos sempre o melhor de nós mesmos. **Porque quando** se cai na vanguarda, o resto da tropa passa por cima...

(3) apresenta uma construção de adiversidade e tempo e um par conjuncional formado por um conector coordenado e outro subordinado. O mesmo ocorre em (4) que, por sua vez, expressa os valores de adição e causa. Já em (5), as duas conjunções pertencem ao mesmo nível sintático (conectores subordinados) e expressam os valores de causa e tempo.

b) **Conjunções similares** (mas não idênticas) em função sintática e valor semântico: são os casos em que as conjunções pertencem ao mesmo nível sintático e ainda possuem similaridade semântica. Exemplos:

(39) na minha terra tinha **mas só que** não ia

(55) já volta junto e vem fazendo assistência no carro **se caso** der detalhes

²⁶ Tipologia elaborada pela Profa. Sanderléia Longhin-Thomazi - durante a minha Seção de Defesa -, a quem agradeço.

Em (39), há dois elementos de coordenação - uma conjunção e uma locução conjuntiva -, ambos de valor adversativo. Por sua vez, (55) apresenta duas conjunções subordinadas condicionais.

Resumindo os achados relativos à semanticização nas construções de dupla conjunção:

- 1) O primeiro elemento do par conjuncional instaurou 9 valores semânticos – adição, disjunção, adversidade, comparação, causa, explicação, condição, conclusão e consequência -, que permitiram 27 combinações distintas com os valores expressos pelo segundo elemento do par conjuncional.
- 2) O valor mais profícuo na primeira conjunção foi o de *adição*, que possibilitou 6 combinações; o de *adversidade* gerou 5 combinações, ao passo que *comparação* e *conseqüência* ofereceram apenas 1 combinação cada.
- 3) Quanto ao segundo elemento da dupla conjunção, *tempo* e *concessão* e *condição* foram os valores semânticos expressos em maior quantidade.
- 4) *Adversidade*, *condição*, *causa*, *comparação* foram valores expressos nos dois elementos do par conjuncional.
- 5) Houve três casos em que o mesmo valor semântico foi expresso simultaneamente pelas duas conjunções: duplas *adversidade*, *causalidade* e *condição*.
- 6) A distinção entre orações causais, explicativas e conclusivas mostrou-se pertinente para a minha análise.
- 7) Do ponto de vista cognitivo, as orações “introduzidas” pela dupla conjunção expressam o “evento-fundo”, servindo de referência para o “evento-figura”, que está expresso na oração seguinte.

Capítulo 8 – Sintaticização das construções de dupla conjunção

Três são as questões pertinentes à sintaxe das construções de dupla conjunção: 1) a natureza da e a estrutura da construção; 2) o modo de construção; 3) características do par conjuncional.

8.1. A natureza e a estrutura da construção

As construções de dupla conjunção põem lado a lado orações complexas de diferentes naturezas, conforme atestam tanto as gramáticas tradicionais (Cf. Luft, 1978), quanto os estudos descritivos (Cf. Moraes, 1972-73).

Luft observa, com propriedade, que a classificação da NGB é heterogênea: parte baseada na natureza das orações (principal, subordinada), parte na ligação entre elas (coordenadas).

Moraes afirma que a coordenação é tão somente um processo formal de combinação de orações de mesma natureza. A subordinação, por outro lado, se refere, ela sim, à natureza das orações. Tanto que duas orações subordinadas podem estar coordenadas entre si e nem por isso deixam de ser dependentes da oração principal. Para ele, o correto seria afirmar que o período composto pode ser formado por orações independentes ou por orações principais e subordinadas. Concordo com o autor.

Além da natureza das orações, deve se considerar o tipo de ligação sentencial que essas orações estabelecem. Para tanto, retomo a escala proposta por Raibile (*apud* Simões 2007), mostrada no seguinte quadro²⁷:

²⁷ Ilustrei com exemplos apenas as construções pertinentes a esta pesquisa.

Agregação ←		Integração →	
Parataxe	Hipotaxe		
	Oração adverbial		Advérbio
I – Simples justaposição de orações sem junção			
II - Junção através de retomada pronominal (de uma parte) da oração anterior:			
III - Orações principais²⁸ explicitamente unidas com conectivo Os meus conhecimentos jurídicos, como você sabe, não são grandes; mas com boa vontade e esforço faz-se muita coisa. (CPWL, 1900, p.18)			
IV - Ligação através de conjunções subordinativas agora falta um empregado... bom... quando vem o salário é um saláriozinho michurucu qui num dá pra si vive... (S – 18b)			
V - Construções gerundiais e participiais (os conteúdos específicos resultam do contexto e da posição da oração)			
VI - Grupos preposicionais			
VII - Preposições “simples” e/ou morfemas de caso [... enquanto que aqui apenas a preposição cumpre esse papel.]			
VIII - Papéis actanciais [Aktanten]/papéis temáticos: nominativo, acusativo, dativo, genitivo, colativo, roborativo, pertencivo, instrumentativo, comitativo, etc.			

Quadro 3: a escala de *agregação* e *integração* (adaptado de Raible, 1992; *apud* Simões, 2007)

²⁸ Trata-se da ligação entre duas orações coordenadas. O rótulo “oração principal”, a meu ver, se deve ao fato de essas orações não serem subordinadas.

Nota-se que a coordenação e a subordinação ocupam posições distintas na escala de técnicas de junção: a primeira está mais próxima ao polo da agregação; a última está um nível abaixo, no meio da escala que tem como ponto final a integração.

Sendo assim, seja pela natureza das orações: orações independentes (nas coordenadas) x oração subordinada/oração principal (nas subordinadas); seja pelo tipo de relação hierárquica que possuem – nas coordenadas, não há hierarquia sintática entre as orações; nas subordinadas, sim – coordenação e subordinação se diferenciam entre si.

No que se refere à estrutura da construção, em linhas gerais, há duas possibilidades:

1) Se introduzidas por uma conjunção coordenada. Ocorre a seguinte estrutura:

{[Oração coordenada assindética + Oração coordenada sindética + [Oração subordinada Adverbial + Or. Núcleo]}

(60) O joguinho é muito excitante **e quando** menos se espera está tudo no porre. (MB, p. 1398)

Oração coordenada assindética	Oração coordenada sindética
O joguinho é muito excitante	e quando menos se espera está tudo no porre.
Or. Subord. Adv. Temporal	quando menos se espera
Oração Núcleo	está tudo no porre.

Quadro 4: esquema das construções de dupla conjunção introduzidas por conector coordenado.

2) Se introduzidas por uma conjunção subordinada:

Oração subordinada Adverbial + Oração subordinada Adverbial + Or. Núcleo

(61) bom num ganha mal não mais também num dá pra nada **porque:...** **si** a genti pega todú dia né?... num tem... quandu é nu fim da semana num tem... queu cobru quarenta mil né? (6 – 5a)

Oração Núcleo	num dá pra nada
Oração subordinada causal	porque:... si a genti pega todú dia né?... num tem
Or. Subord. Adv.Condicional	si a genti pega todú dia
Oração Núcleo	num tem

Quadro 5: esquema das construções de dupla conjunção introduzidas por conector subordinado.

Nas duas situações, a oração subordinada está colocada à margem da oração nuclear, conforme indicou Lehman (1988) em um dos parâmetros de ligação sentencial (cf. figura 2, p. 42)

8.2. O modo de construção

Esta questão diz respeito a: a) quais elementos compõem o par conjuncional e b) em qual ordem se colocam na estrutura de dupla conjunção. Assim sendo, no *corpus* desta pesquisa encontram-se as seguintes situações:

a) Conjunção coordenada + Conjunção subordinada

(11) Mas a Rede Sul-Mineira está muito escangalhada com as chuvas, os trens andam com um atraso danado **e como** o Couto precisa estar infalivelmente em Rezende no dia 9, resolvemos antecipar a partida para o dia 8. (**MB**, p. 1393)

(62) deus nossa sinhora ajudá qui dê certú quinta-fera eu vô imhora... **mais si** dé certú quinta-fera eu vô imhora... cum TUdu... (C – 9b)

Pertencem ainda a esse grupo as combinações:

- E QUANDO

(63) A 1ª. vez que eu ouvi o Echo foi no “89 Decibéis”, rolou “Rescue”, isto em 87 mesmo, **e quando** estava na casa da minha amiga Adriana (...) ela me fez conhecer uma tal banda chamada Echo & The Bunnymen. (CPP, 24/Fev/90)

- E SE

(64) é i essis lá i a junta médica da santa casa mi mostrô i falô “ó issaqui i **si** essa duença si ela pegá... pegá nu MEIS certu ela mata cum vinti i quatu hora si ela pegá u meu du pulmão” (C -9b)

- E ENTÃO

(65) eli levô a sériu memu u casamentu i eu pensanu qui num ia saí casamentu... depois eli falô “ó eu queru conhecê seus parenti qui eu queru casá”... eu falei “**i intão** cê vai lá”... dei eli u indereçu tudu direitihu... eli foi na casa da minha mãe qui era na fazenda du irmão dela (2 – 2a)

- OU ENTÃO

(27) ieu eu num via nada mais ó... eu pensava qui elis tava mi dandu água di açúcar pra mim **ou intão** chá pra eu tomá qui eu dueci di novu... (K -14b)

- OU SE NÃO

(26) além du trombadinha é um lugar qui a genti num::... conformi u: lugar qui a genti vai ou vem du serviçu assim... num sabi u qui si tá si passandu na sua casa... intão as vezis aconteci di quandu cê chega im casa já tá tudu robadu... **ou sinão** já entraru prejudicô sua patroa prejudicô us filhu intão num tem um si/ num tem uma sigurança (b – 23b)

- MAS COMO

(29) eu tava pensando em mandar uma carta p/ a gravadora pedindo p/ eles entregarem uma carta nossa nas mãos do lan, que tal? **Mas como** tem que escrever

em 'english' e eu sou péssima no tal, sobrou p/ Verê Vereninha bolar a carta, ok?
(CPP, 01/Ago/1991)

- MAS QUANDO

(66) eli só procura u defeitu assim uma oficina... quandu num é um::... quandu num é um defeitu gravi... **mais quandu** é um defeitu gravi intão a firma num permiti um otru mecânicu mexê (cum issu)... entendeu agora comu é? (b – 23b)

- AGORA SE

(67) u qui eu sujá eu vô limpá por que u filhu deli num podi ? só porque é filhu du patrão?... ((relato da mãe)) agora si eu... agora **agora si** eu si eu fossi eu qui fizessi... aí era outra coisa... certu?... mais agora eli fais eu qui vô limpá?... não (D -24b)

- MAS EMBORA

(38) Mais ou menos imagino quem são os grãfinissimos da intelligencia, **mas embora** a sua (de você) idoneidade seja mais que suficiente, fica besta esse segredo pra um participante moral da coisa. Desembuxe que ainda sei guardar segredo. (RJ, 21/10/39 – RMB, p. 32.)

b) Conjunção coordenada + Locução conjuntiva

(14) Apesar das promessas que os homens da Municipalidade fizeram ao Pedro **e apesar do** grande numero de vagas que se tem dado n'aquella repartição e que tem sido preenchidas, nada arranjei e creio que nada arranjarei por este lado. (CPWL - 1899, p. 53)

(37) A censura obrigou o pessoal a se vestir mais, **mas apesar disso** um grupo de sujeitos da Liga pela Moralidade vaiou lá uma artista que eles consideraram indecente. (MB, p. 1392)

(39)

Doc falô di forró... cê lembra di festa di são juão?

Inf [na minha terra tinha né? **mais só qui** num ia (O -16b)**c) Conjunção subordinada + Conjunção subordinada**

(68) Inf tem não... tinha não... tinha não... qui aque:/ elis fichava uns pocu **porque quando** u fiscal chegava... né?... elis ficava... mexenu na máquina (Z -22b)

(69) i u cobrador falô pra pra moça qui istava passanu lá na “SAI pra LÁ sua cozinha”... **comu si** eli tivessi xingandu ela da pior coisa pussível... (X - 21a)

Nesse grupo ainda se incluem:

- COMO QUANDO

(42) **Como quando** me destes ordem para comprar as acções não me disseste que tinhas pressa, e sendo opinião geral que as acções deviam baixar, deixei de comprar, mesmo também quando quiz comprar não achei um lote de 17 acções pois que um lote pequeno e de numero impar nem sempre se obtem. (CPWL - 1900, p.12)

- PORQUE SE

(70) é:: **porque se** eu passo dois dias sem í aí a gente fica preocupado “por que que fulano num veio?” (BD XIV)

- PORQUE SE NÃO

(71) pur issu qui a genti eu tenhu bastanti amizadi assim di “bom dia” “boa tardi” aí na rua... hoji im dia a genti tem que ivitá certas turma... **porque sinão** uma hora o otra toma uma chacualhada... (E – 11a)

- COMO PORÉM

(50) A sua bôa saude, é o que primeiro desejo sinceramente.

Já ha muito tempo desde que recebi uma carta de meu padrinho, *Doutor* Ricardo Heyse, e a cujo respeito escrevo-lhe esta, a qual tenho vindo dia a dia retardando, por não querer, de qualquer modo, ir encomodar a Senhora.

Como porem, a pessoa de quem tracto é não só meu Padrinho, como ainda foi um dos maiores amigos de Papae, - não me é possível, por mais que isto me pese, deixar de levar-lhe este pedido, entre as tantas importunações que se costumam receber no Palacio do Governo. (CPWL XX – 1921)

- QUE SE

(72) as as lei é qui tá errada ((interferência da esposa)) as lei... **qui si** um cara prendi... u cara às veiz istrupa uma minina aí... fica dois dia presu nu otu dia tá sortu... di quem é a culpa?... a a a justiça porque a pulícia levô eli feiz a obrigação né?... agora a justiça sortô pur quê?... (P – 17a)

- ENTÃO QUANDO

(73) eu gostu di chegá assim: seti meia oitu hora pra saí cedu né?... **intão quandu** é patru i meia quinzi pra cincü assim memü qui tenha alguma coisa pa fazê elas manda eu largá largá pará tomá meu banhu i vím imborá... elas memü reconheci qui é longi...(D – 10b)

- SE CASO

(55) Inf já volta juntü i vem fazendu assistêcia nu carru **si casu** dé um detalhi nu caminhu... intão a veiz (b – 23b)

- ENTÃO SE

(74) intão antigamenti chamava caramel... qui vinha umas lata intão hoji elis num fala caramel né? **intão si** a genti fala caramel elis tira u sarru né?... (1 – 1 a)

- ENTÃO JÁ QUE

(57) TOdu anu a genti tem qui gastá um dinherão cum material né?... lápi cadernu é borracha é apontador... tudu... **intão... já qui** vão na iscola i num tão aprendenu nada issu aí tá é um dinheru jogadu fora... num é? (P-17a)

- POIS CASO

(51) Dirijo-me ao *Senhor*, porque a sua opinião pela justiça de que se reveste e pelo prestígio que o *Senhor*, goza na familia é a que predomina. Não allego minha situação ainda financeiramente incerta nem o facto de Vóvó ter me dito que não cobraria a lettra e com ella me presentearia no meu anniversario mas, antes de me dirigir aos outros herdeiros quero que o *Senhor*, se pronuncie **pois, caso** ache que eu deva pagar eu o farei sem ouvir os outros (CPWL XX - 1927)

d) Conjunção subordinada + Conjunção coordenada

- SE PORÉM

(54) Mas sim. Não tenho mais nada com a Literatura, que nem olho mais. **Se, porém**, você e o poeta quiserem aparecer no quinzenário, mandarei a colaboração ao Schmidt. (MB, p. 1406)

- COMO PORÉM

(50) A sua bôa saude, é o que primeiro desejo sinceramente.

Já ha muito tempo desde que recebi uma carta de meu padrinho, *Doutor* Ricardo Heyse, e a cujo respeito escrevo-lhe esta, a qual tenho vindo dia a dia retardando, por naô querer, de qualquer modo, ir encomodar a Senhora.

Como porem, a pessoa de quem tracto é naô só meu Padrinho, como ainda foi um dos maiores amigos de Papae, - naô me é possivel, por mais que isto me pese, deixar de levar-lhe este pedido, entre as tantas importunações que se costumam receber no Palacio do Governo. (CPWL XX – 1921)

e) **Conjunção subordinada + locução conjuntiva**

(49) não... eu fiz e quando chegô a carta aqui pra mim... nossa... fiquei toda feliz... pensando que era um pouquinho mais né pa ajudá... **p'que... já que** eu tô parada e tal né... aí quando eu vejo... veio Bolsa-Escola né... mais é tão poquinho viu.. o governo podia... esticá ((ri)) **(BD XV)**

Outras combinações do mesmo tipo:

- POIS MESMO QUE

(52) Confórme você resolver com os homens, eles seguirão terça-feira para liquidar o negocio em Londres, assim sendo mais uma vez peço providenciar sobre os documentos, **pois mesmo que** não se faça servirão para quando fizéres. **(CPWL XX – 1914)**

- PORQUE MESMO QUE SE

(53) achu qui é uma facilidadi qui eli faiz... nu meu modu di pensá... achu qui é facilitadu **purque: mesmu qui si** é pela prefeitura é controladu pelu governu (b -23b)

f) **Locução conjuntiva + conjunção subordinada**

(43) não foi pra mim não foi difícil **por causa que quando** no dia que eu cheguei... parece mentira mais é verdade no dia que eu cheguei eu arrumei serviço então qué dizê eu cheguei hoje com a.... à tarde memo à noite eu já tinha lá a minha prima que já tava trabaiano aqui **(BD XIV)**

Outras combinações:

- SÓ QUE QUANDO

(36) O som é 'Echo' puro, **só que qdo.** entra o vocal, o transe acaba... (CPP, 15Dez/1990)

- DE MANEIRA QUE SE

(59) u professor dissi “bom... si você quisé um dia fazê uma facuDA di... seria bom você fazê:... a:: u colegial... NE di contabiliDA di NE?”... intão NE foi na casa NE i NE feiz três anu di contabilidadi di qui é equivalenti ao colegial NE?... **di manera qui si** amanhã o dipois NE quisé prestá uma facudadi NE podi NE?... (X – 21a)

A análise dessa tipologia de combinações permite as seguintes generalizações:

- 1) Par conjuncional introduzido por um conector coordenado: as conjunções coordenadas – E, MAS e OU – quase sempre ocupam a primeira posição do par conjuncional e não se combinam. Só encontrei dados em que elas aparecem com conjunções subordinadas e locuções.
- 2) Houve dois casos em que uma conjunção coordenada ocupou a segunda posição: COMO PORÉM e SE PORÉM.
- 3) As conjunções subordinadas, por seu turno, aparecem nas duas posições do par conjuncional. O mesmo ocorre com as locuções conjuntivas.

8.3. Algumas características sintáticas das construções de dupla conjunção

Em seu estudo sobre as conjunções, Ilari (2008) procura elaborar uma classificação semântica dessas estruturas. Para tanto, realiza “Alguns testes em chave semântica” (p. 845). Quatro desses testes guardam relações com a sintaxe e parecem, em princípio, bons instrumentos para uma caracterização das construções de dupla conjunção. São eles: a clivagem, a negação, a restrição/focalização e a ordem das sentenças.

8.3.1 Clivagem

Conforme Conceição Pinto & Ribeiro (2008), as construções clivadas são estruturas focalizadoras que apresentam estatutos sintático e semântico específicos. Para os fins desta pesquisa, ela consiste na introdução da expressão de descontinuidade “e... que...”, a fim de verificar se o período complexo conserva a sua validade semântica e/ou gramatical. Eis os resultados:

- E COMO:

(75) De uma vez que marquei encontro com o Guimarães na Livraria Católica, ele custou a dar as caras **e como** eu tivesse encontro combinado em outro lugar, deixei o vale com o Schmidt. Pois o excomungado perdeu-o! E agora eu não sei a que artigo corresponde! (MB, p. 1402)

*(75a) De uma vez que marquei encontro com o Guimarães na Livraria Católica, ele custou a dar as caras É **e como** eu tivesse encontro combinado em outro lugar, QUE deixei o vale com o Schmidt.

- Mas SE:

(76) tê u lugar da ge/ da genti... a casinha da genti nem qui num fossi uma casa boa mais... issu é meu deseju qui eu tinha né? **mais si** deus quisé achu qui eu ainda consigu né? (B -8b)

*(76a) tê u lugar da ge/ da genti... a casinha da genti nem qui num fossi uma casa boa mais... issu é meu deseju qui eu tinha né? É **mais si** deus quisé QUE achu qui eu ainda consigu né?

- E QUANDO:

(77) Ora pois, dadas semelhantes e angustiosas circunstancias, o God Almighty da caatinga não tem residerncia fixa **e quando** a conferencia da baixada fluminense não rende nada, come barata em hoteisinhos da Estação Pedro II. (RJ, 21/10/39 – **RMB**, p. 33.)

*(77a) Ora pois, dadas semelhantes e angustiosas circunstancias, o God Almighty da caatinga não tem residerncia fixa É **e quando** a conferencia da baixada fluminense não rende nada, QUE come barata em hoteisinhos da Estação Pedro II.

- E SE:

(78) No plano incluiríamos logo obrinhas pequenas com duas ou três gravuras, suponhamos “Rosa, Rosa de Amor” do Vicente, “Y-Juca Pirama” do Gonçalves e “Navio Negreiro” do Castro. Em prosa, uma edição do Sargento de Milicias?

E si a coisa pegar, uma outra do “Macário” do Alvares de Azevedo. O diabo é ilustradores, não há. ((RJ, 31/10/39 – **RMB**, p. 36.)

*(78a) É **E si** a coisa pegar, QUE uma outra do “Macário” do Alvares de Azevedo. O diabo é ilustradores, não há.

- E ENTÃO:

(23) É uma técnica do aporrinhado, de quem não quer fazer as coisas, mas é obrigado a fazê-las **e então** faz com uma má vontade exata e sincera. (**MB**, p. 1402)

?(23c) É uma técnica do aporrinhado, de quem não quer fazer as coisas, mas é obrigado a fazê-las É **e então** QUE faz com uma má vontade exata e sincera.

- OU ENTÃO:

(27) ieu eu num via nada mais ó... eu pensava qui elis tava mi dandu água di açúca pra mim **ou intão** chá pra eu tomá qui eu dueci di novu... (K -14b)

*(27b) ieu eu num via nada mais ó... eu pensava qui elis tava mi dandu água di açúca pra mim É **ou intão** chá pra eu tomá QUE qui eu dueci di novu... (K -14b)

- OU SE NÃO:

(26) além du trombadinha é um lugar qui a genti num::... conformi u: lugar qui a genti vai ou vem du serviçu assim... num sabi u qui si tá si passandu na sua casa... intão as vezes aconteci di quando cê chega im casa já tá tudu robadu... **ou sinão** já entraru prejudicô sua patroa prejudicô us filhu intão num tem um si/ num tem uma sigurança (b – 23b)

*(26c) além du trombadinha é um lugar qui a genti num::... conformi u: lugar qui a genti vai ou vem du serviçu assim... num sabi u qui si tá si passandu na sua casa... intão as vezes aconteci di quando cê chega im casa já tá tudu robadu... É **ou sinão** QUE já entraru prejudicô sua patroa prejudicô us filhu intão num tem um si/ num tem uma sigurança

- MAS COMO:

(79) Peço ao bom Tio relevar essa consulta tão impertinente **mas, como** muito devo ao *Senhor*, e, prezo altamente a sua decisão, dirijo-me ao *Senhor*, a quem peço o favor de uma resposta. (**CPWL XX – 1927**)

*(79a) Peço ao bom Tio relevar essa consulta tão impertinente É **mas, como** muito devo ao *Senhor*, e, prezo altamente a sua decisão, QUE dirijo-me ao *Senhor*, a quem peço o favor de uma resposta

- MAS QUANDO:

(80) Ah! Tbém está p/ sair uma foto comigo no meio da “turma” no “O Estado de SP”, mas o dia eu ñ sei ao certo, **mas qdo** sair eu sou a primeira a te informar, ta? (CPP, 11/Fev/1992)

*(80a) Ah! Tbém está p/ sair uma foto comigo no meio da “turma” no “O Estado de SP”, mas o dia eu ñ sei ao certo, É **mas qdo** sair QUE eu sou a primeira a te informar, ta?

- AGORA SE:

(81) intão é pur issu qui eu falu qui tem qui sê enérgicu... i duru mesmu... **agora si** si um dia eu batê num fiu meu... i a pulícia vim achá rúim... eu falu “intão leva pra vocêis i caba di criá”... (P-17a)

*(81a) intão é pur issu qui eu falu qui tem qui sê enérgicu... i duru mesmu... É **agora si** si um dia eu batê num fiu meu... i a pulícia vim achá rúim... QUE eu falu “intão leva pra vocêis i caba di criá”...

- MAS EMBORA:

(38) Mais ou menos imagino quem são os grãfinissimos da intelligencia, **mas embora** a sua (de você) idoneidade seja mais que suficiente, fica besta esse segredo pra um participante moral da coisa. Desembuche que ainda sei guardar segredo. (RJ, 21/10/39 – **RMB**, p. 32.)

*(38a) Mais ou menos imagino quem são os grãfinissimos da intelligencia, É **mas embora** a sua (de você) idoneidade seja mais que suficiente, QUE fica besta esse segredo pra um participante moral da coisa

- E APESAR DE:

(14) Apesar das promessas que os homens da Municipalidade fizeram ao Pedro **e apesar do** grande numero de vagas que se tem dado n’aquella repartição e que tem

sido preenchidas, nada arranjei e creio que nada arranjarei por este lado. (CPWL - 1899, p. 53)

*(14b) Apesar das promessas que os homens da Municipalidade fizeram ao Pedro É e **apesar do** grande numero de vagas que se tem dado n'aquella repartição e que tem sido preenchidas, QUE nada arranjei

- MAS APESAR DISSO:

(37) A censura obrigou o pessoal a se vestir mais, **mas apesar disso** um grupo de sujeitos da Liga pela Moralidade vaiou lá uma artista que eles consideraram indecente. (MB, p. 1392)

*(37b) A censura obrigou o pessoal a se vestir mais, **É mas apesar disso** QUE um grupo de sujeitos da Liga pela Moralidade vaiou lá uma artista que eles consideraram indecente. (MB, p. 1392)

- MAS SÓ QUE:

(39)

Doc falô di forró... cê lembra di festa di são juão?

Inf [na minha terra tinha né? **mais só qui** num ia (O -16b)

*(39a)

Doc falô di forró... cê lembra di festa di são juão?

Inf [na minha terra tinha né? É mais só qui QUE num ia

- PORQUE QUANDO:

(82) num dá pra entrá **purque quandu** pinta um carru... u pessoal junta em cima... aquilu ali enchi o carru fica ali nu pontu... vinti trinta minutu quarenta minutus... pa saí (S – 18b)

(82a) num dá pra entrá É purque quandu pinta um carru... QUE u pessoal junta em cima...

- COMO SE:

(83) qui a minha patroa deixi eu fazê da casa DE::la... a Minha casa... porque eu passu u Dla interu na casa dela... eu num passu na minha casa... intão a casa dela é a minha... intão eu arumu **comu si** fossi a minha

(X - 21a)

(83a) intão a casa dela é a minha... intão eu arumu É **comu si** fossi a minha QUE [eu arumu a casa dela]

- COMO QUANDO:

(42) **Como quando** me destes ordem para comprar as acções não me disseste que tinhas pressa, e sendo opinião geral que as acções deviam baixar, deixei de comprar, mesmo também quando quiz comprar não achei um lote de 17 acções pois que um lote pequeno e de numero impar nem sempre se obtem. (CPWL - 1900, p.12)

*(42b) É **Como quando** me destes ordem para comprar as acções não me disseste que tinhas pressa, e sendo opinião geral que as acções deviam baixar, QUE deixei de comprar

- PORQUE SE:

(84) bom ultimamenti podi dizê qui eu num tô trabalhanu porque eu num... num achu... porque a genti pa falá qui tá trabaianu tem qui tê na cartera né?... **porque si** mostrá a cartera branca i tá trabaianu é a mema coisa di num tá... intão eu achu isquisitu (6 – 6a)

*(84a) bom ultimamenti podi dizê qui eu num tô trabalhanu porque eu num... num achu... porque a genti pa falá qui tá trabaianu tem qui tê na cartera né?... É **porque si** mostrá a cartera branca i tá trabaianu QUE é a mema coisa di num tá... intão eu achu isquisitu (6 – 6a)

- SE PORÉM:

(54) Mas sim. Não tenho mais nada com a Literatura, que nem olho mais. **Se, porém**, você e o poeta quiserem aparecer no quinzenário, mandarei a colaboração ao Schmidt. (MB, p. 1406)

*(54c) Mas sim. Não tenho mais nada com a Literatura, que nem olho mais. É **Se, porém**, você e o poeta quiserem aparecer no quinzenário, QUE mandarei a colaboração ao Schmidt.

- PORQUE SE NÃO:

(85) Doc i i i us bandidu são daqui mesmu?

Inf e:ra tudu daqui... mais agora num tem mais... quandu chega algum... qui chega pur aí... já si manda... **purque:... sinão** elis morri NE (O – 16b)

*(85a) e:ra tudu daqui... mais agora num tem mais... quandu chega algum... qui chega pur aí... já si manda... É **purque:... sinão** QUE elis morri NE

- COMO PORÉM:

*(50) A sua bôa saude, é o que primeiro desejo sinceramente.

Já ha muito tempo desde que recebi uma carta de meu padrinho, *Doutor* Ricardo Heyse, e a cujo respeito escrevo-lhe esta, a qual tenho vindo dia a dia retardando, por naô querer, de qualquer modo, ir encommodar a Senhora.

Como porem, a pessoa de quem tracto é naô só meu Padrinho, como ainda foi um dos maiores amigos de Papae, - naô me é possível, por mais que isto me pese, deixar de levar-lhe este pedido, entre as tantas importunações que se costumam receber no Palacio do Governo.

(CPWL XX– 1921)

(50b) A sua bôa saude, é o que primeiro desejo sinceramente.

Já ha muito tempo desde que recebi uma carta de meu padrinho, *Doutor* Ricardo Heyse, e a cujo respeito escrevo-lhe esta, a qual tenho vindo dia a dia retardando, por naô querer, de qualquer modo, ir encommodar a Senhora.

É Como porem, a pessoa de quem tracto é naô só meu Padrinho, como ainda foi um dos maiores amigos de Papae, - QUE naô me é possível, por mais que isto me pese, deixar de levar-lhe este pedido, entre as tantas importunações que se costumam receber no Palacio do Governo.

- QUE SE:

(46) eu toda vida si eu tenho qui fazê uma assim... nu intervalu du dia eu levantu cedu pra mim fazê cedu **que si** u sol isquentá depois si comprica pra genti né? (2 – 2 a)

(46a) i eu toda vida si eu tenho qui fazê uma assim... nu intervalu du dia eu levantu cedu pra mim fazê cedu **É qui si** u sol isquentá QUE depois si comprica pra genti né?

- ENTÃO QUANDO:

(58) a genti num podia nem ...corrê... si coRREssi... costumava a genti às veiz ficá uns treis dias nu matu escondidu né? com medu da fera né? mais quandu voltava... eli falava “você vai apanhá dobradu porque você correu... eu sô seu pai né?... eu sô seu pai ((fala da criança)) **intão quandu** eu falá pra você que eu vô ti batê você tem qui obedecê entendeu?” (5 – 4b)

*(58c) costumava a genti às veiz ficá uns treis dias nu matu escondidu né? com medu da fera né? mais quandu voltava... eli falava “você vai apanhá dobradu porque você correu... eu sô seu pai né?... eu sô seu pai ((fala da criança)) **É intão quandu** eu falá pra você que eu vô ti batê QUE você tem qui obedecê entendeu?”

- SE CASO:

(55) já volta juntu i vem fazendu assistência nu carru **si casu** dé um detalhi nu caminhu... intão a veiz (b – 23b)

(55b) **É si casu** dé um detalhi nu caminhu... QUE já volta juntu i vem fazendu assistência nu carru... intão a veiz

- ENTÃO SE:

(6) é... fechadinho é... **intão si** si uma criança grita (num nivel) mais altu... du otu ladu iscuta tudu. (D – 10b)

(6a) é... fechadinho é... É **intão si** si uma criança grita (num nivel) mais altu... QUE du otu ladu iscuta tudu. (D – 10b)

- ENTÃO JÁ QUE:

(57) TOdu anu a genti tem qui gastá um dinherão cum material né?... lápi cadernu é borracha é apontador... tudu... **intão... já qui** vão na iscola i num tão aprendenu nada issu aí tá é um dinheru jogadu fora... num é? (P-17a)

*(57b) TOdu anu a genti tem qui gastá um dinherão cum material né?... lápi cadernu é borracha é apontador... tudu... É **intão... já qui** vão na iscola i num tão aprendenu nada QUE issu aí tá é um dinheru jogadu fora... num é?

- POIS CASO:

(51) Dirijo-me ao *Senhor*, porque a sua opinião pela justiça de que se reveste e pelo prestígio que o *Senhor*, goza na família é a que predomina. Não allego minha situação ainda financeiramente incerta nem o facto de Vóvó ter me dito que não cobraria a lettra e com ella me presentearia no meu anniversario mas, antes de me dirigir aos outros herdeiros quero que o *Senhor*, se pronuncie **pois, caso** ache que eu deva pagar eu o farei sem ouvir os outros (CPWL XX - 1927)

(51b) mas, antes de me dirigir aos outros herdeiros quero que o *Senhor*, se pronuncie É **pois, caso** ache que eu deva pagar QUE eu o farei sem ouvir os outros

- PORQUE JÁ QUE:

(49) não... eu fiz e quando chegô a carta aqui pra mim... nossa... fiquei toda feliz... pensando que era um pouquinho mais né pa ajudá... **p'que... já que** eu tô parada e tal né... aí quando eu vejo... veio Bolsa-Escola né... mais é tão poquinho viu.. o governo podia... esticá ((ri)) (BD XV)

*(49a) não... eu fiz e quando chegô a carta aqui pra mim... nossa... fiquei toda feliz... pensando que era um pouquinho mais né pa ajudá... **É p'que... já que** eu tô parada e tal né... QUE aí quando eu vejo... veio Bolsa-Escola né... mais é tão poquinho viu.. o governo podia... esticá

- POIS MESMO QUE:

(52) Confórme você resolver com os homens, elles seguirão terça-feira para liquidar o negocio em Londres, assim sendo mais uma vez peço providenciar sobre os documentos, **pois mesmo que** não se faça servirão para quando fizéres. (CPWL XX – 1914)

* (52b) Confórme você resolver com os homens, elles seguirão terça-feira para liquidar o negocio em Londres, assim sendo mais uma vez peço providenciar sobre os documentos, **É pois mesmo que** não se faça QUE servirão para quando fizéres.

- PORQUE MESMO QUE SE:

(53) achu qui é uma facilidadi qui eli faiz... nu meu modu di pensá... achu qui é facilitadu **porque: mesmu qui si** é pela prefeitura é controladu pelu governu (b -23b)

*(53d) achu qui é uma facilidadi qui eli faiz... nu meu modu di pensá... achu qui é facilitadu **É porque: mesmu qui si** é pela prefeitura QUE é controladu pelu governu

- POR CAUSA QUE QUANDO:

(43) não foi pra mim não foi difícil **por causa que quando** no dia que eu cheguei... parece mentira mais é verdade no dia que eu cheguei eu arrumei serviço então qué dizê eu cheguei hoje com a.... à tarde memo à noite eu já tinha lá a minha prima que já tava trabaiando aqui (BD XIV)

(43a) não foi pra mim não foi difícil **É por causa que quando** no dia que eu cheguei... (...) QUE eu arrumei serviço então qué dizê eu cheguei hoje com a.... à tarde memo à noite eu já tinha lá a minha prima que já tava trabaiando aqui

- SÓ QUE QUANDO:

(36) O som é 'Echo' puro, **só que qdo.** entra o vocal, o transe acaba... (CPP, 15Dez/1990)

“(36b) O som é 'Echo' puro, É **só que qdo.** entra o vocal, QUE o transe acaba...

- DE MANEIRA QUE SE:

(59) u professor dissi “bom... si você quisé um dia fazê uma facuDA di... seria bom você fazê:... a:: u colegial... NE di contabiliDA di NE?”... intão NE foi na casa NE i NE fez três anu di contabilidadi qui é equivalenti ao colegial NE?... **di manera qui** si amanhã o dipois NE quisé prestá uma facudadi NE podi NE?... (X – 21a)

*(59b) u professor dissi “bom... si você quisé um dia fazê uma facuDA di... seria bom você fazê:... a:: u colegial... NE di contabiliDA di NE?”... intão NE foi na casa NE i NE fez três anu di contabilidadi qui é equivalenti ao colegial NE?... É **di manera qui si** amanhã o dipois NE quisé prestá uma facudadi NE QUE podi NE?...

Na maioria dos exemplos mostrados, a presença da dupla conjunção inibe a clivagem. Entre os exemplos compatíveis, destacam-se os casos de orações pospostas – COMO SE e SE CASO – e de construções que apresentam uma primeira conjunção causal/ explicativa: PORQUE QUANDO, QUE SE, POIS CASO.

8.3.2 Compatibilidade com a negação

Dado o período complexo “S1, CONJ S2”, Ilari (2008) observa que a negação pode incidir em três posições: antes de cada uma das duas sentenças e antes do conector. Nas construções de dupla conjunção, essas possibilidades se ampliam para cinco posições: antes de cada uma das

orações (geralmente são 3), antes do par conjuncional e no meio das duas conjunções:

(82) num dá pra entrá **porque quando** pinta um carru... u pessoal junta em cima...

NÃO, num dá pra entrá

Não pinta um carru

Não u pessoal junta em cima...

Não **porque quando** pinta um carru...

porque não **quando** pinta um carru...

Para esta pesquisa, realizei apenas um desses testes, com a incidência da negação antes do par conjuncional²⁹, como nos exemplos a seguir:

- E COMO:

*(75b) De uma vez que marquei encontro com o Guimarães na Livraria Católica, ele custou a dar as caras NÃO e como eu tivesse encontro combinado em outro lugar, deixei o vale com o Schmidt.

- Mas SE:

*(76b) tê u lugar da ge/ da genti... a casinha da genti nem qui num fossi uma casa boa mais... issu é meu deseju qui eu tinha né? NÃO mais si deus quisé achu qui eu ainda consigu né?

²⁹ O foco desta pesquisa é a dupla conjunção. Por essa razão, realizei apenas esse teste.

- E QUANDO:

*(77b) Ora pois, dadas semelhantes e angustiosas circunstancias, o God Almighty da caatinga não tem residerncia fixa NÃO e quando a conferencia da baixada fluminense não rende nada, come barata em hoteisinhos da Estação Pedro II.

- E SE:

*(78b) No plano incluiríamos logo obrinhas pequenas com duas ou três gravuras, suponhamos “Rosa, Rosa de Amor” do Vicente, “Y-Juca Pirama” do Gonçalves e “Navio Negreiro” do Castro. Em prosa, uma edição do Sargento de Milicias?

NÃO E si a coisa pegar, uma outra do “Macário” do Alvares de Azevedo. O diabo é ilustradores, não há.

- E ENTÃO:

*(23d) É uma técnica do aporrinhado, de quem não quer fazer as coisas, mas é obrigado a fazê-las NÃO e então faz com uma má vontade exata e sincera.

- OU ENTÃO:

*(27c) ieu eu num via nada mais ó... eu pensava qui elis tava mi dandu água di açúcar pra mim NÃO ou intão chá pra eu tomá qui eu dueci di novu...

- OU SE NÃO:

*(26d) além du trombadinha é um lugar qui a genti num::... conformi u: lugar qui a genti vai ou vem du serviçu assim... num sabi u qui si tá si passandu na sua casa... intão as vezis aconteci di quandu cê chega im casa já tá tudu robadu...NÃO ou sinão já entraru prejudicô sua patroa prejudicô us filhu intão num tem um si/ num tem uma sigurança

- MAS COMO:

*(79b) Peço ao bom Tio relevar essa consulta tão impertinente NÃO **mas, como** muito devo ao *Senhor*, e, prezo altamente a sua decisão, QUE dirijo-me ao *Senhor*, a quem peço o favor de uma resposta

- MAS QUANDO:

(80b) Ah! Tbém está p/ sair uma foto comigo no meio da “turma” no “O Estado de SP”, mas o dia eu ã sei ao certo, NÃO **mas qdo** sair eu sou a primeira a te informar, ta?

Nessa ocorrência, o *não* atua como um elemento de reafirmação. O seu escopo é a porção anterior do texto. A negação não incide sobre a dupla conjunção.

- AGORA SE:

*(81b) intão é pur issu qui eu falu qui tem qui sê enérgicu... i duru mesmu... NÃO **agora si** si um dia eu batê num fiu meu... i a pulícia vim achá rúim... eu falu “intão leva pra vocêis i caba di criá”...

- MAS EMBORA:

*(38b) Mais ou menos imagino quem são os grãfinissimos da intelligencia, NÃO **mas embora** a sua (de você) idoneidade seja mais que suficiente, fica besta esse segredo pra um participante moral da coisa

- E APESAR DE:

*(14c) Apesar das promessas que os homens da Municipalidade fizeram ao Pedro NÃO **e apesar do** grande numero de vagas que se tem dado n’aquella repartição e que tem sido preenchidas, nada arranjei

- MAS APESAR DISSO

*(37c) A censura obrigou o pessoal a se vestir mais, NÃO **mas apesar disso** um grupo de sujeitos da Liga pela Moralidade vaiou lá uma artista que eles consideraram indecente.

- MAS SÓ QUE:

*(39b)

Doc falô di forró... cê lembra di festa di são juão?

Inf [na minha terra tinha né? NÃO **mais só qui** num ia

- PORQUE QUANDO

(82b) num dá pra entrá NÃO **porque quandu** pinta um carru... u pessoal junta em cima...

Como ocorre em (80b), a negação aqui funciona como um elemento reafirmativo e não incide sobre o par conjuncional.

- COMO SE:

(83b) intão a casa dela é a minha... intão eu arumu NÃO **comu si** fossi a minha

(83b) é uma construção válida, mas o seu sentido é totalmente inverso ao da frase original.

- COMO QUANDO:

*(42c) NÃO **Como quando** me destes ordem para comprar as acções não me disseste que tinhas pressa, e sendo opinião geral que as acções deviam baixar, deixei de comprar

- PORQUE SE:

*(84b) bom ultimamenti podi dizê qui eu num tô trabalhanu purque eu num... num achu... purque a genti pa falá qui tá trabaianu tem qui tê na cartera né?... **NÃO purque si** mostrá a cartera branca i tá trabaianu é a mema coisa di num tá... intão eu achu isquisitu

- SE PORÉM:

*(54d) Mas sim. Não tenho mais nada com a Literatura, que nem olho mais. **NÃO Se, porém**, você e o poeta quiserem aparecer no quinzenário, mandarei a colaboração ao Schmidt.

- PORQUE SE NÃO:

*(85b) e:ra tudu daqui... mais agora num tem mais... quando chega algum... qui chega pur aí... já si manda... **NÃO purque:...** **sinão** elis morri NE

- COMO PORÉM:

(50c) A sua bôa saude, é o que primeiro desejo sinceramente.

Já ha muito tempo desde que recebi uma carta de meu padrinho, *Doutor* Ricardo Heyse, e a cujo respeito escrevo-lhe esta, a qual tenho vindo dia a dia retardando, por não querer, de qualquer modo, ir encomodar a Senhora.

NÃO Como porem, a pessoa de quem tracto é não só meu Padrinho, como ainda foi um dos maiores amigos de Papae, - não me é possível, por mais que isto me pese, deixar de levar-lhe este pedido, entre as tantas importunações que se costumam receber no Palacio do Governo.

- QUE SE:

*(46b) i eu toda vida si eu tenhu qui fazê uma assim... nu intervalu du dia eu levantu cedu pra mim fazê cedu **NÃO qui si** u sol isquentá depois si comprica pra genti né?

- ENTÃO QUANDO:

*(58d) costumava a genti às veiz ficá uns treis dias nu matu escondidu né? com medu da fera né? mais quandu voltava... eli falava “você vai apanhá dobradu purque você correu... eu sô seu pai né?... eu sô seu pai NÃO intão quandu eu falá pra você que eu vô ti batê você tem qui obedecê entendeu?”

- SE CASO:

*(55c) já volta juntu i vem fazendu assistêcia nu carru NÃO **si casu** dé um detalhi nu caminhu... intão a veiz

- ENTÃO JÁ QUE:

*(57c) TOdu anu a genti tem qui gastá um dinherão cum material né?... lápi cadernu é borracha é apontador... tudu... NÃO **intão... já qui** vão na iscola i num tão aprendenu nada issu aí tá é um dinheru jogadu fora... num é?

- ENTÃO SE:

*(6b) é... fechadinhu é...NÃO **intão si** si uma criança grita (num nivil) mais altu... du otu ladu iscuta tudu.

- POIS CASO:

*(51c) mas, antes de me dirigir aos outros herdeiros quero que o *Senhor*, se pronuncie NÃO **pois, caso** ache que eu deva pagar QUE eu o farei sem ouvir os outros

- PORQUE JÁ QUE:

*(49b) não... eu fiz e quando chegô a carta aqui pra mim... nossa... fiquei toda feliz... pensando que era um pouquinho mais né pa ajudá... NÃO **p’que... já que** eu tô parada e tal né... aí quando eu vejo... veio Bolsa-Escola né... mais é tão poquinho viu.. o governo podia... esticá

- POIS MESMO QUE:

* (52c) Confórme você resolver com os homens, elles seguirão terça-feira para liquidar o negocio em Londres, assim sendo mais uma vez peço providenciar sobre os documentos, NÃO pois mesmo que não se faça servirão para quando fizéres.

- PORQUE MESMO QUE SE:

*(53e) achu qui é uma facilidadi qui eli faiz... nu meu modu di pensá... achu qui é facilitadu NÃO porque: mesmu qui si é pela prefeitura é controladu pelu guvernu

- POR CAUSA QUE QUANDO:

(43b) não foi pra mim não foi difícil NÃO por causa que quando no dia que eu cheguei... (...) eu arrumei serviço então qué dizê eu cheguei hoje com a... à tarde memo à noite eu já tinha lá a minha prima que já tava trabaiando aqui

É o mesmo caso já visto em algumas outras ocorrências, em que o *não* é um elemento reafirmativo da porção anterior do texto, não atuando sobre o par conjuncional.

- SÓ QUE QUANDO:

*(36c) O som é 'Echo' puro, NÃO só que qdo. entra o vocal, o transe acaba... (CPP, 15Dez/1990)

- DE MANEIRA QUE SE:

*(59c) u professor dissí "bom... si você quisé um dia fazê uma facuDA di... seria bom você fazê:... a:: u colegial... NE di contabiliDA di NE?"... intão NE foi na casa NE i NE feiz três anu di contabilidadi qui é equivalenti ao colegial NE?... NÃO di manera qui si amanhã o dipois NE quisé prestá uma facudadi NE podi NE?...

Em linhas gerais, nessa amostra, o grande número de construções agramaticais atesta que a negação não consegue atuar sobre os pares conjuncionais. Houve apenas um caso em que isso ocorreu: o COMO SE, mas ainda sim houve uma total inversão de sentido em relação à frase original.

Outros dois casos de construções válidas ocorreram porque o *não* funcionou como um elemento reafirmativo da porção anterior do texto; a negação não incidiu sobre o par conjuncional.

8.3.3 Compatibilidade com elementos de focalização e/ou restrição

Este teste consiste em inserir advérbios de focalização e/ou restrição antes do par conjuncional, a fim de verificar a validade da construção. Nessa análise, serão utilizados SÓ (restrição) e EXATAMENTE (focalização).³⁰

- E COMO:

*(75c) De uma vez que marquei encontro com o Guimarães na Livraria Católica, ele custou a dar as caras SÓ/EXATAMENTE e como eu tivesse encontro combinado em outro lugar, deixei o vale com o Schmidt.

- Mas SE:

*(76c) tê u lugar da ge/ da genti... a casinha da genti nem qui num fossi uma casa boa mais... issu é meu desejo qui eu tinha né? SÓ/EXATAMENTE mais si deus quisé achu qui eu ainda consigu né?

- E QUANDO:

*(77c) Ora pois, dadas semelhantes e angustiosas circunstancias, o God Allmighty da caatinga não tem residerncia fixa SÓ/EXATAMENTE e quando a conferencia da baixada fluminense não rende nada, come barata em hoteisinhos da Estação Pedro II.

³⁰ Escolhi aleatoriamente, entre as muitas opções citadas por Ilari (2008), tais como: só, inclusive, até, mesmo, exatamente, precisamente.

- E SE:

*(78c) No plano incluiríamos logo obrinhas pequenas com duas ou três gravuras, suponhamos “Rosa, Rosa de Amor” do Vicente, “Y-Juca Pirama” do Gonçalves e “Navio Negreiro” do Castro. Em prosa, uma edição do Sargento de Milícias?

SÓ/EXATAMENTE **E si** a coisa pegar, uma outra do “Macário” do Alvares de Azevedo. O diabo é ilustradores, não há.

- E ENTÃO:

*(23e) É uma técnica do aporrinhado, de quem não quer fazer as coisas, mas é obrigado a fazê-las SÓ/EXATAMENTE **e então** faz com uma má vontade exata e sincera.

- OU ENTÃO:

*(27d) ieu eu num via nada mais ó... eu pensava qui elis tava mi dandu água di açúcar pra mim SÓ/EXATAMENTE **ou intão** chá pra eu tomá qui eu dueci di novu...

- OU SE NÃO:

*(26e) além du trombadinha é um lugar qui a genti num::... conformi u: lugar qui a genti vai ou vem du serviçu assim... num sabi u qui si tá si passandu na sua casa... intão as vezis aconteci di quando cê chega im casa já tá tudu robadu... SÓ/EXATAMENTE **ou sinão** já entraru prejudicô sua patroa prejudicô us filhu intão num tem um si/ num tem uma sigurança

- MAS COMO:

*(79c) Peço ao bom Tio relevar essa consulta tão impertinente SÓ/EXATAMENTE **mas, como** muito devo ao *Senhor*, e, prezo altamente a sua decisão, QUE dirijo-me ao *Senhor*, a quem peço o favor de uma resposta

- MAS QUANDO:

*(80c) Ah! Tbém está p/ sair uma foto comigo no meio da “turma” no “O Estado de SP”, mas o dia eu ñ sei ao certo, SÓ/EXATAMENTE **mas qdo** sair eu sou a primeira a te informar, ta?

- AGORA SE:

*(81c) intão é pur issu qui eu falu qui tem qui sê enérgicu... i duru mesmu... SÓ **agora si** si um dia eu batê num fiu meu... i a pulícia vim achá rúim... eu falu “intão leva pra vocês i caba di criá”...

(81d) intão é pur issu qui eu falu qui tem qui sê enérgicu... i duru mesmu... EXATAMENTE **agora si** si um dia eu batê num fiu meu... i a pulícia vim achá rúim... eu falu “intão leva pra vocês i caba di criá”...

- MAS EMBORA:

*(38c) Mais ou menos imagino quem são os grãfinissimos da intelligencia, SÓ/EXATAMENTE **mas embora** a sua (de você) idoneidade seja mais que suficiente, fica besta esse segredo pra um participante moral da coisa

- E APESAR DE:

*(14d) Apesar das promessas que os homens da Municipalidade fizeram ao Pedro SÓ/EXATAMENTE **e apesar do** grande numero de vagas que se tem dado n’aquella repartição e que tem sido preenchidas, nada arranjei

- MAS APESAR DISSO:

*(37d) A censura obrigou o pessoal a se vestir mais, SÓ/EXATAMENTE **mas apesar disso** um grupo de sujeitos da Liga pela Moralidade vaiou lá uma artista que eles consideraram indecente.

- MAS SÓ QUE:

*(39c)

Doc falô di forró... cê lembra di festa di são juão?

Inf [na minha terra tinha né? SÓ/EXATAMENTE **mais só qui** num ia

- PORQUE QUANDO:

(82c) num dá pra entrá SÓ/EXATAMENTE **purque quandu** pinta um carru... u pessoal junta em cima...

- COMO SE:

(83c) intão a casa dela é a minha... intão eu arumu SÓ/EXATAMENTE **comu si** fossi a minha

- COMO QUANDO:

*(42d) SÓ/EXATAMENTE **Como quando** me destes ordem para comprar as acções não me disseste que tinhas pressa, e sendo opinião geral que as acções deviam baixar, deixei de comprar

- PORQUE SE:

(84c) bom ultimamenti podi dizê qui eu num tô trabalhanu purque eu num... num achu... purque a genti pa falá qui tá trabaianu tem qui tê na cartera né?... SÓ/EXATAMENTE **purque si** mostrá a cartera branca i tá trabaianu é a mema coisa di num tá... intão eu achu isquisitu

- SE PORÉM:

(54e) Mas sim. Não tenho mais nada com a Literatura, que nem olho mais. SOMENTE **Se, porém**, você e o poeta quiserem aparecer no quinzenário, mandarei a colaboração ao Schmidt.

*(54f) Mas sim. Não tenho mais nada com a Literatura, que nem olho mais. EXATAMENTE **Se, porém**, você e o poeta quiserem aparecer no quinzenário, mandarei a colaboração ao Schmidt.

- PORQUE SE NÃO:

(85c) e:ra tudu daqui... mais agora num tem mais... quando chega algum... qui chega pur aí... já si manda... SÓ/EXATAMENTE **porque:...** **sinão** elis morri NE

- COMO PORÉM:

(50d) A sua bôa saude, é o que primeiro desejo sinceramente.

Já ha muito tempo desde que recebi uma carta de meu padrinho, *Doutor* Ricardo Heyse, e a cujo respeito escrevo-lhe esta, a qual tenho vindo dia a dia retardando, por naô querer, de qualquer modo, ir encomodar a Senhora.

SÓ/EXATAMENTE **Como porem**, a pessoa de quem tracto é naô só meu Padrinho, como ainda foi um dos maiores amigos de Papae, - naô me é possível, por mais que isto me pese, deixar de levar-lhe este pedido, entre as tantas importunações que se costumam receber no Palacio do Governo.

- QUE SE:

(46c) i eu toda vida si eu tenhu qui fazê uma assim... nu intervalu du dia eu levantu cedu pra mim fazê cedu SÓ/EXATAMENTE **qui si** u sol isquentá depois si comprica pra genti né?

- ENTÃO QUANDO:

(58e) costumava a genti às veiz ficá uns treis dias nu matu escondidu né? com medu da fera né? mais quando voltava... eli falava “você vai apanhá dobradu porque você correu... eu sô seu pai né?... eu sô seu pai SÓ/EXATAMENTE **intão quando** eu falá pra você que eu vô ti batê você tem qui obedecê entendeu?”

- SE CASO:

(55d) já volta junto i vem fazendu assistêcia nu carru SÓ/EXATAMENTE **si casu** dé um detalhi nu caminhu... intão a veiz

- ENTÃO SE:

(6c) é... fechadinho é... SÓ/EXATAMENTE **intão si** si uma criança grita (num nivil) mais altu... du otu ladu iscuta tudu.

- ENTÃO JÁ QUE:

*(57d) TOdu anu a genti tem qui gastá um dinherão cum material né?... lápi cademu é borracha é apontador... tudu... SÓ/EXATAMENTE **intão... já qui** vão na iscola i num tão aprendenu nada issu aí tá é um dinheru jogadu fora... num é?

- POIS CASO:

(51d) mas, antes de me dirigir aos outros herdeiros quero que o *Senhor*, se pronuncie SÓ/EXATAMENTE **pois, caso** ache que eu deva pagar eu o farei sem ouvir os outros

- PORQUE JÁ QUE:

(49c) não... eu fiz e quando chegô a carta aqui pra mim... nossa... fiquei toda feliz... pensando que era um pouquinho mais né pa ajudá... SÓ/EXATAMENTE **p'que... já que** eu tô parada e tal né... aí quando eu vejo... veio Bolsa-Escola né... mais é tão poquinho viu.. o governo podia... esticá

- POIS MESMO QUE:

* (52d) Confórme você resolver com os homens, elles seguirão terça-feira para liquidar o negocio em Londres, assim sendo mais uma vez peço providenciar sobre os documentos, SÓ/EXATAMENTE **pois mesmo que** não se faça servirão para quando fizéres.

- PORQUE MESMO QUE SE:

(53f) achu qui é uma facilidade qui eli faiz... nu meu modu di pensá... achu qui é facilitadu SÓ/EXATAMENTE **porque: mesmu qui si** é pela prefeitura é controladu pelu guvernu

- POR CAUSA QUE QUANDO:

(43c) não foi pra mim não foi difícil EXATAMENTE **por causa que quando** no dia que eu cheguei... (...) eu arrumei serviço então qué dizê eu cheguei hoje com a... à tarde memo à noite eu já tinha lá a minha prima que já tava trabaiano aqui

?(43d) não foi pra mim não foi difícil SÓ **por causa que quando** no dia que eu cheguei... (...) eu arrumei serviço então qué dizê eu cheguei hoje com a... à tarde memo à noite eu já tinha lá a minha prima que já tava trabaiano aqui

- SÓ QUE QUANDO:

*(36d) O som é 'Echo' puro, SÓ/EXATAMENTE **só que qdo.** entra o vocal, o transe acaba...

- DE MANEIRA QUE SE:

*(59d) u professor dissu "bom... si você quisé um dia fazê uma facuDA di... seria bom você fazê:... a:: u colegial... NE di contabiliDA di NE?"... intão NE foi na casa NE i NE feiz três anu di contabilidadadi qui é equivalenti ao colegial NE?... SÓ/EXATAMENTE **di manera qui si** amanhã o dipois NE quisé prestá uma facudadi NE podi NE?...

(59e) (...) "... intão NE foi na casa NE i NE feiz três anu di contabilidadadi qui é equivalenti ao colegial NE?... EXATAMENTE **di manera qui si** amanhã o dipois NE quisé prestá uma facudadi NE podi NE?... c

Nesse teste, as construções de dupla conjunção mostraram três situações distintas:

a) a rejeição completa aos elementos de restrição e de focalização – casos do E COMO, MAS SE, COMO QUANDO, POIS MESMO SE, SÓ QUE QUANDO, entre outros.

b) aceitação dos dois elementos: PORQUE QUANDO, PORQUE SE, COMO SE, SE CASO, ENTÃO SE, POIS CASO, entre outros.

c) aceitação de apenas uma das estratégias: AGORA SE e DE MANEIRA QUE SE aceitaram apenas a focalização; o SE PORÉM, apenas a restrição.

8.3.4 Mudança na ordenação das sentenças

- E COMO:

(75) De uma vez que marquei encontro com o Guimarães na Livraria Católica, ele custou a dar as caras **e como** eu tivesse encontro combinado em outro lugar, deixei o vale com o Schmidt. Pois o excomungado perdeu-o! E agora eu não sei a que artigo corresponde! (MB, p. 1402)

*(75d) De uma vez que marquei encontro com o Guimarães na Livraria Católica, ele custou a dar as caras **e** deixei o vale com o Schmidt **como** eu tivesse encontro combinado em outro lugar.

(75e) De uma vez que marquei encontro com o Guimarães na Livraria Católica, ele custou a dar as caras **e** deixei o vale com o Schmidt **porque** eu tivesse encontro combinado em outro lugar.

- Mas SE:

(76) tê u lugar da ge/ da genti... a casinha da genti nem qui num fossi uma casa boa mais... issu é meu desejo qui eu tinha né? **mais si** deus quisé achu qui eu ainda consigu né? (B -8b)

(76d) tê u lugar da ge/ da genti... a casinha da genti nem qui num fossi uma casa boa mais... issu é meu deseju qui eu tinha né? **mais** achu qui eu ainda consigu **si** deus quisé né?

- E QUANDO:

(77) Ora pois, dadas semelhantes e angustiosas circunstancias, o God Almighty da caatinga não tem residerncia fixa **e quando** a conferencia da baixada fluminense não rende nada, come barata em hoteisinhos da Estação Pedro II. (RJ, 21/10/39 – **RMB**, p. 33.)

(77d) Ora pois, dadas semelhantes e angustiosas circunstancias, o God Almighty da caatinga não tem residerncia fixa **e** come barata em hoteisinhos da Estação Pedro II **quando** a conferencia da baixada fluminense não rende nada.

- E SE:

(78) No plano incluiríamos logo obrinhas pequenas com duas ou três gravuras, suponhamos “Rosa, Rosa de Amor” do Vicente, “Y-Juca Pirama” do Gonçalves e “Navio Negreiro” do Castro. Em prosa, uma edição do Sargento de Milicias?

E si a coisa pegar, uma outra do “Macário” do Alvares de Azevedo. O diabo é ilustradores, não há. ((RJ, 31/10/39 – **RMB**, p. 36.)

(78d) (...) **E [faremos]** uma outra do “Macário” do Alvares de Azevedo, **si** a coisa pegar, O diabo é ilustradores, não há.

- E ENTÃO:

(23) É uma técnica do aporrinhado, de quem não quer fazer as coisas, mas é obrigado a fazê-las **e então** faz com uma má vontade exata e sincera. (**MB**, p. 1402)

(23f) É uma técnica do aporrinhado, de quem não quer fazer as coisas, mas é obrigado a fazê-las **e** faz com uma má vontade exata e sincera, **então**.

- OU ENTÃO:

(27) ieu eu num via nada mais ó... eu pensava qui elis tava mi dandu água di açúca pra mim **ou intão** chá pra eu tomá qui eu dueci di novu... (K -14b)

(27e) ieu eu num via nada mais ó... eu pensava qui elis tava mi dandu água di açúca pra mim **ou** chá pra eu tomá, **intão**, qui eu dueci di novu...

- OU SE NÃO:

(26) além du trombadinha é um lugar qui a genti num::... conformi u: lugar qui a genti vai ou vem du serviçu assim... num sabi u qui si tá si passandu na sua casa... intão as vezis aconteci di quando cê chega im casa já tá tudu robadu... **ou sinão** já entraru prejudicô sua patroa prejudicô us filhu intão num tem um si/ num tem uma sigurança (b – 23b)

(26f) além du trombadinha é um lugar qui a genti num::... conformi u: lugar qui a genti vai ou vem du serviçu assim... num sabi u qui si tá si passandu na sua casa... intão as vezis aconteci di quando cê chega im casa já tá tudu robadu...**ou** já entraru **sinão** prejudicô sua patroa prejudicô us filhu intão num tem um si/ num tem uma sigurança

- MAS COMO:

(79) Peço ao bom Tio relevar essa consulta tão impertinente **mas, como** muito devo ao *Senhor*, e, prezo altamente a sua decisão, dirijo-me ao *Senhor*, a quem peço o favor de uma resposta. (CPWL XX – 1927)

*(79d) Peço ao bom Tio relevar essa consulta tão impertinente **mas** dirijo-me ao *Senhor*, **como** muito devo ao *Senhor*, e,prezo altamente a sua decisão (...)

(79e) Peço ao bom Tio relevar essa consulta tão impertinente **mas** dirijo-me ao *Senhor*, **porque** muito devo ao *Senhor*, e,prezo altamente a sua decisão (...)

Assim como ocorreu em (76d-e), a mudança na ordenação foi impedida por uma “estranheza vocabular”. Ao trocar-se *como* pelo conector prototípico *porque*, as construções tornam-se válidas.

- MAS QUANDO:

(80) Ah! Tbém está p/ sair uma foto comigo no meio da “turma” no “O Estado de SP”, mas o dia eu ã sei ao certo, **mas qdo** sair eu sou a primeira a te informar, ta? (CPP, 11/Fev/1992)

(80d) Ah! Tbém está p/ sair uma foto comigo no meio da “turma” no “O Estado de SP”, mas o dia eu ã sei ao certo, **mas** eu sou a primeira a te informar **qdo** sair, ta?

- AGORA SE:

(81) intão é pur issu qui eu falu qui tem qui sê enérgicu... i duru mesmu... **agora si** si um dia eu batê num fiu meu... i a pulícia vim achá rúim... eu falu “intão leva pra vocêis i caba di criá”... (P-17a)

?(81e) intão é pur issu qui eu falu qui tem qui sê enérgicu... i duru mesmu... **agora** eu falu “intão leva pra vocêis i caba di criá”...**si** si um dia eu batê num fiu meu... i a pulícia vim achá rúim...

- MAS EMBORA:

(38) Mais ou menos imagino quem são os grãfinissimos da intelligencia, **mas embora** a sua (de você) idoneidade seja mais que suficiente, fica besta esse segredo pra um participante moral da coisa. Desembuche que ainda sei guardar segredo. (RJ, 21/10/39 – **RMB**, p. 32.)

(38d) Mais ou menos imagino quem são os grãfinissimos da intelligencia, **mas** fica besta esse segredo pra um participante moral da coisa **embora** a sua (de você) idoneidade seja mais que suficiente.

- E APESAR DE:

(14) Apesar das promessas que os homens da Municipalidade fizeram ao Pedro **e apesar do** grande numero de vagas que se tem dado n’aquella repartição e que tem sido preenchidas, nada arranjei e creio que nada arranjarei por este lado. (**CPWL** - 1899, p. 53)

*(14e) Apesar das promessas que os homens da Municipalidade fizeram ao Pedro e nada arranjei **apesar do** grande numero de vagas que se tem dado n'aquella repartição e que tem sido preenchidas.

Nessa ocorrência, a mudança da ordem causa ruptura no processo de adição (“apesar de... e apesar de”), o que invalida essa construção.

- MAS APESAR DISSO:

(37) A censura obrigou o pessoal a se vestir mais, **mas apesar disso** um grupo de sujeitos da Liga pela Moralidade vaiou lá uma artista que eles consideraram indecente. (MB, p. 1392)

?(37e) A censura obrigou o pessoal a se vestir mais, **mas** um grupo de sujeitos da Liga pela Moralidade vaiou lá uma artista que eles consideraram indecente, **apesar disso**

- MAS SÓ QUE:

(39)

Doc falô di forró... cê lembra di festa di são juão?

Inf [na minha terra tinha né? **mais só qui** num ia (O -16b)

*(39d)

Doc falô di forró... cê lembra di festa di são juão?

Inf [na minha terra tinha né? **mais** num ia **só qui**

- PORQUE QUANDO:

(82) num dá pra entrá **purque quandu** pinta um carru... u pessoal junta em cima... aquilu ali enchi o carru fica ali nu pontu... vinti trinta minutu quarenta minutus... pa saí (S – 18b)

(82d) num dá pra entrá **purque** u pessoal junta em cima **quandu** pinta um carru

- COMO SE:

(83) qui a minha patroa deixi eu fazê da casa DE::la... a Minha casa... porque eu passu u Dla interu na casa dela... eu num passu na minha casa... intão a casa dela é a minha... intão eu arumu **comu si** fossi a minha

(X - 21a)

(83d) intão a casa dela é a minha... intão eu arumu **comu** [arrumaria] **si** fossi a minha

- COMO QUANDO:

(42)

Como quando me destes ordem para comprar as acções não me disseste que tinhas pressa, e sendo opinião geral que as acções deviam baixar, deixei de comprar (**CPWL** - 1900, p.12)

(42e) **Como** não me disseste que tinhas pressa **quando** me destes ordem para comprar as acções e sendo opinião geral que as acções deviam baixar, deixei de comprar

- PORQUE SE:

(84) bom ultimamenti podi dizê qui eu num tô trabalhanu porque eu num... num achu... porque a genti pa falá qui tá trabaianu tem qui tê na cartera né?... **porque si** mostrá a cartera branca i tá trabaianu é a mema coisa di num tá... intão eu achu isquisitu (6 – 6a)

(84d) bom ultimamenti podi dizê qui eu num tô trabalhanu porque eu num... num achu... porque a genti pa falá qui tá trabaianu tem qui tê na cartera né?... **porque...** intão... eu achu isquisitu: **si** mostrá a cartera branca i tá trabaianu é a mema coisa di num tá...

- SE PORÉM:

(54) Mas sim. Não tenho mais nada com a Literatura, que nem olho mais. **Se, porém**, você e o poeta quiserem aparecer no quinzenário, mandarei a colaboração ao Schmidt. (MB, p. 1406)

*(54g) Mas sim. Não tenho mais nada com a Literatura, que nem olho mais. **Se** você e o poeta quiserem aparecer no quinzenário, **porém**, mandarei a colaboração ao Schmidt.

Em (54) o par conjuncional SE PORÉM expressa o valor de “condição necessária e suficiente” [= somente se], e esse significado não se mantém quando ocorre a mudança de ordem das orações.

- PORQUE SE NÃO:

(85) [os bandidos] e:ra tudu daqui ... mais agora num tem mais... quandu chega algum... qui chega pur aí... já si manda... **purque:...** **sinão** elis morri NE (O – 16b)

(85d) [os bandidos] e:ra tudu daqui ... mais agora num tem mais... quandu chega algum... qui chega pur aí... já si manda... **purque:...** elis morri **sinão** [si manda] NE

- COMO PORÉM:

(50) A sua bôa saude, é o que primeiro desejo sinceramente.

Já ha muito tempo desde que recebi uma carta de meu padrinho, *Doutor* Ricardo Heyse, e a cujo respeito escrevo-lhe esta, a qual tenho vindo dia a dia retardando, por naô querer, de qualquer modo, ir encommodar a Senhora.

Como porem, a pessoa de quem tracto é naô só meu Padrinho, como ainda foi um dos maiores amigos de Papae, - naô me é possível, por mais que isto me pese, deixar de levar-lhe este pedido, entre as tantas importunações que se costumam receber no Palacio do Governo. (CPWL XX – 1921)

*(50e) **Porém** não me é possível deixar de levar-lhe este pedido **como** a pessoa de quem tracto é naô só meu Padrinho, como ainda foi um dos maiores amigos de Papae

(50f) **Porém** naô me é possível deixar de levar-lhe este pedido, **já que** a pessoa de quem tracto é naô só meu Padrinho, como ainda foi um dos maiores amigos de Papae

- QUE SE:

(46) às vezis... si... eu... às vezi eu... num tinha água né? intão a genti pegava água num poçu num terrenu vaziu intão... i eu toda vida si eu tenhu qui fazê uma assim... nu intervalu du dia eu levantu cedu pra mim fazê cedu **qui si** u sol isquentá depois si comprica pra genti né? (2 – 2a)

(46d) i eu toda vida si eu tenhu qui fazê uma assim... nu intervalu du dia eu levantu cedu pra mim fazê cedu **qui** depois si comprica pra genti **si** u sol isquentá né?

- ENTÃO QUANDO:

(58) a genti num podia nem ...corrê... si coRREssi... costumava a genti às veiz ficá uns treis dias nu matu escondidu né? com medu da fera né? mais quandu voltava... eli falava “você vai apanhá dobradu purque você correu... eu sô seu pai né?... eu sô seu pai ((fala da criança)) **intão quandu** eu falá pra você que eu vô ti batê você tem qui obedecê entendeu?” (5 – 4b)

(58f) mais quandu voltava... eli falava “você vai apanhá dobradu purque você correu... eu sô seu pai né?... eu sô seu pai **intão** você tem qui obedecê **quandu** eu falá pra você que eu vô ti batê entendeu?”

- SE CASO:

(55) já volta juntu i vem fazendu assistência nu carru **si casu** dé um detalhi nu caminhu... intão a veiz (b – 23b)

?(55e) já volta juntu i vem fazendu assistência nu carru **si** dé um detalhi nu caminhu **casu...**

- ENTÃO SE:

(6) é... fechadinho é... **intão si** si uma criança grita (num nivel) mais altu... du otu ladu iscuta tudu. (D – 10b)

(6d) é... fechadinho é... **intão** du otu ladu iscuta tudu **si** si uma criança grita (num nivel) mais altu....

- ENTÃO JÁ QUE:

(57) TOdu anu a genti tem qui gastá um dinherão cum material né?... lápi cadernu é borracha é apontador... tudu... **intão... já qui** vão na iscola i num tão aprendenu nada issu aí tá é um dinheru jogadu fora... num é? (P-17a)

(57e) TOdu anu a genti tem qui gastá um dinherão cum material né?... lápi cadernu é borracha é apontador... tudu... **intão** issu aí tá é um dinheru jogadu fora... **já qui** vão na iscola i num tão aprendenu nada

- POIS CASO:

(51) Dirijo-me ao *Senhor*, porque a sua opinião pela justiça de que se reveste e pelo prestígio que o *Senhor*, goza na família é a que predomina. Não allego minha situação ainda financeiramente incerta nem o facto de Vóvó ter me dito que não cobraria a lettra e com ella me presentearia no meu anniversario mas, antes de me dirigir aos outros herdeiros quero que o *Senhor*, se pronuncie **pois, caso** ache que eu deva pagar eu o farei sem ouvir os outros (CPWL XX - 1927)

(51e) mas, antes de me dirigir aos outros herdeiros quero que o *Senhor*, se pronuncie **pois** eu o farei sem ouvir os outros **caso** ache que eu deva pagar.

- PORQUE JÁ QUE:

(49) não... eu fiz e quando chegô a carta aqui pra mim... nossa... fiquei toda feliz... pensando que era um pouquinho mais né pa ajudá... **p'que... já que** eu tô parada e tal né... aí quando eu vejo... veio Bolsa-Escola né... mais é tão poquinho viu.. o governo podia... esticá ((ri)) (BD XV)

(49d) não... eu fiz e quando chegô a carta aqui pra mim... nossa... fiquei toda feliz... pensando que era um pouquinho mais né pa ajudá... **p'que** eu tô parada e tal... **já que** né... aí quando eu vejo... veio Bolsa-Escola né... mais é tão poquinho viu.. o governo podia... esticá

- POIS MESMO QUE:

(52) Confórme você resolver com os homens, elles seguirão terça-feira para liquidar o negocio em Londres, assim sendo mais uma vez peço providenciar sobre os documentos, **pois mesmo que** não se faça servirão para quando fizéres. (CPWL XX – 1914)

(52e) Confórme você resolver com os homens, elles seguirão terça-feira para liquidar o negocio em Londres, assim sendo mais uma vez peço providenciar sobre os documentos, **pois** servirão para quando fizéres **mesmo que** não se faça [agora].

- PORQUE MESMO QUE SE:

(53) achu qui é uma facilidadi qui eli faiz... nu meu modu di pensá... achu qui é facilitadu **purque: mesmu qui si** é pela prefeitura é controladu pelu governu (b -23b)

(53g) achu qui é uma facilidadi qui eli faiz... nu meu modu di pensá... achu qui é facilitadu **purque:** é controladu pelu governu **mesmu qui si** é pela prefeitura

- POR CAUSA QUE QUANDO:

(43) não foi pra mim não foi difícil **por caso que quando** no dia que eu cheguei... parece mentira mais é verdade no dia que eu cheguei eu arrumei serviço então qué dizê eu cheguei hoje com a.... à tarde memo à noite eu já tinha lá a minha prima que já tava trabaiano aqui (BD XIV)

(43e) não foi pra mim não foi difícil **por caso que** eu arrumei serviço **quando** no dia que eu cheguei...

- SÓ QUE QUANDO:

(36) O som é 'Echo' puro, **só que qdo.** entra o vocal, o transe acaba... (CPP, 15Dez/1990)

(36e) O som é 'Echo' puro, **só que** o transe acaba **qdo.** entra o vocal...

- DE MANEIRA QUE SE:

(59) u professor dissi "bom... si você quisé um dia fazê uma facuDA di... seria bom você fazê:... a:: u colegial... NE di contabiliDA di NE?"... intão NE foi na casa NE i NE feiz três anu di contabilidadi qui é equivalenti ao colegial NE?... **di manera qui si** amanhã o dipois NE quisé prestá uma facudadi NE podi NE?... (X – 21a)

(59f) u professor dissi "bom... si você quisé um dia fazê uma facuDA di... seria bom você fazê:... a:: u colegial... NE di contabiliDA di NE?"... intão NE foi na casa NE i NE feiz três anu di contabilidadi qui é equivalenti ao colegial NE?... **di manera qui** [Eli] podi **si** amanhã o dipois NE quisé prestá uma facudadi NE podi NE?...

Nota-se que maior parte das ocorrências da amostra permitiu a mudança na ordenação de suas sentenças. Esse fato fornece indícios para duas características gerais das construções de dupla conjunção:

1) como foi dito no segundo capítulo deste trabalho, essas ocorrências são formulações marcadas, que resultam do deslocamento à esquerda de uma oração do período complexo. Tal deslocamento faz com que duas conjunções apareçam em sequência.

2) Não há uma "rigidez sintática" entre os elementos de um par conjuncional. A maioria dos testes mostrou que a mudança na ordem das orações desfaz a dupla conjunção.

O quadro a seguir resume algumas das características sintáticas das construções de dupla conjunção:

Teste sintático Dupla Conj.	Clivagem	Negação	Restrição/Focalização	Mudança de ordem
E COMO	-	-	-	- / +
E ENTÃO	?	-	-	+
E QUANDO	-	-	-	+
E SE	-	-	-	+
E APESAR DE	-	-	-	-
OU ENTÃO	-	-	-	+
OU SE NÃO	-	-	-	+
MAS COMO	-	-	-	- / +
MAS QUANDO	-	+	-	+
MAS SÓ QUE	-	-	-	-
MAS EMBORA	-	-	-	+
MAS SE	-	-	-	+
MAS APESAR DISSO	+	-	-	?
AGORA SE	-	-	- / +	?
COMO PORÉM	-	-	-	- / +
COMO SE	+	+	+	+
COMO QUANDO	-	-	-	+
PORQUE SE	-	-	+	+
PORQUE JÁ QUE	-	-	+	+
PORQUE SE NÃO	-	-	+	+
PORQUE QUANDO	+	+	+	+
PORQUE MESMO QUE SE	-	-	+	+
QUE SE	+	-	+	+
SE CASO	+	-	+	?
SE PORÉM	-	-	+ / -	-
POIS CASO	+	-	+	+
POIS MESMO QUE	-	-	-	+
ENTÃO SE	+	-	+	+
ENTÃO QUANDO	-	-	+	+
ENTÃO JÁ QUE	-	-	-	+
POR CAUSA QUE QUANDO	+	+	+ / ?	+
SÓ QUE QUANDO	-	-	-	+
DE MANEIRA QUE SE	-	-	- / +	+

Quadro 6: características sintáticas das construções de dupla conjunção

Os resultados indicam que na amostra dessa pesquisa a compatibilidade com a negação foi o teste com o maior número de resultados negativos, com 29 pares conjuncionais. A clivagem não foi bem sucedida em 23 tentativas (e mais outra duvidosa).

A restrição e/ou focalização foi uma espécie de “ponto de equilíbrio” entre os testes, com leve predomínio dos resultados negativos – 18 vezes, além de 4 outras situações em que apenas um dos advérbios foi aceito.

Por fim, a mudança na ordem das orações teve resultado positivo para 25 dos 33 testes realizados, o que se explica, em grande parte, pelo fato de as construções de dupla conjunção serem resultado do deslocamento de orações num período complexo.

Com relação aos pares conjuncionais, destacam-se E APESAR DE e PORQUE QUANDO, que repetiram sempre o mesmo resultado – negativo no primeiro caso; positivo, no segundo – nos quatro testes realizados.

Uma possível razão para o alto índice de resultados negativos nos testes sintáticos envolvendo as construções de dupla conjunção é o fato de que essas formulações não possuem o mesmo estatuto sintático dos constituintes sentenciais que podem ser clivados, negados, restringidos ou focalizados, como são os casos das orações subordinadas. O par conjuncional, em si mesmo, nem sequer apresenta uma rigidez sintática, como ficou demonstrado nos testes de mudança na ordenação das orações. Assim sendo, do ponto de vista sintático, o mais adequado seria caracterizar essas construções como uma “sequência de conjunções”, e não como um par ou uma dupla conjuncional.

Retomando as questões abordadas nesse capítulo sobre a sintaxe das construções de dupla conjunção, sintetizo:

1. São formulações que envolvem processos distintos: a coordenação e a subordinação. A distinção ocorre em dois aspectos: a) a natureza das orações: coordenação, com orações independentes; subordinação, com orações subordinadas e oração núcleo/principal. b) hierarquia sintática: não ocorre entre as coordenadas e está presente nas subordinadas.

2. Quanto ao modo de construção, há seis combinações possíveis de conjunções e locuções conjuntivas, que resultaram, no *corpus* dessa pesquisa, em 33 pares conjuncionais.

3. Esses pares se mostraram bastante refratários à negação e à clivagem; ficaram num meio termo entre a aceitação e a negação das estratégias de restrição e/ou focalização e foram majoritariamente sensíveis à mudança na ordem das orações no período complexo.

4. Essas construções seriam melhor caracterizadas como uma “sequência de conjunções”, e não como um par ou uma dupla conjuncional.

Considerações finais

Este trabalho procurou oferecer uma visão do que são as construções de dupla conjunção. Nele, há alguns dos meus ingredientes prediletos: 1) a curiosidade que vem desde o mestrado em caracterizar essas construções, geralmente relegadas aos “Outros usos/valores de...”, que quase sempre é a última seção dos estudos descritivos sobre as conjunções; 2) o trabalho com os inquéritos de língua oral popular; e 3) o meu interesse pela semântica e pela sintaxe. Completando o cenário, algumas coisas que para mim eram inéditas até então: a diacronia dos dados, as cartas, a visão multissistêmica da língua e a semântica cognitiva.

Com todos esses elementos, o texto ficou delineado como segue:

No capítulo 1, apresentei algumas considerações básicas sobre as abordagens teóricas que adotei nessa pesquisa: o funcionalismo, a visão multissistêmica da língua e a linguística cognitiva.

No capítulo 2, descrevi as construções de dupla conjunção, que se caracterizam por serem períodos complexos (com no mínimo três orações), em que uma das sentenças se desloca à esquerda, resultando numa sequência de duas conjunções.

Reservei os capítulos 3 e 4 à revisão bibliográfica a respeito das conjunções (terceiro capítulo) e das combinações de orações (quarto capítulo), conforme as seguintes perspectivas: abordagem histórica, gramática tradicional, estudos descritivos, visão multissistêmica da língua e, finalmente, a semântica cognitiva.

No quinto capítulo, descrevi brevemente as características semânticas e sintáticas de algumas conjunções coordenadas e subordinadas: *e*, *ou*, *mas*, *quando*, *porque/como*, *se*.

No capítulo 6, tratei do aparato metodológico nessa pesquisa, bem como da natureza do *corpus* e dos critérios empregados para a seleção das ocorrências.

No sétimo capítulo, iniciei a análise dos dados, abordando a semanticização das construções de dupla conjunção. As questões que me propus responder foram as seguintes:

1) quais os valores semânticos expressos nessas construções?

Foram obtidas 27 combinações semânticas, tais como: “adição e causalidade”, “disjunção e finalidade”, “adversidade e tempo”, “comparação e condição”, “causalidade e tempo”, “explicação e adversidade”, entre outros.

2) Como são obtidos esses valores, levando-se em conta cada elemento do par conjuncional?

A análise dos dados demonstrou como foram obtidos os valores semânticos. Sumariamente: constatei que o primeiro elemento do par conjuncional instaurou 9 valores semânticos – adição, disjunção, adversidade, comparação, causa, explicação, condição, conclusão e consequência. O segundo elemento do par conjuncional, por seu turno, instaurou os seguintes valores: causalidade, comparação, tempo, concessividade, condicionalidade, conclusão, finalidade, explicação.

Vale lembrar ainda duas características semânticas encontradas no *corpus* dessa pesquisa: 1) *Adversidade, condição, causa, comparação* foram valores expressos nos dois elementos do par conjuncional; 2) houve três casos em que o mesmo valor semântico foi expresso simultaneamente pelas duas conjunções: duplas *adversidade, causalidade e condição*.

A respeito da sucessão de eventos cognitivos que são expressos numa construção complexa, as orações de dupla conjunção contém sempre o “evento-fundo”. Isso indica a atuação paralela e simultânea de três domínios do conjunto multissistêmico: a semântica (pela articulação dos eventos Figura e Fundo), o discurso (através das informações de Tópico e Foco) e a sintaxe (pela disposição das orações no período complexo).

A partir da interrelação entre Semântica e Sintaxe, é possível estabelecer os seguintes tipos de estruturas de dupla conjunção:

a) **Conjunções contiguas**, que não formam um pareamento de função e/ou significado: são os casos dos períodos complexos nos quais os conectores se diferenciam entre si pelo valor semântico que expressam e pelo nível sintático a que pertencem.

b) **Conjunções similares** (mas não idênticas) em função sintática e valor semântico: são os casos em que as conjunções pertencem ao mesmo nível sintático e ainda possuem similaridade semântica.

O capítulo 8 tratou da sintaticização dessas construções, também com dois questionamentos a serem respondidos:

1) Como são estruturadas essas construções?

Há seis combinações possíveis de conjunções e locuções conjuntivas, que resultaram em 33 pares conjuncionais.

As conjunções coordenadas – E, MAS e OU – quase sempre ocupam a primeira posição do par conjuncional e não se combinam. Só encontrei dados em que elas aparecem combinadas com conjunções subordinadas e locuções.

As conjunções subordinadas aparecem nas duas posições do par conjuncional. O mesmo ocorre com as locuções conjuntivas.

2) Quais as características sintáticas dessas construções?

Os pares conjuncionais se caracterizaram pela grande rejeição às estratégias de negação e de clivagem; mostraram uma leve tendência de não aceitação das tentativas de restrição e/ou focalização, e, por outro lado, aceitaram majoritariamente a mudança na ordem das orações no período complexo.

Uma possível razão para o alto índice de resultados negativos nos testes sintáticos envolvendo as construções de dupla conjunção é o fato de que essas formulações não possuem o mesmo estatuto sintático dos constituintes sentenciais que podem ser clivados, negados, restringidos ou focalizados, como são os casos das orações subordinadas. Além disso, ficou demonstrado que não há uma rigidez sintática entre as duas conjunções.

Por essas duas razões, do ponto de vista sintático, o mais adequado seria caracterizar essas construções como uma “sequência de conjunções”, e não como um par ou uma dupla conjuncional.

Desbravadas as searas da semântica e da sintaxe, há ainda um campo profícuo para o estudo dos pares conjuncionais: o discurso, no qual questões como os marcadores discursivos e os processos de reformulação – correção, paráfrase e repetição – são primordiais para caracterizar essas construções.

Referências Bibliográficas:

- Andrade, M. (1958). *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, Organização Simões.
- Bandeira, M. (1958) “Epistolário”. In: *Poesia Completa e Prosa*. V. II. Rio de Janeiro, José Aguilar.
- Bechara, E. (2009) *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. – rev. e ampl. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Camacho, R. G. (1999) “Estruturas coordenadas aditivas”. In: Neves, M.H.N. (org.) *Gramática do Português Falado*. V. VII: Novos estudos. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP; Campinas, Editora da Unicamp. Pp. 351-405
- Castilho, A. T. de (2007) Abordagem da língua como um sistema complexo. Proposta funcionalista de mudança lingüística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. Ms
- _____ (2010) *Nova Gramática do Português Brasileiro*. Editora Contexto.
- Christiano & Silva “Usos conjugados de itens conjuncionais: uma abordagem sociofuncionalista”. No prelo.
- Conceição Pinto, C. F. & Ribeiro, I. (2008). “Um estudo sintático discursivo comparativo da clivagem em línguas românicas”. In: Moura, D. (org). *Os desafios da língua: estudos em língua falada e escrita*. Maceió, EDUFAL, p. 401-404.
- Cunha, C e Cintra, L. (2008) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro, Lexikon.
- Coutinho, I. L. (2011). *Gramática Histórica*. Imperial Novo Milênio. Pp. 269-70.
- De Moraes, R. B. Lembrança de Mário de Andrade: 7 cartas. S. Paulo: sem editora, 1979.
- Ilari, R (2008). “As Conjunções”. In: In: Ilari, R. & Neves, M.H.N. (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. V. II: Classes de Palavras e Processos de Construção. Campinas, Editora da Unicamp. Pp. 804-860.
- Kewitz, V. (2007) Gramaticalização e semanticização das preposições a e para no Português Brasileiro (Séculos XIX e XX). São Paulo, FFLCH/USP, Tese de Doutorado.

- Kobashi, C. M. (2004) *Língua Falada – A Ordem Das Orações No Período Condicional No Português Popular Brasileiro: Implicações Semânticas e Gramaticalização*. São Paulo, FFLCH/USP, Dissertação de Mestrado.
- Lehman, C. (1988) "Towards a typology of clause linkage". In: Haiman, J. & Thompson, S. (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing Company. Pp. 181-225
- Lima-Hernandez, M. C. (1998) *Gramaticalização de Combinação de Cláusulas: As Orações de Tempo no Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP.
- Luft, C. P. (1978) *Moderna Gramática Brasileira*. 2. ed. Porto Alegre, Globo.
- Mattos e Silva, R. V. (2006). *O Português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo, Contexto. Pp. 182-188.
- Mira Mateus, M. H. *et alli*. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Lisboa, Editorial Caminho.
- Moraes, C.B. Alguns tipos de orações subordinadas adverbiais. ALFA, Marília (18/19): 1972/1973
- Neves, M. H. M. (1997) *A Gramática Funcional*. São Paulo, Martins Fontes.
- _____ (1999) "As construções condicionais". In: Neves, M.H.N. (org.) *Gramática do Português Falado*. V. VII: Novos estudos. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP; Campinas, Editora da Unicamp. Pp. 397-444.
- _____ (2000) *Gramática de Usos do Português*. São Paulo, Unesp.
- Neves *et al.* (2008) "As construções Hipotáticas". In: Ilari, R. & Neves, M.H.N. (orgs.) *Op. cit.* Pp.933-1015.
- Perini, M. A. (1996) *Gramática Descritiva do Português*. 2. ed. São Paulo, Ática.
- Pezatti, E. G. & Longhin-Thomazi, S. R. (2008) "As Construções Coordenadas". In: Ilari, R. & Neves, M.H.N. (orgs.) *Op. cit.* Pp. 865-932.
- Rodrigues, A. C. S. (1987) *A Concordância Verbal no Português Popular em São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP.
- _____. Português Popular Brasileiro: materiais para seu estudo. In: Modolo, M (org). *História do Português Paulista*. Série Corpus, vol I. São Paulo: Humanitas (no prelo).

- Said Ali, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília, UNB, 1964.
- Silveira Bueno, F. (1944). *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo, Livraria Acadêmica.
- Simões, J. S. & Kewitz, V. (2006). *Cartas Paulistas dos séculos XVIII e XIX*. São Paulo, Ed. Humanitas, publicação em CD-ROM.
- _____ (2009) "A constituição de corpora diacrônicos do português brasileiro e seus traços lingüístico-discursivos". In: Gärtner, Ebehard & Schönberger, Axel (orgs.) *Estudos sobre o Português Brasileiro*. Frankfurt am Main: Valentia, p. 31-47.
- Simões, J. S. (2007) *Sintaticização, semanticização e discursivização das orações reduzidas de gerúndio no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP.
- Talmy, Leonard (2000). *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge / London: The MIT Press, volume 1.
- Vaz Leão, A. (1961) *O Período Hipotético Iniciado Por Se*. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais.